

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO E DOUTORADO

GUILHERME ALMEIDA DE LIMA

**O ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA:
O PROGRAMA DE PESQUISA KANTIANO PARA AS CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de Educação e
Humanidades, da Pontifícia Universidade
Católica do Paraná – PUCPR.

Linha de Pesquisa: Filosofia da Psicanálise
Orientador: Francisco Verardi Bocca

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Sônia Maria Magalhães da Silva – CRB 9/1191

L732e
2023
Lima, Guilherme Almeida de
O estatuto epistemológico da metapsicologia freudiana : o programa de
pesquisa kantiano para as ciências da natureza / Guilherme Almeida de Lima ;
orientador: Francisco Verardi Bocca. – 2023
104 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2023
Bibliografia: f. 97-104

1. Psicanálise - Filosofia. 2. Metapsicologia. 3. Analogia. 4. Naturalismo. 5.
Hermenêutica. 6. Filosofia. I. Bocca, Francisco Verardi. II. Pontifícia Universidade
Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDD. 20. ed. – 100



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM FILOSOFIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 232
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Guilherme Almeida de Lima

Aos dezessete dias do mês de abril de dois mil e vinte e três, às catorze horas, reuniu-se por videoconferência a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca, Prof.^a Dr.^a Fátima Siqueira Caropreso e Prof. Dr. Richard Theisen Simanke, para examinar a dissertação do mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Guilherme Almeida de Lima, ano de ingresso 2021, intitulada: O ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA: O PROGRAMA DE PESQUISA KANTIANO PARA AS CIÊNCIAS DA NATUREZA. Após apresentação e defesa da Dissertação, o mestrando foi aprovado pela Banca Examinadora. Proclamados os resultados, o Presidente da banca outorgou ao candidato o título de Mestre em Filosofia. A sessão encerrou-se às 15h50min. Os avaliadores participaram da defesa por videoconferência e estão de acordo com os termos acima descritos. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelo presidente da banca e pela coordenação do Programa.

Presidente:

Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca (PUCPR)

Membro Externo:

Prof.^a Dr.^a Fátima Siqueira Caropreso (UFJF) Participação vídeo conferência

Membro Externo:

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke (UFJF) Participação vídeo conferência


Prof. Dr. Federico Ferraguto
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia – *Stricto Sensu*



Aos que me inspiram desejo.

Pois a verdade é que não sou, de modo algum, um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, nem um pensador. Sou, por temperamento, nada além de um conquistador — um aventureiro, se você quiser que eu traduza — com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade que são características de um homem dessa espécie.

Sigmund Freud

RESUMO

A presente dissertação se insere no campo da filosofia da psicanálise em sua dimensão brasileira, notadamente no que se refere ao horizonte interpretativo de Zeljko Loparic, em que contempla o método especulativo da metapsicologia freudiana como um correspondente da concepção heurística de ciência no programa científico kantiano para as ciências da natureza. Busca-se mapear, em um primeiro momento (capítulo 1), o estatuto científico da metapsicologia freudiana sob um contraste de leitura entre um Freud energetista (ciências da natureza) e um Freud hermeneuta (ciências do espírito), em que se propõe, como estratégia de solução teórica, pensar a metapsicologia como uma síntese e uma unidade de ciência. Em suma, em um segundo momento (capítulo 2), busca-se analisar a atitude metodológica freudiana na construção da metapsicologia sob a luz do programa de pesquisa kantiano para as ciências da natureza, concebendo a metapsicologia como um método especulativo de pesquisa que leva em conta a funcionalidade e a operacionalidade das teses metapsicológicas, mais do que sua correspondência com os objetos da realidade em si, como é o caso do conceito de *trieb*, na medida em que se apresenta como uma ficção teórica, que se sustenta pela função analógica e metafórica. Nessa dissertação, o sistema epistemológico da metapsicologia freudiana é tomado como um correspondente ao modelo de ciência em seu caráter heurístico. Observamos, enfim, que a suposta dualidade epistemológica entre um Freud energetista e um Freud hermeneuta não se sustenta, uma vez que a identidade epistemológica freudiana se configura essencialmente pela integração entre duas linguagens de natureza supostamente opostas: naturalismo e hermenêutica.

Palavras-chave: Filosofia da Psicanálise. Metapsicologia. Epistemologia. Ciências da Natureza. Analogia.

ABSTRACT

The present dissertation is part of the field of philosophy of psychoanalysis in its Brazilian dimension, particularly with reference to the interpretative perspective of Zeljko Loparic, in which he considers the speculative method of Freudian metapsychology as a correspondent of the heuristic conception of science in the Kantian scientific program for the natural sciences. We will try, in a first moment (chapter 1), to map the scientific status of Freudian metapsychology under a contrasting reading between an energetic Freud (natural sciences) and a hermeneutic Freud (sciences of the spirit), in which we propose, as a theoretical solution strategy, to think of metapsychology as a synthesis and a unity of science. In short, in a second moment (chapter 2), we try to analyze the Freudian methodological attitude in the construction of metapsychology in the framework of the Kantian research program for the natural sciences, conceiving metapsychology as a speculative research method that takes into account the functionality and operability of metapsychological theses, rather than their correspondence with the objects of reality itself, as is the case of the concept of the *trieb*, in so far as it is presented as a theoretical fiction, which is sustained by the analogical and metaphorical function. In this dissertation, the epistemological system of Freudian metapsychology is taken as a correspondent to the model of science in its heuristic character. We observe, finally, that the supposed epistemological duality between an energeticist Freud and a hermeneutic Freud does not work, since the Freudian epistemological identity is essentially made by the integration between two languages of supposedly opposite nature: naturalism and hermeneutics.

Keywords: Philosophy of Psychoanalysis. Metapsychology. Epistemology. Nature Sciences. Analogy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A DUALIDADE EPISTEMOLÓGICA DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA	14
2.1 O demônio positivista: Freud hermeneuta (a leitura hermenêutica de Jean Hyppolite)	17
2.2 A psicanálise é uma <i>Naturwissenschaften</i> : Freud energético (a leitura energética de Ludwig Binswanger)	26
2.3 A metapsicologia como uma síntese: Freud como uma unidade de ciência	31
2. O MÉTODO ESPECULATIVO DA METAPSICOLOGIA NO PROGRAMA DE PESQUISA KANTIANO PARA AS CIÊNCIAS DA NATUREZA	44
2.1 A natureza epistemológica no método científico freudiano: a psicanálise nasce da experiência	52
2.2 Representações-fantasia e ficções heurísticas: o método especulativo de Freud ...	59
2.3 A metafísica kantiana como fundamento especulativo da metapsicologia: a pulsão como uma ficção heurística	67
2.4 A metapsicologia como uma metáfora: a incognoscibilidade do inconsciente e a pulsão como uma analogia	81
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
4. REFERENCIAL TEÓRICO	97

1. INTRODUÇÃO

Tecer os fios teóricos que se amarram aos retalhos filosóficos desta dissertação¹ traduzem sua importância na pesquisa acadêmica no Brasil, considerando que a temática contemplada ecoa a nível nacional e internacional, mobilizando inúmeras instituições de pesquisa científica, responsáveis por sustentar um diálogo frutífero e que se desdobra em diversas práticas intelectuais, desenrolando-se em debates coletivos e em grupos de trabalho².

A recepção filosófica da psicanálise no Brasil se delineia através de um estilo próprio, fruto do desdobramento teórico que a psicanálise suscitou no âmbito da pesquisa em filosofia, desde suas origens francesas³ às discussões contemporâneas no território brasileiro. Desse modo, conforme aponta Simanke (2014), a filosofia da psicanálise como a conhecemos nos dias de hoje se instala como uma disciplina precisamente brasileira, considerando:

[...] a dimensão e o grau de institucionalização que essa área de pesquisa atingiu no Brasil. Do ponto de vista institucional e sociológico, digamos assim, o caráter disciplinar é conferido por alguns fatores bastante concretos, como o número e o grau de inserção acadêmica e institucional dos pesquisadores da área, as redes de colaboração que se constituem, a formalização da pesquisa em programas de pós-graduação e institutos, o acesso a financiamento, a realização regular de eventos da área, em nível regional e nacional e, por fim – uma questão que está bastante na moda nas agências de fomento à pesquisa – o grau de internacionalização da área. Todas essas características se encontram presentes na cena brasileira, isto é, atingimos uma espécie de massa crítica que permite a autoperpetuação e o desenvolvimento mais ou menos espontâneo do trabalho nesse campo. Por exemplo, eu posso me considerar da 2ª geração de pesquisadores nessa área, já que fui aluno de seus pioneiros fundadores (Bento Prado, Osmir Gabbi Jr, Monzani, etc.). Por outro lado, nas nossas relações e intercâmbios com pesquisadores de outros países, que têm sido cada vez mais sistemáticas e frequentes nos últimos anos, é possível perceber que um movimento com essas dimensões não existe em outros lugares. Então, eu acho que dá para dizer que **essa é uma característica brasileira, da filosofia brasileira**. Nossos colegas do exterior têm, aliás, essa percepção de que no Brasil se discute ampla e intensamente essa interface entre psicanálise e filosofia. Eles sempre se surpreendem com o tanto de coisas que acontece por aqui, com o tamanho do público que acorre aos eventos, etc. Isso se reflete também na receptividade aos pesquisadores brasileiros nessa área.⁴

Como ele sugere, devemos reconhecimento ao engrandecimento desta área a Luiz Roberto Monzani, certamente considerado como pioneiro a esta prática filosófica que nasceu na década de 70 do século XX no Brasil, com sua obra *Freud: o movimento de um*

¹ O presente trabalho conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² O XIX Congresso Internacional de Filosofia da PUCPR, ocorrido nos dias 22, 23 e 24 de setembro de 2021 e o IX CIFP - Congresso Internacional De Filosofia Da Psicanálise - Ler Freud: Uma homenagem a Luiz Roberto Monzani, ocorrido entre 29 de novembro e 3 de dezembro de 2021, pelo GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF, por exemplo.

³ As primeiras referências ao estudo da filosofia da psicanálise correspondem aos estudos hermenêuticos de Paul-Laurent Assoun e Jean Hyppolite.

⁴ Simanke, R. T. (2014). Reflexões sobre a área de pesquisa Filosofia da Psicanálise: um depoimento sobre sua constituição em São Paulo. *Revista Analytica*. São João del-Rei. v. 3. n. 4. p. 201-228. janeiro/junho. p. 218

*pensamento*⁵. Sua obra foi uma das que deu fundação e fundamento à filosofia da psicanálise no Brasil, considerando sua tentativa exitosa em sistematizar a problemática desse campo do saber, estabelecendo em sua obra um novo método de leitura de Freud, que busca compreender o sentido próprio da obra freudiana, tomando-a como um texto. Tomar a obra freudiana através de uma referência filosófica pré-estabelecida, portanto, é distorcer a essência intelectual da psicanálise, sendo que a tarefa de Monzani nos demonstra justamente um caminho oposto e frutífero: um método de leitura de Freud que respeite o movimento interno da obra. Continuou Simanke:

É pela via do método que essa nova abordagem descrita e saudada por Monzani se define como filosófica e é por essa via que ela pretende corrigir os abusos e as distorções das interpretações filosóficas da psicanálise que a precederam. Em outra passagem, Monzani aproxima explicitamente essas abordagens “epistemológicas” da metodologia de análise estrutural em história da filosofia, tomando os trabalhos de Laplanche como exemplo.⁶

Para delimitar o recorte da presente dissertação, mapeamos brevemente ao leitor como ocorreu a recepção da filosofia da psicanálise no Brasil, tendo em vista as cinco “atitudes” ou “modos” de circunscrever uma particularidade nesse contexto, de acordo com Fulgencio (2005)⁷, considerando que cada tradição busca atravessar um campo próprio de pesquisa, considerando uma problemática específica em comum. Desse modo, podemos considerar cinco grandes orientações teóricas em relação ao que se conhece como filosofia da psicanálise no Brasil: I) Atitude Bento Prado Jr.; II) Atitude Stein; III) Atitude Gabbi Jr.; IV) Atitude Monzani; e V) Atitude Loparic.

A atitude Bento Prado Jr. consiste na relação indireta com os postulados freudianos, enfatizando, exclusivamente, a análise e crítica das leituras filosóficas sobre a psicanálise, uma vez que denuncia os abusos e distorções que a reflexão filosófica atribui à psicanálise. Em relação a atitude Stein, observamos a articulação entre os pensamentos de Freud e Heidegger, referindo-se, principalmente, à metapsicologia freudiana e às concepções da antropologia fundamental heideggeriana. No que se refere à atitude Gabbi Jr., a psicanálise é tomada do ponto de vista geral da filosofia analítica, utilizando-se, assim, da análise lógica da linguagem, com o objetivo de investigar qual teoria da significação é a mais adequada a proposição freudiana. A atitude Gabbi Jr. postula uma crítica ao empirismo e ao naturalismo

⁵ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989.

⁶ Simanke, R. T. (2010). O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é. Dossiê Temática: Psicanálise e Filosofia: um diálogo possível?. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.11, n.esp., p.189-214, mar. p. 202

⁷ Fulgencio, L.; Simanke, R. T. (orgs.). (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta.

freudiano, em favor de uma filosofia da linguagem para fundamentar a prática hermenêutica que define a psicanálise.⁸

Destacamos a aplicação da atitude Monzani como uma das formas de leitura proeminentes na filosofia da psicanálise no Brasil, em que consiste em adotar o método estruturalista oriundo da tradição francesa da história da filosofia, e utilizá-lo na análise do texto freudiano, preocupando-se, assim, não somente com a definição dos conceitos, mas também com suas articulações epistemológicas, relacionando-os internamente e investigando as continuidades e rupturas de alguns conceitos. A última atitude refere-se à atitude Loparic, em que se baseia na apropriação da psicanálise por meio da tradição filosófico-científica alemã (idealismo alemão), mais especificamente na concepção heurística de ciência e do programa científico kantiano como um horizonte de leitura em Freud, referindo-se, principalmente, ao método especulativo utilizado por Freud na construção do edifício teórico da metapsicologia.⁹

Julgamos ser necessário explicar esse conjunto de tradições e vertentes de leitura da obra freudiana dentro da filosofia da psicanálise no Brasil por meio do panorama descrito acima, para mapear e delimitar o terreno investigativo da presente dissertação. Tomamos, nesse sentido, uma atitude principal para fundamentar a problemática e o percurso da presente pesquisa, sendo, portanto, a Atitude Loparic, por meio da continuidade teórica de Leopoldo Fulgencio, que atribui a continuidade das teses de Loparic nesse contexto.

Justificamos a escolha de Loparic na presente dissertação, tomando-o como um dos recortes temáticos possíveis, sem desprezar, no entanto, a contribuição de Luiz Roberto Monzani, Gabbi Jr., Bento Prado Jr. e Stein na filosofia brasileira. Pensamos essa delimitação necessária para que a pesquisa possa ser exequível, considerando o grau de profundidade de cada vertente.

Tendo isso em vista, justificamos a escolha de Loparic, na medida em que não se trata de estabelecer parâmetros de relação entre os autores ou parâmetros comparativos e de confronto epistemológico e/ou conceitual, mas sim de se apropriar da contribuição do presente autor de modo a fortalecer a identidade e a tradição da pesquisa em filosofia da psicanálise no Brasil, tendo como horizonte investigativo a problemática da presente pesquisa, a saber: mapear o estatuto epistemológico da metapsicologia freudiana, tomando como objeto de estudo a atitude metodológica de Freud. A interrogação que costura o fio condutor da presente pesquisa é, então: qual é o estatuto epistemológico do método freudiano na construção da metapsicologia?

⁸ Fulgencio, L.; Simanke, R. T. (orgs.). (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta.

⁹ Ibidem.

Para responder essa pergunta central, tomamos emprestado de Loparic e Fulgencio a possibilidade de analisar o estatuto epistemológico dos conceitos metapsicológicos, tendo em vista a sua funcionalidade heurística na metapsicologia, tendo-os como correspondentes ao programa científico kantiano. Portanto, Loparic nos propõe uma operacionalidade interpretativa, ou seja, um atalho investigativo, e a partir de um caminho já trilhado, o pesquisador, tal como um arqueólogo, consegue percorrer as pegadas deixadas, com o objetivo de construir a partir de si mesmo, uma concepção que lhe é própria.

Nesse sentido, buscamos no primeiro capítulo iniciar a discussão sobre a clássica bifurcação que se expressa na dualidade epistemológica das correntes posteriores (hermenêutica x energetismo) devido à noção de ‘ruptura’, utilizando-se de autores como Richard Simanke, Fátima Caropreso, Jean Hyppolite, Ludwig Binswanger e Paul Ricoeur, para embasar a problemática sobre a dualidade epistemológica da metapsicologia freudiana, que assume uma bifurcação entre um Freud energetista e um Freud hermeneuta, ou seja, um Freud intrínseco às ciências da natureza, em oposição à um Freud pertencente às ciências do espírito. Temos nesse ponto como estratégia de solução teórica a metapsicologia como uma síntese e uma unidade de ciência.

No segundo capítulo, considerado o núcleo temático da presente dissertação, buscamos contemplar o estatuto epistemológico da metapsicologia freudiana no programa científico kantiano para as ciências da natureza, por meio da atitude Loparic, tendo o método especulativo de Freud como uma tradução do programa kantiano, assim como analisar o estatuto dos conceitos metapsicológico sob esse horizonte filosófico. Não se trata, portanto,

[...] de afirmar que Freud é um seguidor de Kant, ou que ele tomou a filosofia de Kant como modelo para a sua prática científica, mas tão somente mostrar que a atitude teórico-especulativa de Freud corresponde a um instrumento teórico de pesquisa científica já estabelecido em sua época, sobre o qual a influência de Kant não poderia ser negada.¹⁰

A dualidade da natureza teórica da metapsicologia evidencia uma divisão de caráter epistemológica, ou seja, discutida em termos de cientificidade e do seu lugar no panorama científico. Buscamos apresentar, portanto, nesse último momento, como situar o método científico da metapsicologia, utilizando-se de Zeljko Loparic e Leopoldo Fulgencio, cuja filosofia coloca em discussão a presença do ponto de vista heurístico na formulação dos conceitos de Freud, assim como a apresentação do método especulativo na construção da

¹⁰ Fulgencio, L. & Simanke (org). (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta.

metapsicologia em articulação com o programa de pesquisa kantiano *a priori* para as ciências da natureza, lugar em que a metapsicologia assume seu estatuto científico.

Ainda no segundo capítulo, apresentamos o argumento nodal da dissertação, ou seja, a hipótese de que o estatuto epistemológico da metapsicologia freudiana se apresenta como um método especulativo em correspondência com o programa científico kantiano para as ciências da natureza, tendo a analogia e os conceitos puros da razão como ficções heurísticas, fundamentais na pesquisa científica para sustentar a correspondência entre os objetos puros da razão e os objetos empíricos nas ciências da natureza, considerando a necessidade intrínseca à qualquer ciência em ter uma metafísica. A metafísica da psicanálise seria, portanto, a metapsicologia. Trata-se também de investigar na presente dissertação o estatuto epistemológico da metapsicologia freudiana no panorama das ciências, questionando qual é o lugar que a metapsicologia ocupa na construção da psicanálise enquanto uma ciência da natureza, e como os conceitos metapsicológico sustentam esse edifício teórico na pesquisa científica.

A presente dissertação busca explorar epistemologicamente como podemos acolher a problemática sobre o estatuto epistemológico da metapsicologia freudiana dentro dessa concepção de leitura, com o objetivo de mostrar a cientificidade do método metapsicológico dentro do panorama de pesquisa científica. Essa dissertação permite que a cientificidade da psicanálise possa ser mapeada em território brasileiro, com o objetivo de conferir a identidade de pesquisa nesse cenário, enriquecer e reafirmar a tradição da filosofia da psicanálise no Brasil.

A concepção singular construída a partir da presente dissertação diz respeito as inquietações e interrogações surgidas *a posteriori*, mais do que a apreensão de um conjunto de respostas como um fim em si mesmo, uma vez que a metapsicologia freudiana abre possibilidades de interpretações a partir de seu desenvolvimento posterior, como é o caso, por exemplo, da possível comparação entre os dois horizontes de leitura (Monzani e Loparic), as especificidades ontológicas de cada autor e as singularidades epistemológicas de ambos os autores. Embora essa tarefa tenha sido executada parcialmente, decidiu-se optar por somente um horizonte investigativo, tendo como objetivo discutir e analisar essas questões em um momento futuro.

2. A DUALIDADE EPISTEMOLÓGICA DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

“És ciência da natureza ou do espírito”?¹¹

A problemática da linguagem em Freud, mais do que se expressar como um mero detalhe teórico e conceitual, se traduz em um conflito epistemológico de ampla escala, uma vez que é por meio da linguagem utilizada por Freud que as correntes e tradições posteriores desdobraram seus estudos e aprofundamentos epistemológicos sobre a metapsicologia freudiana. Nesse sentido, observamos que Freud apresenta em sua obra duas expressões de linguagens aparentemente opostas.

A metapsicologia se apresenta, por um lado, por meio de um esquema epistemológico fundamentado em elementos neurológicos, correspondente à noção de força, quantidade e investimento energético, e por outro lado, se expressa em uma noção hermenêutica, por meio de um sistema vinculado às representações, sentido, significações e interpretações através de um campo de abstrações conceituais que se distanciam de forma aparente da realidade empírica. De acordo com Politzer (2004):

Não sobra dúvida, portanto, que a psicanálise apresenta uma dualidade essencial. Pelos problemas que levanta e pela maneira como orienta suas investigações, anuncia a psicologia concreta, mas a desmente a seguir pelo caráter abstrato das noções que utiliza, ou que cria, e pelos esquemas de que se serve. Podemos dizer, sem paradoxo, que Freud é tão espantosamente abstrato em suas teorias como é concreto em suas descobertas.¹²

É inegável reconhecer a existência dessa problemática epistemológica de grande magnitude acerca da obra freudiana (e com certeza, um dos problemas centrais com que o leitor se depara), sustentado pela clivagem entre uma representação mecanicista e energética, de um lado, e um trabalho de decodificação e de deciframento do sentido, de outro, ou seja, um conflito entre uma concepção naturalista x hermenêutica. Monzani (2014) nos apresenta o desafio diante essa problemática da seguinte forma:

De qualquer maneira, essa triagem fez escola. É preciso, de agora em diante, escolher entre o Freud hermeneuta e o Freud energetista entre a psicanálise entendida como uma hermenêutica, uma teoria do sentido, sua produção, manifestação e deciframento, e a psicanálise como um discurso mecanicista, herdeiro da maquinaria conceitual positivista do fim do século XIX, mergulhado num energetismo que reduz o sujeito humano a um puro jogo de forças cegas. De fato, as duas linhas de interpretação do pensamento freudiano se firmaram.¹³

¹¹ Assoun, P-L. (1983). Introdução à Epistemologia Freudiana. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 48

¹² Politzer, G. (2004) *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a Psicologia e a Psicanálise*. 2ª Edição. Piracicaba: UNIMEP. p. 163

¹³ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 73-74

É nesse ponto que surge uma das principais bifurcações dentro da tradição filosófica da psicanálise, especificamente no que se refere às análises epistemológicas dos textos freudianos, instaurando duas perguntas centrais, a saber: a psicanálise deve ser contemplada sob seu viés tópico-econômico, ou seja, energético, considerando o aparelho psíquico em sua natureza quantitativa conforme demonstrado no *Projeto...*, ou deve ser abordada sob uma concepção hermenêutica, preocupando-se inteiramente com o sentido das representações, conforme Freud nos apresentou em *A interpretação dos sonhos*?

A pergunta que devemos nos fazer quando nos deparamos com essa problemática entre as duas concepções de leitura sobre a metapsicologia freudiana, é se realmente precisamos nos posicionar em algum dos lados, considerando que até mesmo Freud não reconhecia essa divisão como um conflito epistemológico. Sua intenção sempre foi a de possibilitar a cognoscibilidade das manifestações do inconsciente em um *modus operandi* tal como um cientista, em que a sua abstração conceitual, por exemplo, se tornaria somente uma forma de organização dos dados observados empiricamente na clínica.

Hyppolite, conforme veremos adiante, se apropria de uma concepção hermenêutica, no entanto, mesmo adotando essa postura, em seu texto de 1955, denominado *“Psychanalyse et philosophie”*, coloca que: “Talvez seja preciso evitar trair Freud escolhendo uma interpretação e não outra”¹⁴, porém, mesmo tendo isso em vista, o autor não deixa de expressar suas noções filosóficas enquanto uma psicanálise existencial.

Essa ruptura, em uma análise epistemológica, se apresenta de forma insustentável, pois conforme veremos adiante, não se trata de escolher entre um Freud ou outro, mas sim de acompanhar o desenvolvimento de seu pensamento e o conjunto dessas duas linguagens que se entrelaçam em uma única expressão metodológica de análise do inconsciente: a psicanálise. Pensamos ser fundamental, portanto, situar o leitor no panorama dessa problemática, buscando apresentar as duas concepções opostas a partir da dualidade epistemológica da metapsicologia freudiana (energetismo x hermenêutica) e propor uma possível estratégia de solução desse conflito, a partir da noção de metapsicologia enquanto uma síntese e unidade de ciência.

Essa é a principal tarefa que nos deparamos nesse presente capítulo: conhecer a identidade epistemológica freudiana, buscando mapear e situar um recorte de duas correntes que se firmaram em relação a problemática da epistemologia da psicanálise, conceituando os principais autores e concepções que defendem. Mais do que escolher um

¹⁴ Hyppolite, J. (1971). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 409-410 (Tradução de Joel Birman na introdução do livro *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*, de Jean Hyppolite).

dos lados, trata-se de realizar uma cartografia, buscando ampliar a compreensão da epistemologia freudiana e apresentar uma possível síntese de integração entre as duas leituras.

A dualidade epistemológica é resultado de uma construção histórica e conceitual dentro das ciências, que pode ser explorada por Simanke (2009), em que nos apresenta o panorama dessa discussão. Vemos que o dualismo metodológico que realiza uma divisão entre as ciências naturais e as ciências humanas origina-se no final do século XIX e se perpetua ao longo do século XX, a partir de uma grande reflexão epistemológica.

Enquanto prevaleceu a filosofia da ciência trazida pelo positivismo lógico, esse dualismo frequentemente assumiu a forma de uma repartição entre as ciências que possuíam e as que não possuíam uma possibilidade concreta de se encaixarem no modelo epistêmico da “concepção recebida” da ciência. A crítica filosófica desse modelo, no entanto, não foi imediatamente seguida por um questionamento sistemático da divisão do campo do conhecimento científico entre as ciências naturais e as humanidades. A psicanálise freudiana, porém, que surgiu mais ou menos na mesma época em que essa dualidade foi estabelecida, permaneceu-lhe quase que completamente indiferente. Embora explicitamente alinhado com a perspectiva naturalista, as investigações psicanalíticas freudianas prontamente adentraram o campo das humanidades e se propuseram a elaborar uma teoria social que englobava a arte, a religião, o laço social e a cultura como um todo.¹⁵

Podemos elucidar nessa problemática da dualidade epistemológica, um panorama em relação à essa discussão, entre aqueles que propõem uma tradição excludente da possibilidade de um naturalismo em Freud (Jean Hyppolite), propondo uma leitura hermenêutica da psicanálise e aqueles que reconhecem e enaltecem o naturalismo presente em Freud (Ludwig Binswanger), afirmando convictamente o pertencimento da psicanálise às ciências da natureza. A dualidade dessas concepções opostas entre si (hermenêutica e energética) pode ser traduzida em uma possível estratégia de síntese, pertencente à leitura da psicanálise pela via do sentido (Paul Ricoeur), embora com algumas lacunas teóricas que veremos adiante. Além disso, utilizamos como estratégia de solução dessa problemática o pensamento de Simanke (2009), que nos possibilita pensarmos em um naturalismo integral, ou seja, uma possível integração entre as duas leituras, respeitando a história natural do desenvolvimento da psicanálise.

Para tratar desta questão no presente capítulo, retomamos os argumentos dos autores que se posicionaram cada um em sua tradição filosófica, como Jean Hyppolite (em que afirma a hermenêutica enquanto um possível destino da metapsicologia freudiana); Ludwig Binswanger, que propõe pensarmos a metapsicologia freudiana enquanto uma *Naturwissenschaften*, ou seja, a psicanálise enquanto uma leitura pertencente às ciências

¹⁵ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009. p.221

da natureza; e Paul Ricoeur (em que busca propor uma simultaneidade de ambas as leituras, mas retirando, no entanto, a problemática energética do plano do psíquico). Veremos, dessa forma, como a concepção energética se mostra como um possível elemento de contradições na obra de Freud, quando tomamos as tradições francesas (como Sartre, Merleau-Ponty e Heidegger, por exemplo).

2.1 O demônio positivista: Freud hermeneuta (a leitura hermenêutica de Jean Hyppolite)

Em seu artigo de 2013, intitulado “*Jean Hyppolite, intellectuel-constellation*”¹⁶, Giuseppe Bianco coloca que o protagonismo de Hyppolite não se dá somente enquanto filósofo, mas também enquanto professor de história da filosofia, assim como sua capacidade de disseminação dos textos e dos conceitos filosóficos da época. Além disso, aponta a importância da relação de proximidade entre Hyppolite e Maurice Merleau-Ponty (figura central para a história da filosofia contemporânea francesa).

Tomando a hermenêutica por uma experiência quase sagrada, Hyppolite atribui semelhante importância na concepção epistemológica que privilegia a interpretação dos fenômenos do inconsciente em uma perspectiva do sentido. Nota disso está na maneira com a qual Hyppolite se refere à metapsicologia, o qual pressupõe que em seus primórdios, o seu aspecto econômico e topográfico não passava de uma ilusão de Freud, não atingindo a essência psicanalítica por completa, que seria, em sua leitura, o aspecto hermenêutico da leitura freudiana, afirmando em relação ao positivismo freudiano: “Eis o núcleo duro da psicanálise. Em torno, infelizmente se detecta um registro positivista que estraga o conteúdo, contaminando-o sobretudo por essa concepção topológica, denunciada como a mais patente grosseria positivista”¹⁷.

Jean Hyppolite não reconhece a continuidade teórica em Freud, pois para o filósofo francês há uma ruptura na epistemologia freudiana em relação à sua natureza energética. Se trata, portanto, na presente discussão, explanar sua concepção a partir da leitura extraída de sua obra intitulada *Figures de la pensée philosophique*, publicada em 1955, assim como trazer alguns filósofos que orientaram Hyppolite em seu posicionamento, como Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e Martin Heidegger, por exemplo. Vemos que Hyppolite encara o positivismo intrínseco à metapsicologia como um demônio:

¹⁶ Bianco, G. (2013). Jean Hyppolite, intellectuel-constellation. In: BIANCO, G. (Ed.). *Jean Hyppolite, entre structure et existence*. Paris: Éditions Rue d'Ulm/Presses de l'École Normale Supérieure.

¹⁷ Hyppolite, J. (1971). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 379

Tudo se passa, a seguirmos o raciocínio de Hyppolite, como se a psicanálise pecasse por sua parte teórica: seu valor viria daquilo que ela investiga, das unidades de sentido que elucida; mas sua fraqueza proviria do essencial: da plataforma epistêmica, dos princípios e da linguagem. É demasiado fácil projetar essa fraqueza nas concessões de Freud ao **demônio positivista**. Numa palavra, Freud não teria princípios seus.¹⁸

O ponto fraco da psicanálise, na visão de Hyppolite, estaria situado na sua plataforma epistêmica, devido à apropriação dos elementos positivistas da época, o que se apresenta como uma espécie de personificação de um demônio: o demônio positivista. Para o filósofo francês, a psicanálise poderia ser salva através de uma reatualização da linguagem por meio da fenomenologia, valendo-se de autores do existencialismo e da fenomenologia, como Sartre e Heidegger, por exemplo, afirmando que esse ofício foi realizado de forma exitosa e que abordar a psicanálise por meio do sentido seria o destino ideal desse saber.¹⁹

Começemos pelo mais óbvio. Isto nos mostra, em primeiro lugar, que a metapsicologia tal como foi elaborada por Freud, parecia necessitar de, ao menos, uma revisão para ser aceita na discussão filosófica francesa – tal como Freud a apresenta está ainda ou carregada de um biologicismo, ou ainda impregnada de uma filosofia do sentido. Freud não teria sido radical nem em uma concepção, nem em outra.²⁰

Vemos que o cenário da filosofia francesa em relação a recepção da metapsicologia freudiana se dá em uma perspectiva de distanciamento das raízes energéticas e naturalistas, tendo como resultado uma geração de pensadores a partir dessa crítica, conforme coloca Manzi (2017), em seu trabalho intitulado “Um caso de reducionismo na leitura da metapsicologia freudiana – o caso francês”, que:

Tendo ou não razão em sua avaliação da psicanálise, Politzer determina uma forma de pensar a metapsicologia freudiana na França. Na verdade, é difícil descrever a extensão da importância de Politzer para as primeiras gerações de pensadores franceses no século XX. Ele foi livro de travesseiro de Georges Canguilhem; livro que guiou o jovem Jacques Lacan; que inspirou a fenomenologia francesa de Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, etc. Suas ideias, revolucionárias, marcaram essa geração. Não por acaso veremos um descrédito da metapsicologia freudiana pensada em sua concepção dinâmica, topológica e econômica. A concepção da metapsicologia vista somente a partir do lado do sentido é mais clara na obra de Sartre e Merleau-Ponty.²¹

A leitura de Sartre sobre a psicanálise marcou de forma significativa a forma de se pensar a metapsicologia freudiana, uma vez que, assim como Hyppolite, o filósofo também

¹⁸ Assoun, P-L. (1983). Introdução à Epistemologia Freudiana. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 29. Grifo nosso.

¹⁹ Hyppolite, J. (1971). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955.

²⁰ Manzi, R. (2017). Um caso de reducionismo na leitura da metapsicologia freudiana – o caso francês. p. Revista de Psicanálise Die Hexe. V. 1. N. 1. Set. 2017. (pp.43-56). p. 53

²¹ Manzi, R. (2017). Um caso de reducionismo na leitura da metapsicologia freudiana – o caso francês. p. Revista de Psicanálise Die Hexe. V. 1. N. 1. Set. 2017. (pp.43-56). p. 46

privilegia a psicanálise a partir de um ponto de vista do sentido. A crítica se refere, portanto à dinâmica e a econômica da metapsicologia, considerando que essa concepção se apresenta de forma estritamente biológica, deixando à margem as questões relacionadas à existência.

Contra Freud, Sartre propõe uma psicanálise existencial, que tem como objetivo decifrar os comportamentos empíricos do homem. Ou seja, não buscar interpretar um suposto sentido latente, inconsciente, mas saber interpretar o que se apresenta (seguindo os preceitos da fenomenologia). Sendo fiel ao espírito concreto, o ponto de partida deve ser a experiência e, seu ponto de apoio, a compreensão que o homem tem de sua personalidade.²²

O objetivo de Sartre é postular uma psicanálise da existência, enquanto um “método destinado a colocar à luz, sob uma forma rigorosamente objetiva, a escolha subjetiva pela qual cada pessoa se faz pessoa, quer dizer, se faz anunciar a ela mesma o que ela é”.²³ Além disso, observamos que em sua última reflexão, presente em “*O ser o nada*”, se destina à realizar uma releitura psicanalítica através da ótica do existencialismo, em que notamos claramente sua pretensão de contemplar a psicanálise exclusivamente pelo ponto de vista do sentido.

[...] todo para-si é livre escolha; cada um de seus atos, o mais insignificante como o mais considerável, traduz a escolha e a emana; é o que nomeamos nossa liberdade. Nós apreendemos agora o sentido dessa escolha: ela é escolha de ser, seja diretamente, seja pela apropriação do mundo, ou melhor, os dois ao mesmo tempo. Assim, minha liberdade é ela escolha de ser Deus e todos meus atos, todos meus projetos, traduzem essa escolha e a refletem de mil maneiras, pois ela é uma infinidade de maneiras de ser e de maneiras de ter. A psicanálise existencial tem por objetivo reencontrar, através destes projetos empíricos e concretos, o modo original que cada um tem de escolher seu ser.²⁴

Além de Sartre enquanto uma das referências de Hyppolite, vemos que Merleau-Ponty também se destaca nesse delineamento epistemológico. Merleau-Ponty também rejeita a concepção tópica, dinâmica e econômica da metapsicologia, colocando que a dinâmica das pulsões só denuncia o fato do corpo em si ser no mundo e investir nele, a topologia enquanto uma metáfora de linguagem e a econômica enquanto um meio de investir no mundo. Toda a concepção de Merleau-Ponty se traduz na busca de sentido, tendo as abstrações metapsicológicas freudianas ignoradas com o objetivo da busca de sentido na existência do sujeito. Vemos como a tese de Merleau-Ponty se aplica fortemente como uma atitude de leitura da epistemologia freudiana na França.

²² Manzi, R. (2017). Um caso de reducionismo na leitura da metapsicologia freudiana – o caso francês. p. *Revista de Psicanálise Die Hexe*. V. 1. N. 1. Set. 2017. (pp.43-56). p. 46-47

²³ Sartre, J-P. (2006). *L'Être et le Néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris:Gallimard. p. 620

²⁴ Sartre, J-P. (2006). *L'Être et le Néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris:Gallimard. p. 645

[...] mesmo segundo Freud seríamos injustos em acreditar que a psicanálise excluía descrições de motivos psicológicos e se opõe ao método fenomenológico: ela tem, ao contrário (sem o saber), contribuído a desenvolvê-la afirmando, segundo a palavra de Freud, que todo ato humano ‘tem um sentido’ e buscando compreender em todos os lugares o acontecimento ao invés de o ligar a condições mecânicas.²⁵

Vimos que a pretensão de Sartre é a de construir uma metapsicologia que corresponda à uma psicanálise existencial, com articulações ontológicas, em correspondência com as pretensões teóricas de Merleau-Ponty: a de construir uma fenomenologia do sentido em psicanálise. Observamos, a partir disso, que a metapsicologia se reduz nessas leituras à uma perspectiva exclusivamente do sentido, atribuindo à existência do ser como a dimensão em destaque, tendo a metapsicologia como um espaço de discussão das questões do “ser”.

Em uma perspectiva epistemológica, diz Assoun: “Heidegger e Sartre encarregaram-se de corrigir a linguagem incorreta de Freud. No espírito dos fenomenólogos, não há nem mesmo suspeita de traí-lo, pelo contrário, ambição de completá-lo. Só que ao preço de civilizar sua linguagem grosseiramente positivista”²⁶. Hyppolite enuncia que a psicanálise nos introduz inevitavelmente nesse domínio do sentido, conforme explorado, sendo que essa seria a via efetiva para se desvendar a natureza do inconsciente, apostando fielmente que a pesquisa do sentido introduz o núcleo rudimentar da psicanálise. Nas palavras de Monzani, “Hyppolite não deixa muitas margens a dúvidas e sua interpretação caminha, nitidamente, através de uma escolha: o bom Freud é o Freud exegeta”²⁷.

Nessa perspectiva, podemos observar que o cenário no qual se desdobra a filosofia de Hyppolite, Sartre e Merleau-Ponty corresponde a problemática da relação entre homem e história; e liberdade e determinação. Observamos que para a concepção de Hyppolite, torna-se necessário despir-se do determinismo mecanicista intrínseco à metapsicologia freudiana, em que notamos a influência do existencialismo na medida em que se concebe a ideia do ser humano enquanto um ser determinado historicamente, mas que ao mesmo tempo propõe a noção de um ser “livre”, e que a cada instante deve ser responsável por aquilo que realiza (Sartre), e que se liga no mundo cada um ao seu modo, atribuindo a ele significações (Merleau-Ponty). O determinismo freudiano é rejeitado como um vírus.

Mesmo que Hyppolite tome para si as leituras da ontologia existencial do ser, não deixa de apontar algumas divergências teóricas entre sua concepção em relação às de Sartre e Merleau-Ponty, por exemplo, colocando que os autores realizam uma leitura

²⁵ Merleau-Ponty, M. (1967). *Phénoménologie de la Perception*. Paris:Gallimard. pp. 184-185

²⁶ Assoun, P-L. (1983). Introdução à Epistemologia Freudiana. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 29

²⁷ Monzani, L. R. (2014). Freud: o movimento de um pensamento. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 73

ênfatizando a história em Hegel, em um formato até reducionista, desconsiderando a dialética do ser em geral. Além disso, Hyppolite (1971) considera que o problema foi reduzido em uma concepção histórica do homem, especificando que “[...] trata-se da existência na história, mas essa história é somente a história do homem, não a história do ser”.²⁸

Nos diz Hyppolite, sobre o enaltecimento da via do sentido que o homem realiza para ser no mundo: “Duplo esforço do homem para alcançar suas significações e encontrar a si mesmo em suas significações.”²⁹ Hyppolite, além disso, descreve sua filosofia como: “[...] filosofia da liberdade do homem, engajado na história, em situação histórica, tendo um passado e projetando um porvir, ligado aos outros homens e constituindo com eles uma história”.³⁰

Na dimensão clínica, de acordo com Hyppolite, Freud se apresenta em uma atitude metodológica concreta e fecunda, porém, em uma concepção teórica, a psicanálise se apresenta mais como uma problemática do que um sistema acabado.³¹ Em uma ótica filosófica, a leitura freudiana é curiosa, mas também desanimadora, considerando que os problemas filosóficos ou metafísicos de Freud não são encarados até o fim de sua obra. Vemos na leitura de Hyppolite que o pensamento freudiano é atravessado por uma ambiguidade epistemológica, em que de um lado, se aproxima de uma concepção positivista e neurológica, em que encontramos elementos de uma ciência mecanicista, e por outro lado, desperta reflexões filosóficas sobre o sentido da existência humana, em que encontramos a elaboração do sentido e da significação. Nesse ponto, Hyppolite nos mostra que: “Freud se situa tanto no plano de uma ciência positiva [...] quanto naquele da filosofia.”³²

A preocupação de Freud era a de se manter coerente com as pesquisas de caráter científico positivista, tornando-o até mesmo intimidado com as suas reflexões de cunho filosófico.³³ A relação de Freud com a filosofia, no entanto, sempre foi de um certo distanciamento, pois, afinal, Freud era cientista e não filósofo. A sua pretensão científica enquanto uma atitude objetiva, fez, na visão do autor, com que Freud se distanciasse de

²⁸ Hyppolite, J. (1971a). Histoire et existence. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 986

²⁹ Hyppolite, J. (1971b). Psychanalyse et philosophie. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 374

³⁰ Hyppolite, J. (1971a). Histoire et existence. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 978

³¹ Hyppolite, J. (1971b). Psychanalyse et philosophie. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 374

³² Hyppolite, J. (1971d). L'existence humaine et la psychanalyse. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1959. p. 397

³³ Hyppolite, J. (1971b). Psychanalyse et philosophie. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955.

suas hipóteses metafísicas em um sentido filosófico do termo. Para ele³⁴, a psicanálise conseguiria explorar de forma mais consistente suas descobertas se inaugurasse um sentido pertencente à existência, ou seja, uma “psicanálise existencial”, correspondente à interpretação particular do sentido (em uma concepção humanista e antropológica), com o objetivo de alcançar a dimensão da própria existência do ser em si (ontologia), explorando mais ativamente a sexualidade e a pulsão de morte como elementos que poderiam construir uma metafísica do Ser em psicanálise.

Na ótica de Hyppolite, Freud se aprisionou em um sistema empírico e concreto³⁵, abandonando a dimensão existencial do ser. Essa concepção é tomada de Heidegger, em que vemos a influência do filósofo nas especulações de Hyppolite. Sua tentativa é a de conceber uma leitura psicanalítica por meio da ótica heideggeriana, contemplando a dimensão do humanismo e da antropologia do homem em psicanálise.

Há uma proximidade entre Freud e Heidegger, na visão de Hyppolite, considerando que tanto o psicanalista austríaco, quanto o filósofo alemão constroem suas teorias tendo o concreto e o empírico como ponto de partida de suas pesquisas. Para Freud, o ponto inicial se dá através da história singular de cada sujeito; para o filósofo, tudo se constrói a partir da metafísica. Além disso, ambos consideram que a existência objetiva, individual ou coletiva é uma expressão simbólica que cai no esquecimento, e que se torna necessário retornar e rememorar sempre que possível, como uma espécie de reatualização.

Nessa perspectiva, se a história se constrói nesse movimento de esquecimento e de retorno a ela, tanto no sentido de elaboração, quanto de rememoração, vemos que tanto a psicanálise, quanto a filosofia heideggeriana podem ser contempladas enquanto uma hermenêutica da história existencial do sujeito. O objetivo maior de cada plataforma é, portanto, compreender ou revelar, por meio de um exercício de interpretação, aquilo que remonta ao esquecimento, à repressão e ao recalque, por exemplo.³⁶

É certo que, para Freud, o que a psicanálise deve revelar, por meio, principalmente, das interpretações dos sonhos e dos sintomas, são certas vivências e experiências passadas, arcaicas e infantis. A ideia de que os sintomas assim como as imagens dos sonhos “falam”, traz consigo a tese de que eles possuem um sentido, apontam para uma verdade. São reveladores de um incidente que, em função dos desejos e pulsões que ele despertou, foi vivenciado internamente como ameaçador e que

³⁴ Ibidem.

³⁵ Hyppolite, J. (1971b). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 383

³⁶ Hyppolite, J. (1971b). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 384

precisou ser recalcado e reprimido. Essa verdade inconsciente, contudo, irá pressionar o indivíduo para ser revelada.³⁷

Conforme vemos em uma passagem de Hyppolite, “Ler assim os sintomas, é compreendê-los, é reconstruir sua gênese histórica, compreender também porque o eu precisou reprimi-los, recusá-los”.³⁸ Hyppolite acredita, nesse sentido, que é possível encontrar em Freud o protótipo de uma compreensão de uma história do individual, pensando em uma analítica existencial, ou seja, que corresponderia a uma dimensão transcendental e metafísica do sujeito enquanto reveladora de uma verdade do ser. Isso não é visível em Freud, mas Hyppolite aponta que Freud caminhava a rumo dessa perspectiva, mas que pelos motivos circunstanciais esse horizonte temático foi interrompido ou reconfigurado durante suas investigações, considerando que o objetivo de Freud estava em um outro ponto: o do tratamento das neuroses em um sentido clínico.

Hyppolite nos afirma que Freud nos traz elementos essenciais para se pensar uma metafísica do ser, ou uma analítica existencial do ser, uma vez que reconhece que a verdade do sujeito se dá em uma espécie de reconhecimento de sua história enquanto existência material e concreta, uma verdade que não se refere somente à vida singular do indivíduo, mas também “nos marca todos, na medida em que é a história da relação da criança com o pai e com a mãe, que deve ser sublimada ao longo de toda civilização”³⁹.

Ou seja, vemos que de acordo com o autor é possível conceber em Freud uma verdade que se articula com a história humana em sua historicidade essencial e não somente individual. Essa seria a analítica existencial do ser em psicanálise para Hyppolite.⁴⁰ Nesse sentido, a existência do sujeito não se designa exclusivamente em termos de uma filosofia da natureza e de uma metapsicologia em termos psicológicos, mas amplia-se em uma dimensão que conceba a metafísica do ser, isto é, uma analítica existencial: “[...] a existência humana não é mais somente esse produto da natureza: ela é existência enquanto desvelamento da verdade”.⁴¹

Negar a presença da linguagem positivista em Freud, conforme Hyppolite busca, é ignorar a raiz epistemológica da psicanálise enquanto efeito da formação de Freud, fruto da

³⁷ Noto, C. S. (2017). O deficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. *Revista dois pontos*: Curitiba, São Carlos, volume 14, número 1, p. 145-157. Abril. p. 153

³⁸ Hyppolite, J. (1971b). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 411

³⁹ Hyppolite, J. (1971b). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 421

⁴⁰ Hyppolite, J. (1971b). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 422

⁴¹ Hyppolite, J. (1971c). *Philosophie et psychanalyse*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1959. p. 440

atmosfera intelectual do contexto freudiano. Hyppolite argumenta, nesse sentido, que a concepção positivista para conceber o ser se revela como um caminho infrutífero, pois a manifestação e os acontecimentos da vida psíquica se dão, de acordo com o autor, por meio da significação e dos sentidos ocultos, que determinariam a raiz do inconsciente.

Qual a razão dessa inadequação? Esta inadequação se coloca porque Freud utiliza freqüentemente um modelo "positivista", de características energéticas, para a representação do psíquico, que se contrapõe ao exame minucioso no plano da significação que ele realiza na interpretação dos sintomas e das outras formações do inconsciente. Assim, existiria um contraste e mesmo uma contradição entre o "materialismo da energia" e a "análise intencional". Porém, apesar de que Freud sempre se mantém metodologicamente no registro da significação, ele "jamais abandonará completamente esta representação energética."⁴²

A representação energética, no entanto, nunca foi abandonada por Freud, sendo que esse materialismo é intrínseco à própria natureza da psicanálise. O ponto que se coloca como uma estratégia de superação dessa dualidade é reconhecer que escolher um lado ou outro, ou seja, um posicionamento epistemológico, é, em essência, trair Freud, considerando que escolher uma interpretação em relação à concepção energética ou à concepção hermenêutica é ir contra os próprios fundamentos freudianos, uma vez que Freud nunca quis apresentar uma alternativa de síntese, pois não reconhecia essa sua expressão epistemológica como um conflito.

Não há, portanto, essa problemática das duas linguagens em Freud. O que há é exatamente a proposta de um movimento dinâmico e interno dentro da obra freudiana, indo de uma aproximação, afastamento, reformulação e conceitos que vão de um extremo ao outro. Essa é a essência e a natureza epistemológica freudiana. Trata-se de reconhecer que há em Freud um enlace, ou seja, um encontro de ambas as concepções. Energética e hermenêutica coexistem mutuamente. Monzani nos diz que:

Freud não abandonará nunca completamente esta representação energética; e o contraste é muito forte entre este materialismo da energia e esta análise intencional. Talvez seja preciso evitar trair Freud escolhendo uma interpretação e não outra, pois ele próprio quis uma espécie de síntese, a qual não conseguiu atingir, e há uma originalidade nesta mistura, nesta recusa de separar uma filosofia da natureza e uma filosofia do espírito. Em Freud, vai-se sempre de uma imagem naturalista a uma compreensão, e vice-versa.⁴³

O que se extrai da tentativa de Freud em articular uma filosofia da natureza e uma filosofia do espírito é essencialmente a descoberta do fenômeno pulsional, revelando que toda a problemática poderia ter como hipótese de superação do clássico dualismo entre o

⁴² Hyppolite, J. (1971b). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 409-410 (Tradução de Joel Birman, presente no prefácio do livro de Hyppolite, *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro: Taurus. (Texto original publicado em 1955).

⁴³ Hyppolite, J. (1971). *Ensaio de psicanálise e filosofia*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Taurus. (Texto original publicado em 1955). p. 90

corpo e o espírito o conceito de pulsão (*Trieb*). Portanto, o conceito de pulsão se apresenta como uma espécie de elo intersticial que opera na mediação entre o registro da força e da representação, ocupando um lugar de destaque na metapsicologia freudiana.

A dimensão energética nessa leitura, como vimos, é contemplada como um vírus para o desenvolvimento da plataforma epistemológica freudiana, como se a sua expressão teórica se revelasse como uma ameaça direta à construção hermenêutica e consequentemente, ao desenvolvimento posterior da psicanálise. Além disso, o registro energético é encarado, nessa concepção, como um caminho sinuoso, sujeito à uma insuficiência teórica, considerando que, ao se questionar sobre por onde Freud se mostra falho, Assoun (1983) esclarece que, nessa leitura, é: “Pela *energia*, este maldito e obstinado ponto de vista energético que permanece colado em sua pele como uma maldição: ora, a energia é o inimigo do sentido!”⁴⁴.

A divisão entre as perspectivas epistemológicas dentro da epistemologia freudiana, sustentada, por um lado, pela concepção energética (força), e a concepção amparada pela leitura hermenêutica (sentido), por outro, apresenta uma série de equívocos de natureza teórica dentro da obra freudiana, considerando que a pretensão de Freud nunca foi de superar essa distinção, tendo em vista que para o psicanalista não havia contradição epistemológica entre o naturalismo e a hermenêutica. Como diz Assoun:

É verdade que há no cerne do freudismo uma problemática energética e uma teoria do sentido. Freud, porém, nunca se apresentou como sintetizador da energia e do sentido. [...] Freud não é alguém que passeia de uma à outra, tentando mantê-las juntas e obtendo maior ou menor êxito: ele **nunca dissociou uma da outra!**⁴⁵

Monzani manifesta sua posição em relação à essa problemática afirmando que a contradição entre as duas concepções epistemológicas se expressa em uma contradição direta com a proposta de Freud em relação às suas investigações metapsicológicas, pois, se há algo em Freud que podemos extrair como um aprendizado, dada a sua natureza teórica, é justamente o movimento inaugurado por Freud em evidenciar uma dinâmica inédita em relação ao método que se utiliza para traduzir as manifestações do inconsciente. Como diz Monzani:

Assinalemos o quanto essa clivagem é estranha ao discurso de Freud, o qual, no decorrer de sua obra, jamais deu a entender que vislumbrava qualquer espécie de contradição entre uma técnica de decifração do sentido operada na prática analítica e a sua montagem teórico-conceitual, que procurava dar conta dessa prática. Aos

⁴⁴ Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 30

⁴⁵ Ibidem. p. 30-31. Grifo nosso.

olhos de Freud, tudo indica, não havia a menor contradição, o menor espaço, entre esses dois domínios.⁴⁶

A identidade epistemológica freudiana, portanto, consiste na coexistência mútua entre a concepção hermenêutica e a concepção energética, em que uma atribui condição de existência teórica à outra. Podemos afirmar, então, que Freud nunca se preocupou em circunscrever uma concepção hegemônica, ao contrário disso, Freud sempre conseguiu habilmente integrar ambas as concepções de forma a amparar suas abstrações clínicas e investigativas no campo do inconsciente.

Freud não passeia do naturalismo à hermenêutica, como de um lugar ao outro: nele, **naturalismo e hermenêutica estão vinculados como uma única e mesma linguagem. Eis a realidade epistêmica freudiana que devemos pensar em seu devido lugar.**⁴⁷

Freud não reconhecia esse conflito, uma vez que essa problemática surge em decorrência de uma demanda histórica, fruto do desenvolvimento da discussão filosófica posterior. Para Freud, não havia outro jeito de se fazer psicanálise a não ser enquanto uma ciência natural. Veremos no próximo tópico que essa concepção poderá ser explanada a partir do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger, o qual nos apresenta a leitura freudiana sob sua dimensão energética, operando conceitualmente a partir de seu vislumbre enquanto uma ciência da natureza, ou seja, pertencendo ao que conhecemos como *Naturwissenschaften*, em oposição à uma *Geistwissenschaften*, opondo-se à ideia de que a psicanálise seria uma ciência do espírito.

Adiantamos, mais uma vez, que a bifurcação entre essas duas concepções se apresenta de forma insustentável, sendo que o objetivo da presente explanação é meramente de instrumentalizar o leitor, mapeando a discussão à nível filosófico e epistemológico, considerando que essa divisão marca profundamente um contraste teórico de grande alcance. Veremos como a identidade de um naturalismo intrínseco à Freud é estabelecido, a partir da postura de Ludwig Binswanger.

2.2 A psicanálise é uma *Naturwissenschaften*: Freud energético (a leitura energética de Ludwig Binswanger)

A bifurcação da psicanálise entre ciência da natureza e ciência do espírito se revela como uma problemática epistemológica clássica dentro do rol das ciências, tendo em vista que na atmosfera intelectual em que Freud desenvolveu suas primeiras publicações sobre

⁴⁶ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 72

⁴⁷ Ibidem. p. 31. Grifo nosso.

a psicanálise, a ciência atingia um grau de maturidade experimental, não permitindo equívocos de ordem metodológicos e conceituais, e reivindicando, sobretudo, um método correspondente ao cenário epistemológico da época. Dessa forma, localizar a psicanálise dentro do discurso científico era mais que necessário: se tornava condição de existência a ela. Longe de ser um problema, vemos que essa concepção atravessa qualquer cientista da tradição de formação no contexto do final do século XIX.

Sabe-se que Freud inaugurou a psicanálise em uma concepção energética (mecânico-fisicalista), tendo em sua natureza um pertencimento espontâneo às *Naturwissenschaften*, isto é, às ciências da natureza. A psicanálise é, portanto, em essência, uma ciência natural, sustentada pela concepção energético-fisicalista, conforme aponta Ludwig Binswanger.

A natureza do questionamento de Binswanger era: “qual é a concepção freudiana de homem à luz da antropologia”? Em que responde, em 1936, situando que a natureza humana freudiana se expressa em uma proposta de "elaboração da idéia do *homo natura* numa teoria naturalista [...], pois o processo dialético de redução que Freud utiliza como instrumento metodológico para a construção teórica de sua idéia do homem é, até em seus últimos detalhes, o das ciências naturais".⁴⁸

Freud é filho de sua época, e sua base epistemológica não poderia ser diferente. A identidade freudiana é essencialmente naturalista, pois seus mestres foram os responsáveis por legitimar e despertar a racionalidade científica no jovem neurologista. O embrião psicanalítico é um modelo que se perpetua de seus predecessores, isto é, dos médicos que expressavam esse “otimismo intelectual naturalista” em suas investigações⁴⁹, característica acadêmica do contexto científico na segunda metade do século XIX e do início do século XX e que marca a tradição de formação de Freud. Como disse Assoun:

[...] Assim, Binswanger tem o mérito de pensar essa origem, não como uma contingência, mas como a marca de onde procede a força mesma da mensagem freudiana em sua originalidade: "a esse otimismo intelectual das ciências naturais, à idéia do *homo natura* nele enraizada e por ele construída, invulnerável a todas as influências não naturalistas, que a doutrina freudiana deve sua força conquistadora... o *homo natura* constitui o problema científico no qual o gênio de Freud se verificou, o edifício científico que, com uma inflexibilidade e uma persistência incríveis, construiu a partir do material mutante da vida humana."⁵⁰

A ideia elementar de Binswanger consiste em pensar a psicanálise como uma construção essencialmente naturalista, tendo uma visão de natureza humana sustentada nas ideias científicas de *homo natura*, em oposição às tradições de homem perpetuadas ao

⁴⁸ Binswanger, L. (1970). *Discours, parcours, et Freud*. Paris: Gallimard. (Obra original publicada em 1936). p. 223

⁴⁹ Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 22

⁵⁰ Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 26

longo dos séculos na nossa cultural ocidental, que contemplava a visão de homem em uma concepção da existência histórica ou antropológica.⁵¹ Segundo ele:

Em oposição diametral à tradição milenar da essência do homem como *homo aeternus* ou *homo caelistis*, como homem histórico "geral" ou *homo universalis*, e em igual oposição à concepção moderna ontológico-antropológica do homem como existência "histórica", no sentido pregnante do termo, como *homo existentialis*, trata-se em Freud, vocês sabem, da ideia científica do *homo natura*, do homem como criatura natural.⁵²

O processo dialético que Freud operacionalizou na construção conceitual e teórica dos pressupostos psicanalíticos correspondem diretamente à metodologia utilizada nas ciências naturais, tendo o reducionismo e o determinismo como elementos evidentes nessa proposta. Desse modo, Freud foi naturalista por excelência ao conceber o aparelho psíquico em uma tese energética, e fundamentando-o em elementos que são designados pelas ciências naturais. Segundo Monzani:

Em outros termos, captado em sua imanência, o homem seria como uma natureza, um objeto natural, e, por essa razão, a psicanálise estaria construída segundo o modelo das *Naturwissenschaften*, isto é, a ideia de um *homo natura* seria uma construção naturalista da mesma maneira que a ideia biológica de organismo ou que a ideia física de luz. A grandeza de Freud estaria no fato de ter erigido um edifício doutrinal extremamente sólido e coerente, consequência de sua inflexibilidade metodológica.⁵³

Certamente, a proposta metodológica de Freud foi fruto de inúmeras controvérsias e conflitos internos à obra, considerando que seu protagonismo corresponde diretamente à uma proposta inédita em relação a “somatomorfologia” da experiência do ser humano, tendo a observação teórica e abstrata amparada por uma concepção naturalista, mas considerando também a expressão da corporalidade como uma mescla às produções pulsionais que o configuram: “[...] O corporal, em Freud, se infiltra no psiquismo e, portanto, este já é de início ‘determinado corporalmente’. Ou seja, o aparelho psíquico em Freud é edificado sobre a ‘corporalidade’. Ele é um órgão”⁵⁴, concluiu Binswanger.

A essência da concepção freudiana de natureza humana e de sua construção científica se sustenta em uma visão mecanicista do homem, tendo em vista o fundamento essencialmente biofísicista. Conforme afirma Monzani, “a necessidade mecânica explica,

⁵¹ Binswanger, L. (1970). *Discours, parcours, et Freud*. Paris: Gallimard. (Obra original publicada em 1936). p. 223

⁵² Binswanger, L. (1970). *La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie*. *Discours, parcours et Freud*. p. 201.

⁵³ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 65

⁵⁴ Binswanger, L. (1970). *La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie*. *Discours, parcours et Freud*. p. 215-17. (Tradução de Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 66)

em todos os seus detalhes, a organização do homem. A necessidade substitui a liberdade e o mecanicismo toma o 'lugar da reflexão e da decisão'”⁵⁵.

Sob essa ótica, Binswanger concebeu que o projeto freudiano deveria ser contemplado em uma perspectiva biológica do homem, considerando que o aparelho psíquico construído por Freud se baseia essencialmente em uma concepção de forças biológicas, que adentram em uma espécie de naturalismo corpóreo e fisicalista. Desse modo, o elemento biológico na construção da metapsicologia em seus primórdios se revela em um primeiro plano, sendo a essência da construção teórica freudiana.

Desse modo, vemos que a psicanálise emerge no contexto científico da época como um veleiro flutuante pelos infinitos oceanos, sem chegar a um destino próprio, considerando que as duas concepções epistemológicas adotadas apresentam uma ambiguidade teórica em sua natureza (sentido x força), colocando Freud em uma posição de estrangeiro, alheio à comunidade científica da época⁵⁶. Como dar conta, portanto, do fato de que a psicanálise revela um objeto de estudo que por essência é dividido e que apresenta em sua natureza uma ambiguidade epistemológica?

É importante destacar que a própria natureza do inconsciente se manifesta por meio de ambiguidades, paradoxos e dilemas propriamente antitéticos. O inconsciente, em essência, é um fenômeno que se mostra em conflito enquanto sua condição de constituição. O inconsciente é um objeto de estudo naturalmente paradoxal. Sendo assim, como situar o discurso investigativo da psicanálise enquanto um correspondente à uma concepção epistemológica ou à outra?

Destaca-se que para Freud essa problemática nunca foi foco de suas preocupações. A psicanálise sempre se inseriu em um espaço familiar, isto é, às ciências da natureza, considerando que Freud não conhecia outra forma de se fazer ciência a não ser esta. Para Assoun:

Não escolhe a ciência da natureza contra uma ciência do espírito: quer mostrar, praticamente, que a alternativa não existe, na medida em que, em fato de cientificidade, só pode tratar-se de ciência da natureza. Freud, na aparência, *não conhece outra forma de ciência*. [...] Assim, a lembrança do universo precedente, embora tão constrangedor, tem por lição curiosa o fato de Freud ignorá-lo. A questão dos métodos, aparentemente, não lhe diz respeito. Fato significativo: esta

⁵⁵ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 66

⁵⁶ O estrangeirismo de Freud pode ser vislumbrado na tese de doutoramento de Renato Mezan, em que apresenta os atravessamentos subjetivos de Freud ao se sentir alheio à região em que vivia, devido ao seu não pertencimento cultural e religioso. Esse estrangeirismo de Freud não marca somente uma característica teoria e epistemológica, mas também subjetiva da experiência singular de Freud na comunidade científica. Mezan, R. (2019). *Freud: pensador da cultura*. São Paulo: Editora Blucher. 8ª edição. (Original publicado em 1986).

plácida abstenção das paixões metodologistas constitui, no entanto, o anúncio da posição freudiana em seu meio epistêmico.⁵⁷

A psicanálise é uma *Naturwissenschaft* em um sentido epistemológico do termo, considerando que não há a possibilidade de demarcar um limite exato entre os dois discursos. Freud mostrava-se, contudo, à frente de seu tempo ao não se ocupar na tentativa de uma superação dessa dualidade epistemológica, considerando que ambos os discursos se relacionam mutuamente, assim como dois filhos da mesma mãe, coexistindo mutuamente no movimento interno da obra freudiana, conforme será explorado adiante. Ainda para Assoun:

Não podemos mais traçar um limite exato entre esses dois domínios principais da natureza, nem tampouco podemos estabelecer uma distinção absoluta entre o reino animal e o reino vegetal, ou entre o mundo animal e o mundo humano. Conseqüentemente, consideramos também toda a ciência humana como um único edifício de conhecimentos, e rejeitamos a distinção corrente entre a ciência da natureza e a ciência do espírito. A segunda constitui apenas uma parte da primeira ou, reciprocamente, ambas constituem apenas uma ciência.⁵⁸

No entanto, uma das críticas atribuídas à essa leitura (conforme vimos em Hyppolite) é a ausência de uma hermenêutica da existência humana, apresentando-se como uma espécie de reducionismo biológico, sem dar espaço para a expressão da existência enquanto um sentido idiossincrático e intersubjetivo do termo, tendo em vista que as interpretações no ato analítico se desdobram exclusivamente em um jogo de sentidos.

A proposta de superar esse possível dualismo entre uma concepção ou outra, se dá a partir de uma leitura de Paul Ricoeur, que veremos adiante, assim como as contribuições de Monzani, que critica, por um lado, a leitura equivocada de Ricoeur, ao mesmo tempo que lhe confere estatuto. Além disso, pensamos a partir de Simanke, um naturalismo integral, ou seja, uma história natural dentro da metapsicologia que realiza a integração entre o dualismo epistemológico. Pensamos a partir disso, que a psicanálise é o resultado da integração mútua entre as duas linguagens aparentemente opostas (hermenêutica x energetismo), sustentado pela operação de síntese derivado do conceito de pulsão (*trieb*), o qual realiza a conexão entre as forças energéticas (afeto) aos conteúdos psíquicos (representações).

⁵⁷ Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 48

⁵⁸ Ibidem. p. 51

2.3 A metapsicologia como uma síntese: Freud como uma unidade de ciência

De acordo com Simanke (2009)⁵⁹, a constituição das humanidades herda um conflito elementar que se perpetua desde suas origens e atravessa o desenvolvimento histórico de seu estabelecimento, fazendo com que este campo se situasse sempre em um espaço de conflitos epistemológicos, dependendo do objeto de estudo a qual se destinava. Seu antagonista nesse cenário encontra sua versão no naturalismo científico proposto pelo positivismo lógico (ou neopositivismo), em que a filosofia da ciência desfrutou de uma hegemonia discursiva na primeira metade do século XX.

Essa filosofia resgatava o programa positivista original de purificação das ciências dos resquícios de metafísica que ainda pudessem trazer embutidos em suas teorias, fazendo da demarcação entre ciência e não-ciência (ou entre ciência e pseudociência) e do estabelecimento dos critérios para essa de marcação seus objetivos principais. Ela resgatava, ainda, uma concepção humeana da causalidade como regularidade natural contingente, excluía como resíduo metafísico toda proposição a respeito de entidades ou processos não passíveis de observação e propunha, como consequência, uma concepção lógico-sintática das teorias científicas, como sistemas de enunciados dedutivamente articulados, no qual as relações funcionais entre variáveis (referentes a particulares observáveis) pudessem ser subsumidas a leis gerais progressivamente mais abrangentes, até o limite ideal da universalidade. Essa visão da ciência era modelada sobre as ciências maduras – a física, basicamente – e utilizada, então, como parâmetro para a avaliação das pretensões de cientificidade das demais disciplinas. Como resultado, apresentava-se como um programa epistemologicamente reducionista (todas as ciências deveriam ser reduzidas à física) ou, nas suas versões mais extremas, eliminativo (todas as ciências deveriam ser substituídas pela física).⁶⁰

Em relação à psicologia geral, essa bifurcação se apresentou historicamente marcada por uma ambiguidade aparente, se expressando sempre em um embate conflitivo com as demais ciências. Desde as origens da psicologia, podemos observar que o seu estatuto científico – sua legitimidade enquanto um campo circunscrito do saber científico – se encontrava indefinido ou desterritorializado. Nota disso é a concepção proposta pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey, em 1883, com a publicação de sua obra *Introdução às ciências do espírito*, em que sustentava a psicologia como uma *Geisteswissenschaften*, isto é, com uma ciência do espírito. Por outro lado, vemos que a corrente do neokantismo discordava dessa concepção.⁶¹

Vemos, nesse sentido, uma multiplicidade de caminhos dentro da psicologia, a qual se desdobra em escolas que se inclinavam mais pelo naturalismo positivista (escola

⁵⁹ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.

⁶⁰ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009. p. 223-224. Grifo nosso.

⁶¹ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.

funcionalista, behaviorismo, psicologia cognitiva, psicologia evolucionária e o experimentalismo) e outras que se aproximavam das humanidades (psicologias humanistas, fenomenológicas, existencialismo, psicologia cultural, etc.).⁶²

Nesse ponto, vemos que a psicanálise freudiana se constrói como uma curiosa exceção à essa divisão, mesmo tendo os mesmos confrontos, conflitos e dilemas concebidos dentro da psicologia em geral. Vemos, por um lado, uma psicanálise antinaturalista (culturalismo norte-americano, psicanálise existencial, psicanálise lacaniana) e por outro lado, uma psicanálise naturalista (psicologia do ego, neuropsicanálise, etc.).⁶³

Para Freud, a conexão entre a psicanálise e as ciências da natureza sempre foi evidente, e longe de qualquer dúvida a respeito, Freud sempre reivindicou esse estatuto de cientificidade. Porém, a crítica estabelecida é que justamente o suposto distanciamento de Freud desse naturalismo, deu abertura às críticas sobre sua teorização, considerando que Freud abre uma discussão em um campo multifacetado: histórica, religião, política, estética, arte, cultura, antropologia, etc. Essa singularidade de expressão teórica da psicanálise a tornou epistemologicamente curiosa e até mesmo revestida de resistência aos olhos da comunidade científica.

Mostramos nesse tópico como podemos pensar uma psicanálise que realize o entrecruzamento de saberes que aparentemente se revelam estranhos e opostos. Pensamos aqui, portanto, ser possível efetuar uma síntese epistemológica que afirme a coexistência mútua dos dois elementos “antagônicos” na metapsicologia freudiana, isto é, a força enquanto concepção da ciência natural, e o sentido da ciência do espírito. Trata-se de compreender a posição de Freud nesse contexto, pensando a partir de Monzani, Paul Ricoeur, Assoun e Simanke.

Conforme mencionado anteriormente, para Freud, o naturalismo é intrínseco às suas investigações, e isso nunca parece ter sido um problema, considerando que essa construção se deu espontaneamente por meio de uma tradição de formação na qual Freud se encontrava: “tudo se passa como se Freud jamais tivesse considerado a possibilidade de outro modelo de ciência que não fosse o das ciências da natureza.”⁶⁴ Nota disso está na citação de Freud, no tópico em que discute sobre a natureza do psíquico, em sua obra

⁶² Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.

⁶³ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.

⁶⁴ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009. p. 225

Moisés e o monoteísmo: “Também a psicologia é uma ciência natural. O que mais pode ser?”⁶⁵

O leitor poderia se questionar, afinal, qual é a natureza desse conflito epistemológico na leitura freudiana? Em que podemos responder prontamente que a problemática da dualidade epistemológica em Freud se dá a partir das leituras posteriores sobre a passagem dos elementos neurológicos presentes na *Projeto* aos elementos psicológicos presentes na *Interpretação dos sonhos*. Essa transição de esquemas, nomenclaturas, definições e concepções epistemológicas fez com que Assoun (1983), por exemplo, afirmasse que esse problema nos remete a ideia de que “[...] tudo se passa como se o saber freudiano se constituísse e progredisse sob o signo de uma *consciência epistemológica infeliz*, vivendo confusamente a contradição entre um modelo teórico energetista e uma exigência hermenêutica”⁶⁶.

De acordo ainda com Assoun (1983), podemos pensar numa síntese epistemológica a partir da concepção de uma maturidade em relação à teoria freudiana, tendo os ensaios metapsicológicos como os escritos que possibilitariam essa síntese. Os escritos metapsicológicos, portanto, se revelam como uma etapa em que Freud demonstra um ponto de equilíbrio e de maturação de sua plataforma de investigação, em que se sustenta em uma sistematização que o permite esboçar de forma heterogênea essas duas concepções epistemológicas, tendo de um lado o *energetismo*, e do outro, a *hermenêutica*, se comportando, na visão de Assoun (1983), como “dois filhos de uma mesma mãe”⁶⁷, com personalidades opostas, mas que no entanto, em alguns aspectos conferem condição de existência à outra: opostos em sua expressão, mas inseparáveis em sua natureza.

Freud se parece um pouco com este bastardo relativamente ao qual Platão representava o demônio Eros, nobre por parte de pai (aqui, a hermenêutica) e indigente por parte de mãe (a energética), não conseguindo superar a duplicidade de sua origem e, talvez, não podendo divinizar-se senão pelas virtudes salvíficas da nova hermenêutica fenomenológica.” (Assoun, 1983, p. 35)

Como disse Assoun (1983) sobre a maturidade epistemológica traduzida nos escritos metapsicológicos, podemos observar que para o autor é possível pensar numa síntese, considerando que ambas as concepções (hermenêutica x energetismo) coexistem mutuamente.

Dando um passo à frente, nos ensaios de *Metapsicologia*, com a maturidade, “as duas exigências do discurso analítico atingem seu ponto de equilíbrio”: o ponto de

⁶⁵ Freud, S. (1990). *Moisés e o monoteísmo*. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 23, p. 11-161. Edição Standard Brasileira. Versão original publicada em 1939. p. 181

⁶⁶ Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 34

⁶⁷ Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 35

vista econômico-tópico sendo aí sistematizado, enquanto que, por outro lado, a articulação entre pulsão e representação permite reintegrar o inconsciente "na circunscrição do sentido". Assim se constituiria, num " movimento circular", uma união precária entre força e sentido: não harmonia, mas nó desajeitadamente amarrado num labor obstinado. Não fusão amorosa, mas divórcio superado, casamento de razão entre dois parceiros condenados a viverem juntos. **Tal seria a epistemologia freudiana: o produto de um longo *modus vivendi* entre pontos de vista heterogêneos. Nesta perspectiva, chegamos a admirar o talento e a engenhosidade de Freud, conseguindo manter juntos, pela mesma cabeça, esses dois irmãos inimigos que são o energetismo e a hermenêutica.**⁶⁸

Paul Ricoeur, um dos filósofos protagonistas na discussão epistemológica francesa, contribuiu amplamente nessa problemática da epistemologia freudiana, oferecendo-nos um recorte argumentativo de grande relevância. Para Ricoeur, a teoria freudiana pode ser pensada em uma espécie de bilinguismo epistemológico, considerando que Freud fala duas línguas simultaneamente em um sentido epistêmico. Reconheceu, dessa forma, que há uma língua em Freud que pensa as questões de sentido, e outra língua que se expressa em termos de forças.⁶⁹

Em um primeiro momento, Ricoeur⁷⁰ coloca que Freud pode ter cometido um equívoco teórico ao construir uma plataforma fundamentada em duas línguas epistemológicas. No entanto, Ricoeur sustenta que Freud sabia exatamente o que estava fazendo, considerando que a união entre a força e sentido em uma única tradução do desejo humano se dava como uma expressão teórica sagaz e inédita. Além disso, a especificidade da construção científica da psicanálise se localiza essencialmente na recusa de Freud em eleger uma única linguagem em detrimento de outra. “A psicanálise é tanto uma compreensão de sentidos quanto uma energética que explica as forças em jogo na psique humana. Compreensão e explicação juntas”⁷¹.

A tese de Ricoeur também se apresenta como uma possível solução desse conflito entre as duas linguagens epistemológicas que se expressam na obra freudiana: força e sentido. Sabemos, de antemão, que essa disputa entre uma linguagem ou outra representa um dos conflitos nucleares dentro da filosofia da psicanálise. Sendo assim, Ricoeur se mostra convicto ao propor a sua hipótese de pensarmos uma síntese metafórica na psicanálise freudiana.⁷²

Ricoeur também nos mostra que escolher uma concepção epistemológica em detrimento de outra, isto é, força x sentido, seria violentar a teoria metapsicológica, na

⁶⁸ Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. p. 34. Grifo nosso.

⁶⁹ Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁷⁰ Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁷¹ Franco, S. G. (2012). “Dilthey: compreensão e explicação” e possíveis implicações para o método clínico. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 14-26, março. p. 23

⁷² Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora.

medida que a epistemologia freudiana existe justamente na recusa dessa alternativa. O esforço de Ricoeur recai em tentar encontrar uma proposta de superação e de ultrapassar a distância entre essas duas ordens de discurso, pois o autor não desconsidera nenhum dos lados de forma explícita.⁷³ Através dessa dualidade epistemológica, reinstaura-se o problema central dentro da tradição filosófica psicanalítica: “será Freud um naturalista ou será um intérprete de sentidos? A psicanálise deve ser compreendida como um jogo de forças ou como uma decifração de sentidos?”⁷⁴.

Não há dúvidas de que é possível identificar elementos tanto de uma concepção hermenêutica quanto de uma tradição mecanicista em Freud. A questão que se coloca é a divisão que as tradições subsequentes tentaram operar dentro da epistemologia psicanalítica, buscando dividir a identidade freudiana em duas, como se a posição do leitor fosse a de escolher o lado que melhor lhe convém ou que melhor corresponde às suas convicções. Esse jogo é extremamente perigoso, pois é possível conceber tanto o Freud energético, quanto o Freud hermeneuta dentro de uma mesma psicanálise, e que escolher um ou outro Freud é se posicionar em uma espécie de pessoalismo subjetivo. Segundo Franco (2012):

A dificuldade destas propostas de separar os "dois" Freuds é que esta separação representa uma enorme violência ao texto freudiano. As duas linguagens estão ali, o tempo todo. Nem mesmo se pode dizer que haja uma direção ou um movimento onde uma linguagem vá superando a outra. Há sim momentos mais energéticos e há momentos mais interpretativos. Mas os momentos energéticos são seguidos por momentos interpretativos e vice-versa. O texto freudiano não recomenda a separação nem a exclusão de uma das linguagens. Pelo contrário, Freud parece se sentir muito à vontade com os seus dois estilos de falar. Parece que para ele não há contradição entre decifração de sentidos e explicação energética.⁷⁵

Nessa concepção, Freud não se apresenta como um cientista descuidado de seu ofício, muito pelo contrário, ele se demonstra rigoroso e consciente do que fazia. Além disso, vemos que Freud não se encontra imerso em uma ingenuidade epistemológica, mas age de forma deliberada ao construir duas ordens de discursos distintas no edifício psicanalítico: a linguagem da força e a linguagem do sentido.

A problemática recai na forma como Freud não apresenta de forma clara a articulação dessas duas linguagens, e que talvez o desafio do leitor seja exatamente esse: encontrar um elo articulador entre as duas linguagens, ou seja, os pontos de amarração e

⁷³ Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁷⁴ Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. 24

⁷⁵ Franco, S. G. (2012). "Dilthey: compreensão e explicação" e possíveis implicações para o método clínico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. V.15. N. 1. pp. 14-26. Mar. p. 24

de sustentação dos dois discursos que se expressam em uma única plataforma de análise do inconsciente: a psicanálise.⁷⁶ Segundo Franco:

[...] é necessário defender a presença das duas linguagens em Freud. É legítimo o esforço para combater a tentativa de extirpar um dos Freuds para ficar com o outro. Ricoeur [...] sugere apenas enxergar, nos dois componentes do pensamento de Freud, uma dialética entre força e sentido. Quando estuda o "Projeto...", ele fala de um estado energético da teoria, sem ou com pouca interpretação de sentido. A antítese poderia ser encontrada em certas passagens de A interpretação dos sonhos, onde a interpretação floresce. Por fim, a síntese, ou o equilíbrio entre força e sentido, seria encontrado nos escritos ditos metapsicológicos. O que pretende Ricoeur é mostrar a irreducibilidade do discurso freudiano à linguagem, quer do sentido quer da força. Crê que finalmente não há conflito entre as duas ordens de linguagem. E aponta o conceito de pulsão em Freud como um lugar privilegiado desta harmonia. No conceito de pulsão freudiano, vê reunido tanto o sentido quanto a força.⁷⁷

Nesse ponto, vemos que metapsicologia se apresenta como a dimensão em que Freud consegue articular as duas linguagens distintas em uma única expressão, sua construção se revela como esse espaço teórico que permite a circulação entre as duas linguagens em conjunto: a metapsicologia é o elo articulador entre o discurso de força e do sentido. O conceito de pulsão, nesse contexto, traduz uma metáfora da suposta superação dessa problemática epistemológica, a saber, a dualidade entre mente-corpo, considerando que no conceito de pulsão é possível contemplar tanto o jogo de forças em um sentido energético (afeto), quanto as interpretações em uma perspectiva hermenêutica, ou seja, do sentido (representações).

Porém, como nem tudo é tão simples assim, na visão de Monzani⁷⁸, essa leitura apresenta-se equivocada, colocando que a tese de Ricoeur, por exemplo, tem como único objetivo retirar a problemática da concepção energética do plano do psíquico. Essa estratégia de resolução de conflito, embora aparentemente exitosa, revela uma ineficiência operacional, considerando que mais uma vez, volta-se às velhas tradições do conflito entre forças x sentidos, tendo em vista que Ricoeur privilegia a concepção do sentido, pois oculta implicitamente a expressão econômica do aparelho psíquico ao pensar o inconsciente como o ponto de articulação entre a força e o sentido.

A própria proposta de Ricoeur aponta que a concepção econômica se apresenta como uma espécie de equívoco no interior da obra freudiana, ao indicar um estado inicial da teoria freudiana, denominada "estado não hermenêutico do sistema", correspondendo a

⁷⁶ Franco, S. G. (2012). "Dilthey: compreensão e explicação" e possíveis implicações para o método clínico. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. V.15. N. 1. pp. 14-26. Mar.

⁷⁷ Franco, S. G. (2012). "Dilthey: compreensão e explicação" e possíveis implicações para o método clínico. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. V.15. N. 1. pp. 14-26. Mar. p. 25

⁷⁸ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 76

representação mecânica do início do *Projeto*. Freud não deixou espaço pra dúvidas quando apresenta qual é o tipo de trabalho que pretende executar quando se propõe a estruturar a psicologia através da concepção de que os processos psíquicos são dimensões quantitativamente determinados por substâncias materiais.⁷⁹

Para Ricoeur, o sonho, por exemplo, implica em uma tematização psicológica e não neurológica, em que considera que nos sonhos não há economia. No entanto, o que se percebe é que é possível identificar uma linguagem energética mesmo na *Interpretação dos sonhos*, que se configura como a herdeira teórica do *Projeto*, apontado por alguns autores como uma ruptura teórica na história da psicanálise.⁸⁰

Monzani critica a posição de Ricoeur quando o filósofo francês afirma que o aspecto econômico estaria no domínio do somático, enquanto o aspecto do sentido estaria na dimensão psíquica. A própria afirmação de Ricoeur quanto a essa distinção já revela que sua pretensão é exclusivamente de remover o aspecto econômico do psíquico, porém Freud já nos convoca a admitir a presença de forças na dimensão psíquica, pois o aparelho psíquico é por si mesmo, constituído em sua natureza através de um jogo de forças.⁸¹

Nas palavras de Monzani, “não é nada difícil perceber que toda a montagem operada por Ricoeur consistiu não em harmonizar o econômico e a interpretação, mas pura e simplesmente em eliminar totalmente do plano psíquico o econômico”⁸². A própria noção de *quantum* de afeto, elaborada por Freud no início de suas postulações já revela o aspecto quantitativo que circula no aparelho psíquico, sendo que o princípio de força é condição *sine qua non* para a construção do aparelho psíquico. A concepção de afeto atravessa toda a obra freudiana, se traduzindo em uma característica essencialmente quantitativa, que se expressa em estimulação, deslocamento, conversão, condensação, demonstrando claramente a ideia de *quantum* que circula entre as representações no aparelho psíquico.

Remover o aspecto econômico como se fosse um demônio a ser exorcizado só coloca o investigador em uma contradição conceitual, uma vez que, ao tentar ocultar essa força, paradoxalmente essa força ganha cada vez mais potencial de expressão, pois, como diz Monzani, “De fato, o diabo, tão habilmente enxotado pela porta da frente, acabou voltando pela dos fundos”⁸³. Nessa tentativa de afastar o aspecto econômico em relação ao aparelho psíquico, Ricoeur fracassa. Resume Monzani:

⁷⁹ Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁸⁰ Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁸¹ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 76

⁸² Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 87

⁸³ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 90

Todos os seus esforços para encontrar uma saída para esse problema só fazem distorcer o pensamento de Freud. Por mais voltas que se deem, é necessário convir que o que interessa particularmente a Freud é o destino desses afetos, seus trajetos, seus deslocamentos, que só podem ser pensados como uma quantidade que circula entre as representações. O destino dissociado do afeto não nos deve fazer esquecer que o afeto é sempre afeto de uma representação, afirma Ricoeur com razão. Mas também não nos deve fazer esquecer que, em certas situações, produzido o divórcio, a trajetória desse afeto nem sempre acabará numa ligação com uma representação, como é o caso do puro ataque de angústia. E não deve nos fazer esquecer também que é aqui que o afeto revela sua característica fundamental: a de ser um *quantum* energético. É importante salientar aqui o seguinte aspecto: a tese de Ricoeur, levada ao limite, acaba por destruir ou negar exatamente aquilo que constitui a essência da descoberta psicanalítica, independência do afeto e da representação.⁸⁴

Monzani também aponta um equívoco aparente quando Ricoeur propõe pensarmos a metapsicologia como sendo a etapa de maturação epistemológica de Freud, considerando que seria o ponto de equilíbrio devido à síntese entre a linguagem energética e a linguagem hermenêutica, porém, diz ele, “A Metapsicologia representa o ponto de equilíbrio do sistema, mas o energético jorra por todos os lados. Eis aí alguns indícios, mais que suficientes, de que alguma coisa não “funciona” no enfoque de Ricoeur”⁸⁵.

Com Monzani, portanto, podemos pensar a tese de que o inconsciente se revela essencialmente por essa divisão discursiva, por meio da vigência mútua de duas linguagens aparentemente distintas, considerando que, segundo ele, “A originalidade de Freud estaria exatamente em fazer do inconsciente o *ponto de junção do sentido e da força*”⁸⁶. A partir de Monzani, é possível trazer para a discussão a visão de Simanke, como uma possível alternativa de superação dessa problemática, em que propõe pensarmos um naturalismo integral da metapsicologia freudiana, ou seja, conceber uma integração entre esses dois saberes.

Simanke & Caropreso (2011), nos dizem que:

Em outras palavras, não se trata de fornecer razões para escolher entre o Freud psicanalista e clínico e o Freud da metapsicologia, que seria um neurologista camuflado. A ideia que norteia nosso trabalho é de que **há uma perfeita unidade e continuidade entre essas duas dimensões do pensamento de Freud e de que é essa unidade que faz a sua originalidade e a sua relevância diante do cenário científico contemporâneo**. Do ponto de vista histórico, isso permite compreender

⁸⁴ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 90

⁸⁵ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 93

⁸⁶ Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989. p. 87

a fundação da psicanálise por Freud sem descaracterizá-la ou dividi-la em duas, expondo a solidariedade teórica entre concepções aparentemente divergentes.⁸⁷

A noção de Simanke nos possibilita pensarmos uma espécie de unidade do pensamento freudiano. As formulações metapsicológicas evidenciam um energetismo e uma hermenêutica como duas expressões epistemológicas intrínsecas ao pensamento freudiano, sendo que não se trata de desfigurá-las em uma bifurcação, mas de compreendê-las enquanto um conjunto, ou seja, enquanto uma coexistência mútua, conforme exploramos em Monzani.⁸⁸ O resultado do entrecruzamento de saberes que se apresentam aparentemente estranhos uns aos outros é uma tentativa de integração epistemológica dentro da psicanálise, tendo em vista que essa unidade do projeto freudiano se dá como uma síntese das leituras em contraste (hermenêutica x energetismo).

A unidade do projeto freudiano [...] permite que seja caracterizado como um naturalismo integral, no sentido de que pretende abarcar tanto o psiquismo individual quanto o social, tanto os aspectos psicodinâmicos e impulsivos da mente, quanto sua dimensão qualitativa, experiencial e subjetiva, tanto o emocional quanto o cognitivo. Mas é um projeto que se distancia do naturalismo positivista, com o qual foi frequentemente identificado, para o bem ou para o mal. É outra concepção de unidade da ciência que se deixa aí perceber: embora fique claro que, para Freud, ciência natural seja sinônimo de ciência *tout court*, não é o mesmo modelo importado das chamadas ciências da matéria que ele procura assim generalizar.⁸⁹

Notamos, nesse sentido, que Freud nos aponta claramente sobre a conexão entre uma psicologia individual, mas vinculada de forma constitutiva à uma psicologia coletiva, ou seja, produto do grupo. Vemos, além disso, que Freud sempre foi claro na construção de sua ciência, ao não desconsiderar o coletivo do individual, mas pelo contrário, toda sua obra nos apresenta a necessidade e a fundamentação do psiquismo por meio do coletivo. Podemos afirmar, nessa perspectiva, que o grupo é o protótipo constitutivo do psiquismo do ser humano, e é por meio do coletivo que o indivíduo se faz sujeito. Essa concepção nos possibilita pensarmos em uma história natural do sujeito, tendo em vista que a ontogênese repete a filogênese:

A massa nos parece, desse modo, uma revivescência da horda primeva. Assim como o homem primevo se acha virtualmente conservado em cada indivíduo, assim também pode ser restabelecida a horda primeva a partir de um ajuntamento humano qualquer; na medida em que os homens são habitualmente governados pela

⁸⁷ Simanke, R. T. & Caropreso, F. A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 51-78, 2011. p. 55. Grifo nosso.

⁸⁸ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.

⁸⁹ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009. p. 232-233

formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva. Temos de concluir que a psicologia da massa é a mais velha psicologia humana.⁹⁰

Além dessa passagem de Freud em *Psicologia das massas e análise do eu*, podemos ver também que Freud aponta, em “Na vida mental do indivíduo, alguém mais [*ein Anderer*, “um outro”] está invariavelmente envolvido, seja como modelo, como objeto, como assistente ou como oponente; e assim, desde o princípio, a psicologia individual (...) é também, ao mesmo tempo, psicologia social.”⁹¹

O leitor poderia se questionar, em que condições Freud nos indica essa possível naturalização do sentido que caracteriza sua obra, ou seja, como é possível que Freud construa um modo de interpretação que contemple a explicação e a significação de uma atitude subjetiva e mental, e que ao mesmo tempo, possa ser concebida por sua função de causa, ou seja, como é possível um determinismo mental tendo em vista as concepções de sentido que atravessam a sua obra?

Para responder essa pergunta, pensamos ser necessário explanar qual é o conceito de natureza para Freud e que confere o estatuto de verdade na metapsicologia freudiana. Observamos, a partir disso, que o conceito de natureza para Freud é essencialmente determinista, ou seja, um jogo de forças e mecanismos que regem a construção do aparelho psíquico e a manifestação de seus produtos. No entanto, vemos também que a natureza para Freud corresponde às noções da história do sujeito, ou seja, há uma história natural intrínseca à constituição do sujeito em psicanálise, tendo como suporte as significações dessa história, os conflitos, as finalidades, etc. Desse modo, embora Freud “tenha sido inevitavelmente herdeiro da filosofia da natureza pressuposta pela ciência do seu tempo, como o fisicalismo e o mecanicismo que despontam de quando em quando em seus textos, é possível duvidar-se de que ele a tenha assumido apenas passivamente.”⁹² Ou seja, Freud é naturalista, ao mesmo tempo que nos oferece uma leitura interpretativa ao se pensar a construção do sujeito em sua história, conforme nos aponta Simanke:

A virtude epistemológica de Freud, ao contrário, parece ter sido sua disposição de permitir que a sua concepção de ciência se fosse modificando à medida que sua investigação avançava, sem prejuízo para sua convicção de que permanecia dentro das fronteiras das ciências da natureza. Em uma palavra, talvez seja possível sustentar a necessidade de um naturalismo qualificado – e de um conceito qualificado de natureza – para fazer justiça à atitude epistemológica freudiana e para captar plenamente a sua originalidade e explorar mais eficientemente os

⁹⁰ Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu*. In: S. Freud, Obras completas (P.C.L. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921). p. 66

⁹¹ Freud, S. (1966). Group psychology and the analysis of the ego. In: Strachey, J. (Ed.). *Beyond the pleasure principle, group psychology and others works*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. [1921]. p. 67-143. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, 18). p. 69

⁹² Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009. p. 233

insights que ela tem a oferecer. De qualquer maneira, isso parece mais produtivo do que forçar a psicanálise no leito de Procusto, quer de um antinaturalismo humanista (com poucas esperanças de satisfazer critérios mínimos de cientificidade), quer de um naturalismo positivista (cuja visão demasiado estreita da ciência já foi fartamente criticada).

Essa reflexão sobre um pressuposto de uma natureza do sentido, ou seja, uma reflexão sobre o naturalismo científico já teve suas especulações dentro de alguns campos de investigação, como quando vemos Merleau-Ponty (1955)⁹³ reencontrando essa reflexão a partir de uma filosofia da história, a partir do pensamento e da cosmologia de Whitehead (1920)⁹⁴ e sua concepção de natureza como um processo, ou seja, uma lógica de advir, e não mais como uma entidade ou mecanismo estático. Vemos também a partir de Collingwood (1960)⁹⁵, que toma Whitehead (1920) como um representante de sua cosmologia ao afirmar que a partir do final do século XVIII e durante o século XIX a metáfora da máquina (ponto de partida para se pensar a ciência moderna) se substitui pela metáfora da história (ponto de partida para se pensar as novas reflexões epistemológicas, tendo a psicanálise como um produto, por exemplo).

É evidente o papel que a teoria darwinista da evolução desempenhou na consolidação de uma visão da natureza como história. Freud, por sua vez, talvez tenha sido influenciado por Darwin em um grau muito maior do que aquele que é, em geral, reconhecido, de modo que haveria por aí um caminho para se começar a pensar as peculiaridades do naturalismo psicológico que ele advogou e praticou. Talvez no contexto de uma concepção da natureza como história, **o problema de como um ser natural pode vir a ser um sujeito sem deixar de ser parte da natureza – crucial para a superação da dualidade entre ciências humanas e naturais – possa ser mais bem equacionado.** Mais recentemente, uma filosofia das ciências sociais fundamentada em uma visão realista das ciências [...] procurou resgatar um naturalismo qualificado capaz de promover a integração metodológica das ciências humanas e naturais e ultrapassar, eventualmente, a fratura ontológica que serve de base a essa dualidade.⁹⁶

A metáfora de uma ótica epistemológica a partir da construção histórica nos indica uma possibilidade de realizar uma superação do dualismo epistemológico entre as ciências. A partir dessa exposição, pensamos que a metapsicologia freudiana se apresenta como uma unidade de ciência, tendo em vista que a plataforma construída por Freud busca nos apresentar um naturalismo histórico, tendo em vista que Freud nunca abandonou suas raízes científicas, ou seja, o naturalismo, o fisicalismo e o biologicismo. No entanto, Freud amplia suas investigações para uma dimensão histórica do ser humano, mesclando as concepções biológicas de um organismo, ao mesmo tempo que reconhece a importância

⁹³ Merleau-Ponty, M. (1955). *La nature. Notes. Cours du Collège de France*. Paris: Seuil.

⁹⁴ Whitehead, A. N. (1994). *O conceito de Natureza*. Tradução de Júlio B. Fischer. São Paulo: Martins Fontes. Obra original publicada em 1920.

⁹⁵ Collingwood, R. G. (1960). *The idea of nature*. Oxford: Oxford University Press.

⁹⁶ Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009. p. 233-234. Grifo nosso.

fundamental de sua relação com a história singular e subjetiva do sujeito, tendo as significações como um protótipo elementar na construção histórica do aparelho psíquico.

Pensamos, nesse sentido, que a metapsicologia nos promove uma espécie de historicização do aparelho psíquico, tendo em vista que o aparelho psíquico nos conta uma história, a história do sujeito, mas que não se desvincula um só momento das concepções mecanicistas e deterministas, fundamentais para as teorizações e especulações no âmbito metapsicológico. A metapsicologia evidencia que o sujeito é o conjunto da construção histórica e biológica de seu psiquismo, marcado individual e coletivamente pela sua interação com o meio.

A partir disso, vemos que a construção da metapsicologia é determinada pelo contexto epistemológico de formação de Freud, tendo em vista que Freud não a constrói sem um repertório de conhecimento previamente adquirido, mas a constrói a partir de seus antecessores, ou seja, resultado de uma construção intelectual que nos mostra a impossibilidade de desvincular Freud do contexto naturalista do final do século XIX.

A atitude de Freud na construção da metapsicologia, como veremos no capítulo 2, pode ser vislumbrada a partir do programa científico kantiano para as ciências da natureza, tendo em vista que as metáforas e as analogias utilizadas por Freud na construção da metapsicologia correspondem diretamente ao que Immanuel Kant postulava em sua crítica. Não se trata, porém, de afirmar que Freud era um seguidor de Kant, mas que a sua formação intelectual correspondia aos elementos postulados por Kant, como a necessidade de uma metafísica na construção de qualquer ciência. Nesse sentido, vemos que a metafísica da psicanálise é a metapsicologia, um campo de linguagem que Freud constrói para dar conta da conexão entre os dados da experiência com os referentes da razão.

Observamos, a partir disso, que a contribuição de Leopoldo Fulgencio⁹⁷ nos possibilita conhecer e acompanhar como se deu a atitude metodológica de Freud na construção da metapsicologia, e como lhe conferir um estatuto epistemológico. Se trata, portanto, de observar foi o estatuto do método utilizado por Freud na construção da metapsicologia. Além disso, pensamos ser possível vincular o método de Freud a um método reconhecido de sua época: o método especulativo. Esse método, como veremos, permitiu Freud no desdobramento de suas especulações, a partir dos dados da experiência, tomando as abstrações da metapsicologia como uma necessidade epistemológica na construção teórica de suas investigações. Trata-se de afirmar que a metapsicologia é um

⁹⁷ A atitude de Zeljko Loparic (orientador da tese de doutoramento de Leopoldo Fulgencio), nos propõe pensarmos a atitude metodológica de Freud na construção de sua metapsicologia, tendo como suporte epistemológico o programa científico kantiano para as ciências da natureza.

método construído por Freud para validar seu discurso enquanto um conjunto de elementos correspondentes às ciências naturais, tendo como suporte o programa científico kantiano para as ciências da natureza.

2. O MÉTODO ESPECULATIVO DA METAPSICOLOGIA NO PROGRAMA DE PESQUISA KANTIANO PARA AS CIÊNCIAS DA NATUREZA

Tudo soava como um conto de fadas científico⁹⁸

No presente capítulo, buscamos apresentar como o estatuto epistemológico da metapsicologia se articula com o programa científico kantiano para as ciências da natureza, apropriando-se da atitude de Zeljko Loparic e Leopoldo Fulgencio, em que nos apresentam a hipótese de que o método especulativo de Freud se expressa como uma tradução da filosofia de Immanuel Kant.

Não se trata de afirmar que Freud é um seguidor de Kant, ou que ele tomou a filosofia de Kant como modelo para a sua prática científica, mas tão somente mostrar que a atitude teórico-especulativa de Freud corresponde a um instrumento teórico de pesquisa científica já estabelecido em sua época, sobre o qual a influência de Kant não poderia ser negada.⁹⁹

Pensamos ser possível contemplar o método da metapsicologia como uma construção que tem lugar de constituição no panorama das ciências, considerando que a filosofia de Kant nos dá sustentação teórica para caracterizar o seu modelo epistemológico, assim como corroborar a hipótese de que ela se apresenta como um sistema teórico de caráter heurístico, ou seja, uma plataforma teórica construída por Freud para dar suporte às suas especulações conceituais dentro da psicanálise.

A metapsicologia assume, assim, um estatuto científico em correspondência com o programa kantiano para as ciências da natureza, considerando que as analogias e ficções teóricas utilizadas na metapsicologia se apresentam como uma necessidade intrínseca ao método utilizado por Freud, como uma forma de conectar os objetos puros da razão (dados do intelecto) aos objetos empíricos da natureza (dados da experiência sensível). O programa kantiano de pesquisa se apresenta como um orientador das operações epistemológicas e metodológicas realizadas por Freud na construção da metapsicologia. Ela se constrói, em sua natureza, senão como “uma metafísica metafórica da natureza de tipo kantiano – superestrutura especulativa com fins apenas heurísticos e, por isso mesmo, não fundante”.¹⁰⁰

⁹⁸ Na nota do editor inglês de *A Etiologia da Histeria* (1986), o editor coloca que Freud comenta em uma carta inédita, datada de 26 e 28 de abril de 1896 que “os imbecis deram-lhe uma recepção gélida”, referindo-se ao que o psiquiatra alemão Krafft-Ebing havia dito que a psicanálise soava como um conto de fadas científico.

⁹⁹ Fulgencio, L. & Simanke (org). (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta.

¹⁰⁰ Loparic, Z. (2003). *De Kant a Freud: Um Roteiro*. Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica - PUC-SP. Revista Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência. Vol. 02(8). p. 11

O método utilizado na investigação metapsicológica, denominada por Freud de “*superestrutura especulativa*”¹⁰¹, possui uma proximidade epistemológica com a filosofia crítica de Immanuel Kant, considerando que para o filósofo alemão, as teorias se revelam senão como uma aproximação especulativa na investigação científica, na tentativa de preencher o que é limitado à cognoscibilidade humana, ou seja, à razão.¹⁰² Se para Freud a natureza humana é incognoscível para os limites da experiência, tendo a representação como uma possibilidade de se aproximar dessa natureza ínfima, também o é para Kant.

Conceber a natureza do inconsciente, por exemplo, é sempre um alcance limitado, tendo esse alcance somente como uma tese de aproximação, ou seja, uma especulação. Essa hipótese da psicanálise se articula horizontalmente à teoria postulada por Kant em seu programa científico, concebendo que as teorias são, em sua natureza, uma tentativa de explicações metafóricas, construídas através de ficções heurísticas e caracterizadas por um profundo grau de abstração, para esse aproximar e dar inteligibilidade ao objeto de estudo.¹⁰³

Kant demonstra em a *Crítica da razão pura* (1781/1999)¹⁰⁴ que desvendar a natureza da experiência e da representação da realidade é inconcebível para a capacidade da razão humana, colocando em sua filosofia que a apreensão do conhecimento em sua totalidade em termos de sua natureza íntima, é inconcebível. As descrições ontológicas, por exemplo, se apresentam como constructos ficcionais (hipóteses, pressupostos, conjecturas) de valor apenas heurístico, responsáveis por amparar as abstrações que transcendem o âmbito da experiência empírica, inaugurando um novo tipo de reflexão, caracterizado pelas relações internas estabelecidas entre os conceitos, e não necessariamente a sua conexão com os objetos da realidade.

Os conceitos da razão [...] são meras idéias e não têm, decerto, objeto algum em qualquer experiência, mas nem por isso designam objetos fantasiados, pensados de modo meramente problemático, para fundar, em relação a eles (como ficções heurísticas), princípios reguladores do uso sistemático do entendimento no campo da experiência. Se sairmos deste campo, são meros seres da razão, cuja possibilidade não é demonstrável e que não podem também, por hipótese, ser postos como fundamento da explicação dos fenômenos reais.¹⁰⁵

Observamos, assim, que todo conceito se constrói em uma tentativa da razão em designar um referente da experiência empírica, ou seja, toda experiência sensível busca

¹⁰¹ Em Um Estudo Autobiográfico (1925), Freud pressupõe as suas construções como pertencentes à uma esfera lógica denominada superestrutura especulativa [spekulativer Überbau] da psicanálise, constituindo um conjunto teórico que se caracteriza como a teoria metapsicológica em um sentido mais estrito da expressão.

¹⁰² Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura*. 2.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original publicada em 1781).

¹⁰³ Fulgencio, L. & Simanke (org). (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta.

¹⁰⁴ Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura*. 2.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original publicada em 1781).

¹⁰⁵ Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura*. 2.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original publicada em 1781). p. 771

um referente na abstração conceitual deste fenômeno, uma vez que, ao designar conceitualmente determinadas experiências, torna-se possível construir as hipóteses especulativas que amparam todo o escopo teórico-metodológico de uma ciência, como é o caso da metapsicologia, por exemplo.

A atitude teórica de Freud na construção da metapsicologia se apresenta em correspondência com a atitude epistemológica de Kant, uma vez que ambos concebem que a cognoscibilidade da natureza humana é impenetrável nos limites da experiência e que toda especulação é uma necessidade metodológica para o desenvolvimento da ciência.

Dito de outra maneira, toda ciência empírica da natureza precisa, como guia, de uma metafísica especulativa da natureza. A base sob a qual é construída essa metafísica, com virtudes essencialmente heurísticas, são os conceitos puros da razão ou, como os denomina Kant, as idéias da razão. Essas idéias se referem aos entes da razão, não tendo nenhum referente no domínio da experiência possível. Mesmo assim, o uso dessas idéias é recomendado pela razão, por elas poderem orientar o cientista na procura das relações entre os fenômenos, tornando o conhecimento empírico o mais preciso e amplo possível.¹⁰⁶

Trata-se de demonstrar e compreender a conexão entre a teoria kantiana e a metapsicologia freudiana, pois vemos que Kant teria dado abertura para que algumas ideias centrais da psicanálise pudessem ser construídas posteriormente, como a noção de pulsão e a noção de incognoscibilidade da realidade em si mesma, tal como o inconsciente se apresenta em Freud. Sobre a incognoscibilidade do inconsciente e a construção das ciências como uma especulação, vemos em Freud que: “o psíquico, seja qual for sua natureza, é em si mesmo inconsciente e provavelmente semelhante em espécie (em condições) a todos os outros processos naturais de que obtivemos conhecimento”.¹⁰⁷ Bocca (2016, p.14)¹⁰⁸, sobre a atitude metodológica de Freud, nos diz que ele

[...] em definitivo situou todas as ciências em condições semelhantes de busca incessante e aproximativa de seus resultados, o que só poderia ser feito, de início, de um ponto de vista empírico (mas não só, veremos adiante), histórico e a posteriori, a partir da observação, classificação dos fenômenos e generalização das relações determinadas de seus objetos.

Vemos, nesse sentido, que a psicanálise se constrói em solo essencialmente kantiano, uma vez que o programa científico kantiano *a priori* para as ciências da natureza revelam os elementos metodológicos e epistemológicos identificados na teoria freudiana.

¹⁰⁶ Loparic, Z. (2003). De Kant a Freud: Um Roteiro. Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica - PUC-SP. Revista Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência. Vol. 02(8). p. 08

¹⁰⁷ Freud, S. (1969). Algumas lições elementares de psicanálise. In S. Freud, Obras completas (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938). p. 303

¹⁰⁸ Bocca, F. V. (2016). Freud e o programa científico kantiano. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 18, n. 2, pp. 7-28, jul./dez. p. 14

Bocca (2016, p. 16), sobre a conexão entre a metapsicologia e a filosofia transcendental de Kant, nos diz que:

Freud sustentou que o conhecimento, no limite de sua arbitrariedade convencional, tem sua condição de possibilidade numa determinada relação significativa do conceito com seu material empírico, como se dissesse, à maneira kantiana, que o entendimento produz conceitos quando se aplica sobre o material da sensibilidade, de modo que o conhecimento depende da conjugação necessária e eficiente entre conceitos e intuições. Um conceito deve encontrar-se dentro dos fenômenos de relações correspondentes ou será ilusão, será conceito vazio. Queremos dizer que, se a pesquisa empírica pode oferecer certezas empíricas, o faz na medida em que produz sistematização e conceitualização dos dados da intuição, trabalho auxiliado pelo uso das ficções heurísticas. Desse modo, a formulação de leis empíricas decorre do apoio de conceitos auxiliares especulativos, como o de instinto (Trieb), que permitiu a Freud produzir conceitos empíricos pela observação dos conflitos do eu e da sexualidade nas psiconeuroses. Assim, entendemos que **foi em harmonia com o projeto kantiano de ciência que Freud viabilizou sua psicologia profunda.**¹⁰⁹

Fulgencio (2018, p. 53)¹¹⁰ coloca que os conceitos especulativos emergem como construções auxiliares que direcionam e orientam o pesquisador na inovação e implementação, útil ao desenvolvimento das hipóteses de uma determinada problemática. Filósofos, cientistas e epistemólogos identificam e reconhecem esse método de pesquisa (construções auxiliares) como um instrumento da razão, considerando sua necessidade dentro de qualquer área do conhecimento, até mesmo nas ciências naturais, como a física e a biologia, por exemplo, que detém o “*status quo*”. Sendo assim, o modo de teorização freudiana na construção da metapsicologia vai de encontro ao que identificamos em Kant, Mach, Fechner, Helmholtz, Brücke e Brentano. Fulgencio (2018, p. 53) defende a hipótese de que

[...] o ponto de vista dinâmico utilizado na psicanálise e as forças psíquicas, as pulsões supostas por Freud, são análogos aos princípios e conceitos correspondentes em Kant e têm, tanto para o filósofo como para o psicanalista, a mesma função: servem como construções auxiliares usadas para procurar as relações de determinação entre os fenômenos. O mesmo poderia ser dito para os conceitos metapsicológicos freudianos de libido e de aparelho psíquico.¹¹¹

Vemos que tanto o conceito de *átomo*, quanto o conceito de *força* são conceitos construídos pela razão, o que indica que não há uma apreensão empírica direta, mas que a pesquisa científica exige um certo grau de abstração na construção desses conceitos especulativos. Essas ideias, portanto, que se apresentam como construções auxiliares de valor apenas heurístico, se revelam como um caminho a ser trilhado na pesquisa factual e empírica, fundamental em qualquer área do conhecimento.

¹⁰⁹ Bocca, F. V. (2016). Freud e o programa científico kantiano. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 18, n. 2, pp. 7-28, jul./dez. p. 16. Grifo nosso.

¹¹⁰ Fulgencio, L. (org). (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. Editora Blucher: São Paulo. p. 53

¹¹¹ Fulgencio, L. (org). (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. Editora Blucher: São Paulo. p. 53

Kant reconhece essa função conceitual da especulação para o desenvolvimento das ciências, e não é por acaso que Freud caracteriza o conceito de *trieb* como uma ideia especulativa abstrata de valor especulativo, indicando um elemento que corresponde à filosofia pós-kantiana. “Freud sabe que o conceito de pulsão é obscuro, que o seu referente empírico só poderá ser dado de forma inadequada, mas, mesmo assim, é necessário referi-lo aos dados empíricos.”¹¹²

Após Freud apontar o conceito de pulsão como uma convenção, vemos a sua habilidade em preencher o conteúdo desse conceito através de diversas aproximações analógicas e metafóricas¹¹³, em que utiliza, nesse sentido, dos recursos da linguagem como um derivado da imaginação (referência a Kant) para dar subsídios teóricos e instrumentais na manipulação dos dados teóricos da ciência psicanalítica.

No entanto, não seria correto dizer que o conceito freudiano de *Trieb* corresponde exatamente às forças motrizes das quais fala Kant, mas a maneira como Freud opera teoricamente na adoção do ponto de vista dinâmico e na formulação do conceito de pulsão tem não só uma proximidade com o lugar que Kant dá aos conceitos puros da razão, como também obedece ao mesmo tipo de necessidade.¹¹⁴

A maneira como Freud constrói a metapsicologia em relação à sua atitude metodológica, se aproxima ao lugar que Kant dá aos conceitos da razão, ou seja, em termos de sua funcionalidade e sua aplicação teórico-investigativa, indicando uma necessidade intrínseca às construções especulativas de valor apenas heurístico.

[...] a psicanálise freudiana foi construída nesse solo da metafísica da natureza do tipo kantiana, considerando que a vida da alma deveria ser tomada como um objeto natural, determinada por relações de causa e efeito como qualquer outro objeto natural, e, ainda, que os fenômenos psíquicos deveriam ser explicados a partir da consideração do ponto de vista dinâmico e das forças psíquicas que lhes correspondem.¹¹⁵

Afirmamos que a importância do método especulativo de Freud não está no valor empírico de suas hipóteses metapsicológicas, ou seja, sua correspondência direta com os dados da realidade, mas que o valor heurístico de suas suposições se apresenta como uma necessidade metodológica para o seu desenvolvimento. Esse método, por se enquadrar enquanto um método especulativo, não exclui de forma alguma a operatividade dos conceitos, não designando, portanto, objetos fantasiados, uma vez que são tentativas para

¹¹² Fulgencio, L. (org). (2018). A bruxa metapsicologia e seus destinos. Editora Blucher: São Paulo. p. 54

¹¹³ Freud utiliza-as como instrumento de pesquisa no quadro característico das ciências da natureza, cõscio do seu valor heurístico. Não se trata apenas de um traço do estilo de Freud ou, ainda, de uma especificidade do seu teorizar ou mesmo do teorizar em psicanálise, mas também, mais fundamentalmente, de uma prática comum entre os homens de ciência, aprendida por ele na sua formação intelectual. In: Fulgencio, L. O método analógico em Freud. Estilos da clínica. Vol. XI. N° 21. p. 204-223. 2006. p. 204.

¹¹⁴ Fulgencio, L. (org). (2018). A bruxa metapsicologia e seus destinos. Editora Blucher: São Paulo. p. 54

¹¹⁵ Fulgencio, L. (org). (2018). A bruxa metapsicologia e seus destinos. Editora Blucher: São Paulo. p. 54

estabelecer uma conexão entre os referentes empíricos na abstração conceitual desses fenômenos, pois todo fenômeno da experiência sensível busca um referente na razão. Se trata, portanto, mais da funcionalidade e operacionalidade do conceito, do que sua correspondência direta e objetiva com os dados da realidade sensível.

Freud esclarece essa problemática sobre a articulação empírica dos objetos da realidade com a construção de seus conceitos metapsicológico, indicando sua especificidade heurística, colocando em *Além do Princípio do Prazer*, em 1920, ao apresentar a pulsão de morte, que:

Pode-se perguntar se e em que medida eu mesmo estou convencido das hipóteses aqui desenvolvidas. Eu responderia que não estou e que não peço a outros que acreditem nela. Mais exatamente: não sei em que medida acredito nelas.¹¹⁶

O conceito de pulsão de morte, por exemplo, nessa perspectiva do método heurístico enquanto uma utilidade especulativa para resolver os problemas clínicos, emerge como uma especulação metodológica que direciona o investigador no desenvolvimento de seu trabalho científico, sem especificar necessariamente a correspondência ou não aos objetos da realidade. Sua praticidade encontra-se justamente como um método de organização dos dados da ciência. Desse modo, “Pode-se dizer que, para Freud, e pulsões não são fatos e sim convenções, ideias abstratas, que organizam os fatos.”¹¹⁷

Alguns autores (Rapaport¹¹⁸, Pribram e Gill¹¹⁹) designam duas plataformas distintas na construção da psicanálise (assim como Freud também esclareceu essa distinção, como veremos no decorrer do capítulo), mas que embora contempladas didaticamente enquanto corpos teóricos distintos, devem ser tomadas como um organismo integrado. De um lado, coloca-se a psicanálise enquanto sua substância empírica, derivada das observações clínicas do tratamento das neuroses; e de outro lado, coloca-se a psicanálise enquanto uma teoria especulativa, ou seja, que tem como objetivo descrever o funcionamento e o mecanismo do aparelho mental que não são dados imediatamente à observação empírica.

Ao distinguir o que é empírico do que é especulativo na psicanálise de Freud, será possível reconhecer a sua postura epistemológica na defesa da psicanálise como uma ciência empírica que não exclui elementos especulativos. Essa distinção poderá esclarecer em que sentido a psicanálise não é uma pura ficção, um conto de fadas científico tal como a julgou Krafft-Ebing, nem uma falsa ciência empírica, que teria lançado hipóteses especulativas que um dia seriam provadas como tendo referentes objetivos no mundo fenomênico ou, ainda, uma doutrina científica mal fundada, contraditória ou inadequada nos seus fundamentos epistemológicos e metodológicos. [...] a psicanálise como uma ciência empírica fundada numa

¹¹⁶ Freud, S. (1996). *Além do Princípio de Prazer*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 18). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920). p. 59

¹¹⁷ Fulgencio, L. (org). (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. Editora Blucher: São Paulo. p. 62

¹¹⁸ Rapaport, D. (1982). *A Estrutura da Teoria Psicanalítica*. São Paulo, Perspectiva.

¹¹⁹ Pribram, K. & Gill, M. (1976). *O Projeto de Freud: Um Exame Crítico*. São Paulo, Cultrix.

mitologia das pulsões e a caracterização da metapsicologia como uma bruxa não constitui uma contradição ou erro epistemológico, mas a execução adequada de um programa de pesquisa que se põe dentro de uma perspectiva heurística.¹²⁰

Observamos, portanto, que a psicanálise pode ser dividida entre a dimensão empírica, ou seja, a psicologia clínica, que trata dos fenômenos observáveis na experiência sensível, e outra dimensão que se refere a construção teórica especulativa, isto é, a metapsicologia. Diferenciando essas duas dimensões do conhecimento na obra freudiana, podemos compreender a identidade epistemológica freudiana, pensando como a metapsicologia se aplica no sistema freudiano.

Freud reconhece a necessidade da construção especulativa para preencher as lacunas apresentadas pela insuficiência da observação empírica, admitindo a ineficiência da experiência para dar conta da totalidade dos fenômenos observados, sendo necessário, a partir disso, construir essa dimensão que ultrapassa os limites da experiência e da psicologia objetiva, que se caracteriza por uma dimensão *meta-psicológica*.

Até aqui, a menos que eu esteja muito equivocado, todos os caminhos por onde viajamos nos conduziram à luz - ao esclarecimento e a uma compreensão mais completa. Contudo, mal nos empenhamos em penetrar mais a fundo nos processos anímicos envolvidos no ato de sonhar, todos os caminhos terminam na escuridão. Não há possibilidade de *explicar* os sonhos como um processo psíquico, uma vez que explicar algo significa fazê-lo remontar a alguma coisa já conhecida, e não há, no momento, nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas novas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo das forças que nele atuam.¹²¹

Freud está, nesse momento, diante um impasse teórico-metodológico para completar sua teoria. Ao reconhecer a insuficiência da experiência, Freud se vê diante a necessidade de procurar preencher sua teoria empírica com o auxílio das construções especulativas, que estão além da psicologia dos fatos clínicos. Freud busca, nesse ponto, uma teoria que vá além do que a experiência consciente pode alcançar, uma psicologia-meta, que nomeia, inseguro, de metapsicologia: “A propósito, vou perguntar-lhe a sério se posso usar o nome de metapsicologia para minha psicologia que se estende para além da consciência”.¹²²

A primeira tópica freudiana demonstra claramente a essência da metapsicologia: a construção de um aparelho psíquico baseado no pressuposto de uma energia psíquica, passível de aumento, diminuição e deslocamento. O aparelho psíquico é compreendido,

¹²⁰ Fulgencio, L. (2001). O Método Especulativo em Freud. São Paulo: EDUC. 2008. p. 202-203

¹²¹ Freud, S. (1996). A Interpretação dos Sonhos. Parte II. Volume V. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1900). p. 116

¹²² Masson, J. M. (1986). A Correspondência de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904. Rio de Janeiro: Imago. p. 302-303

portanto, como um sistema constituído por forças (pulsionais) em conflito, com a suposição de regras e leis de funcionamento: “todos esses elementos são formulações que os dados empíricos não recusam, embora elas mesmas não sejam observáveis, na medida em que são ficções teóricas que fornecem a Freud uma maior inteligibilidade dos fenômenos psíquicos.”¹²³

Veremos agora, como identificar esse método científico na construção da metapsicologia dentro do panorama das ciências, pensando em como os filósofos, cientistas e epistemólogos da época (final do século XIX e início do século XX) reconheciam e se apropriavam do método especulativo no desenvolvimento de suas teorias. A partir disso, podemos identificar qual é a natureza científica de Freud, lhe conferindo seu estatuto epistemológico e sua identidade metodológica. Como mencionado, o modo em que Freud teoriza em sua metapsicologia não é um método sem precedentes, pois identificamos sua utilização em autores como Kant, Mach, Fechner, Helmholtz, Brücke e Brentano, por exemplo, conforme veremos no decorrer do capítulo.

¹²³ Fulgencio, L. (2001). O Método Especulativo em Freud. São Paulo: EDUC. 2008. p. 216-217

2.1 A natureza epistemológica no método científico freudiano: a psicanálise nasce da experiência

Quando pensamos sobre a identidade freudiana, vemos uma íntima associação entre a psicanálise e os modelos de ciência oriundos da tradição materialista, mecanicista e determinista, pertencente à atmosfera intelectual na tradição de formação de Freud, tendo como autores representantes desse percurso: Johann Friedrich Herbart¹²⁴, Theodor Hermann Meynert¹²⁵, Wilhelm von Brücke¹²⁶ e Ernst Mach¹²⁷, por exemplo. Esses cientistas nos mostram a tradição de formação de Freud, em que nos apontam uma direção para se pensar como a atitude de Freud é, na verdade, uma apropriação de um método já existente na metodologia científica da época, portanto, reconhecível em seu tempo. Veremos, além disso, que esses autores possuem uma influência kantiana em relação ao método especulativo nas ciências empíricas ou da natureza. Heidegger, em 1965, nos seminários de *Zollikon*, nos diz que: “A metapsicologia de Freud é a transposição da filosofia neo-kantiana [da natureza] ao ser humano. Por um lado, ele [Freud] usa as ciências naturais e, por outro, a teoria kantiana da objetividade.”¹²⁸

A pesquisa científica, mais do que buscar uma verdade fixa sobre a realidade, enquadra-se em uma tentativa de obter respostas alinhadas às problemáticas apresentadas, que demonstram um valor e um sentido investigativo. A construção do saber

¹²⁴ O filósofo, psicólogo e professor alemão sucessor de Immanuel Kant, propõe pensarmos a mente como constituída de representações (*vorstellung*) ou ideias e que esses conteúdos possuem em sua natureza uma energia distribuída às experiências de cada indivíduo, concebendo a mente como uma “massa aperceptiva”. Sua leitura da mente é de fundamental importância na epistemologia psicanalítica, pois indica a influência em Freud de seu ponto de vista econômico apresentado no momento inicial da psicanálise, especificamente nos primeiros escritos metapsicológico, em o Projeto para uma psicologia científica (1895). Freitas, A. B. M. (2013). Herbart E O Neohumanismo: Contribuições E Perspectivas Para A Educação Contemporânea. Revista Educativa. Goiânia, v. 16, n. 1, p. 65-78, jan./jun.

¹²⁵ Meynert, professor de Freud na Universidade de Viena em 1883 a 1885, influenciou decisivamente o psicanalista na construção lógica de seu pensamento investigativo anatômico em uma perspectiva localizacionista (Freud nessa época pesquisava a histologia do sistema nervoso), em que postula mais tarde uma topografia das organizações cerebrais, indicando uma possível influência de Meynert na concepção topográfica (1ª tópica) da metapsicologia freudiana. Freud rompe suas relações intelectuais com Meynert após sua viagem à Salpêtrière para as aulas com Charcot, pois a hipnose para Meynert, por exemplo, era uma prática inaceitável, Padovan & Franco (2018, p. 263), colocam que “Meynert chega a afirmar que a hipnose é uma técnica irresponsável e que rompe inclusive com certos princípios fundamentais das ciências naturais”. Ao publicar Sobre a Concepção das Afasias (1891), Freud escreve uma carta à Fliess em 2 de maio de 1891: “Nele, sou muito despudorado, teço armas com seu amigo Wernicke, com Lichtheim e Gräse, e chego até a arranhar o poderosíssimo ídolo Meynert”. Costa, A. O. (2015). De palavras e inconsciente: a função da linguagem na origem da psicanálise. Revista Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro. v. 47.2, p. 69-89; Padovan, C. & Franco, W. A. C. (2018). Tradução e comentários à conferência de Freud sobre a Histeria masculina: uma contribuição à historiografia da psicanálise. Revista Natureza Humana, São Paulo, v. 20, n. 1, pp. 240-272, jan./jul.

¹²⁶ A primeira prática médica de Freud acontece no laboratório de Brücke (fisiologista alemão) em 1881, com sua influência determinista, mecanicista e nas concepções físico-químicas em Freud, determinando posteriormente as concepções energéticas em sua teoria metapsicológica. Martins, R. I. (2018). Os primórdios da psicanálise e a construção da noção de fantasia. Revista Caderno Psicanalítico. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v. 40, n. 39, p. 251-272, jul./dez.

¹²⁷ Ernst Mach foi um físico e filósofo austríaco é considerado uma das principais referências epistemológicas e metodológicas de Freud, tendo em vista a articulação das construções teóricas da metapsicologia com os correspondentes elementares de Mach, como por exemplo: a utilização de construções auxiliares, ficções heurísticas, representações-fantasias, etc. A influência de Ernst Mach será explorada em detalhes na presente dissertação.

¹²⁸ Heidegger, M. (2001). Seminários de Zollikon. Petrópolis. Vozes/Educ/ABD. Original publicado em 1994. p. 222

científico se dá através da objetificação do mundo, em que se pressupõe uma transformação dos objetos da realidade em dados representacionais, a serem trabalhados pelas operações cognitivas (percepções) ou mesmo intrusivas (experimentos) e, “processados por fórmulas, expressas de preferência na linguagem matemática, visando a determinação - no sentido de previsão e, no caso ideal, de cálculo - de novos dados, em particular, a produção de coisas. Em virtude do processo de objetificação.”¹²⁹

Como é possível, nesse sentido, que Freud defenda o pertencimento da psicanálise ao rol das ciências empíricas, ao mesmo tempo que considera a metapsicologia como uma mitologia? Para responder essa pergunta, pensemos que essa forma de se fazer ciência de Freud não é uma aberração, muito menos uma revolução, mas tão somente uma apropriação do modo de se fazer ciência no qual Freud se formou. A psicanálise está apoiada, nesse sentido, em um espectro de observações de caráter empírico, e que a metapsicologia se apresenta como um dos componentes especulativos dessa ciência: “[...] de nosso ponto de vista - seguindo ainda aqui o caminho de Freud - não haveria nenhum inconveniente em a psicanálise pertencer ao campo das ciências da natureza”.¹³⁰

O método especulativo utilizado por Freud na construção da metapsicologia não é nem uma novidade. E conforme vemos na obra freudiana, Freud recorre incessantemente às analogias e metáforas, sendo que a presença da especulação se dá por sua funcionalidade dentro da obra, se apresentando como um método científico de investigação na teoria freudiana, sendo considerada como um elemento estruturante e fundante da psicanálise.

A psicanálise não foi construída partindo inicialmente das especulações teóricas, mas a especulação teórica é uma expressão das necessidades de Freud por meio de suas observações clínicas e psicopatológicas. Nesse sentido, a psicanálise não foi elaborada partindo da análise dos sonhos e dos atos falhos às concepções sobre o estudo das neuroses. A ordem da investigação e da descoberta freudiana é inversa: Freud parte dos objetos e dos dados da experiência às especulações teóricas. A questão que se coloca é: como Freud faz esse movimento e por qual razão?

A ordem factual das descobertas (sintomas histéricos, representações inconscientes, sonhos como sintomas, etc.) também não foi feita a partir de modelos teóricos *a priori* que se aplicariam aos dados empíricos, pelo contrário, as teorias decorrem, passo a passo, da solução proposta aos problemas advindos da prática clínica.¹³¹

¹²⁹ Fulgencio, L. (2001). O Método Especulativo em Freud. São Paulo: EDUC. 2008. p. 10

¹³⁰ Fulgencio, L. (2001). O Método Especulativo em Freud. São Paulo: EDUC. 2008. p. 33

¹³¹ Fulgencio, L. (2001). O Método Especulativo em Freud. São Paulo: EDUC. 2008. p. 153

A existência da psicanálise sempre foi defendida enquanto uma atividade médica, correspondente às determinações científicas para o tratamento de certos tipos de sofrimento, como as neuroses, por exemplo. Longe de mostrá-la ao público como uma técnica milagrosa, Freud sempre buscou evidenciar que a psicanálise se revela como um método de tratamento das neuroses, que demanda tempo e investimento de trabalho, assim como investimento na pesquisa e no método científico. Nas palavras de Freud:

Em minha opinião, entretanto, o médico assume deveres não só em relação a cada paciente, mas também em relação à ciência; seus deveres para com a ciência, em última análise, não significam outra coisa senão seus deveres para com os muitos outros pacientes que sofrem ou sofrerão um dia do mesmo mal.¹³²

Freud sempre se apresentou convicto quanto ao objetivo de sua teoria, recusando inúmeras vezes em apresentar a psicanálise como uma visão de mundo (*Weltanschauung*), caracterizando-a, portanto, como um conhecimento correspondente ao método científico, sempre amparado pelas experiências clínicas, e que a teorização é efeito da experiência clínica: “[...] passo a passo, sem necessidade interna de uma conclusão, sempre sob a pressão de um problema que surge e com o cuidado atencioso de respeitar a sucessão das instâncias”.¹³³

Para Freud, os problemas da experiência antecedem a teoria, ou seja, a experiência é anterior à construção teórica, e não o inverso. A psicanálise nos mostra que a teoria é o resultado de uma tentativa de ordenação dos dados da experiência, e que ela não nasce por meio das reflexões solitárias em um escritório fechado, mas sim através dos problemas empíricos que se apresentam por meio das observações dos fenômenos da experiência: “[...] a psicanálise não é uma criação meramente intelectual, separada dos problemas empíricos [...] ela foi construída na procura de um método para a cura da histeria. A sua explicação dessa patologia está, portanto, claramente em função do seu tratamento.”¹³⁴ A psicanálise não é fruto da especulação, mas sim resultado da experiência.

A psicanálise constitui uma combinação notável, pois abrange não apenas um método de pesquisas das neuroses, mas também um método de tratamento baseado na etiologia assim descoberta. Posso começar dizendo que a psicanálise não é fruto da especulação mas sim o resultado da experiência; e, por essa razão, como todo novo produto da ciência, acha-se incompleta. É viável a todos convencerem-se por suas próprias investigações da correção das teses nelas corporificadas e auxiliar no desenvolvimento ulterior do estudo.¹³⁵

¹³² Freud, S. (1996). *Fragmento Da Análise De Um Caso De Histeria*. Volume VII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1900). p. 07-08

¹³³ Freud, S. & Andreas-Salomé, L. (1966). *Correspondance avec Sigmund Freud*. Paris. Gallimard. Publicado originalmente nos anos de 1912-1936. p. 81-82.

¹³⁴ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 151

¹³⁵ Freud, S. (1996). *Sobre a Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1913. p. 130

“A postura de Freud, ao tomar a psicanálise como um conhecimento delimitado, sempre inacabado, aberto à revisão e substituição, construído em função dos problemas a resolver, advém de sua formação como homem de ciência.”¹³⁶ Vemos em Freud (1938) que: “Os ensinamentos da Psicanálise baseiam-se em número incalculável de observações e experiências, e somente alguém que tenha repetido estas observações em si próprio e em outras pessoas acha-se em posição de chegar a um julgamento próprio sobre ela.”¹³⁷

A psicanálise sempre foi tomada por Freud como uma ciência empírica, pertencente às ciências da natureza (*Naturwissenschaften*). Além disso, Freud sempre lutou contra a possibilidade da psicanálise ser tomada como uma visão de mundo ou como um sistema filosófico, fato que se tornaria um perigo eminente e ameaçaria a construção psicanalítica enquanto um método científico de tratamento das neuroses.

A psicanálise não é um sistema, como o da filosofia, que parte de alguns conceitos fundamentais rigorosamente definidos, com os quais ela procura apreender o universo e depois, uma vez acabado, não dispõe mais de espaço para novas descobertas e melhores maneiras de ver. Ela se liga preferencialmente aos fatos de seu domínio de trabalho, procura resolver problemas imediatos da observação, avança tateando seguindo a experiência, é sempre inacabada, sempre pronta a mudar ou modificar suas doutrinas. Ela suporta, tão bem quanto a física ou a química, que seus conceitos supremos sejam sem clareza, seus pressupostos provisórios, e ela espera de seu trabalho futuro uma determinação mais rigorosa destes.¹³⁸

A psicanálise deve ser compreendida enquanto uma ciência, um ramo da psicologia – psicologia do inconsciente – que toma o espírito e a alma como um objeto natural, ou seja, pertencente às ciências da natureza, exatamente como qualquer outro objeto. O que pretende, então, a psicanálise? Vemos que como qualquer outra ciência, ela procura compreender os fenômenos, estabelecer uma conexão entre eles e expandir o campo de poder e de manipulação sobre eles. Freud nos esclarece que a psicanálise não é fruto da especulação, mas resultado da experiência.

Freud reconhece, no entanto, a necessidade da especulação enquanto um método efetivo na construção de suas teses, como a dinâmica do aparelho psíquico, os conceitos de libido do eu, a energia das pulsões, etc. Reconhece, nesse sentido, que conceitos dessa dimensão especulativa são necessários enquanto sua funcionalidade para dar inteligibilidade na resolução dos problemas apresentados na clínica. Esses conceitos se apresentam como construções auxiliares, passíveis de abandono ou substituição, sem nenhum dano pelo conhecimento adquirido por meio da observação: “[...] essas idéias não

¹³⁶ Fulgencio, L. (2001). O Método Especulativo em Freud. São Paulo: EDUC. 2008. p. 155

¹³⁷ Freud, S. (1996). Esboço de Psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1938. p. 91

¹³⁸ Freud, S. (1991). Psychanalyse et théorie de la libido. In: Oeuvres complètes (Vol. 16). Paris, PUF. (Originalmente publicado em 1923). pp. 203-204

são o fundamento da ciência, no qual tudo repousa: esse fundamento é tão somente a observação. Não são a base, mas o topo de toda a estrutura, e podem ser substituídas e eliminadas sem prejudicá-la”.¹³⁹

O que significa dizer que o método especulativo permite dar inteligibilidade ao desenvolvimento da psicanálise e que esse método se torna funcional e útil na construção de hipóteses auxiliares? Como, afinal, pensamos a especulação na psicanálise como um método efetivo? E onde identificamos o fundamento epistemológico desse método?

Para responder essas perguntas, precisamos conceber que a necessidade do método especulativo se apresenta como um guia investigativo para agrupar, ordenar e organizar os dados da experiência, articulando-os com as construções e hipóteses de uma determinada ciência. Ou seja, a partir da abstração conceitual dos fenômenos derivados da experiência empírica, é possível construir estratégias teóricas de soluções de problemas.

Esses conceitos (libido, pulsões, aparelho, instâncias psíquicas possibilitam a organização da observação, fornecem um guia para a pesquisa e auxiliam na integração dos resultados obtidos pela pesquisa. Ainda que eles mesmos sejam apenas convenções e não tenham, portanto, valor de verdade objetiva (ou seja, empírica).¹⁴⁰

Além disso, observamos que a necessidade de construções auxiliares não é uma atitude nova dentro do panorama científico, mas uma atitude metodológica comumente aceita nas ciências naturais. Freud nos diz que as construções auxiliares que são elaboradas na psicanálise seguem os critérios já trilhados por outras ciências maduras: “Em nossos dias, a mesma coisa vem acontecendo na ciência da física, cujas noções básicas no tocante a matéria, centros de força, atração etc. são quase tão discutíveis quanto as noções correspondentes em psicanálise.”¹⁴¹ Freud nos mostra, ainda, sobre o desenvolvimento de uma ciência, que:

Ouvimos com freqüência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias - que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência - são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio

¹³⁹ Freud, S. (1996). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1914. p. 48

¹⁴⁰ Fulgencio, L. (2001). O Método Especulativo em Freud. São Paulo: EDUC. 2008. p. 173-174

¹⁴¹ Freud, S. (1996). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1914. p. 48

de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções - embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área.¹⁴²

Veremos agora como o método especulativo de Freud ecoava em sua tradição de formação intelectual, considerando que a especulação teórica, longe de ser uma atitude inaceitável dentro das ciências, era concebida como uma necessidade intrínseca ao desenvolvimento de qualquer ciência, até mesmo as mais maduras, como a biologia e a física, por exemplo. Nesse sentido, o método especulativo já era estudado por filósofos, epistemólogos e cientistas da época, como é o caso de Ernst Mach. Conforme coloca Fulgencio (2001) sobre a utilização de nomenclaturas metafóricas utilizadas por Freud:

A idéia de "aparelho psíquico" também não é nem um pouco original; pelo contrário, ela apenas reitera o uso de um termo comum na medicina: os aparelhos respiratório e circulatório, o aparelho do espírito descrito em termos neurológico-anatômico, já proposto por Meynert, o aparelho de linguagem elaborado pelo próprio Freud no seu texto sobre as afasias, etc. Da mesma maneira que corresponderia aos aparelhos circulatório e respiratório fazer circular sangue e oxigênio no organismo, caberia ao aparelho psíquico (em qualquer uma de suas versões) fazer circular representações e afetos que devem guiar as ações, sentimentos e pensamentos dos homens.¹⁴³

Freud reconhece que o uso de modelos analógicos e metafóricos são utilizados nas ciências naturais, e são úteis para a investigação científica, conforme constatamos sua importância em Mach¹⁴⁴. Dizemos, a partir dessa perspectiva de análise, que o modelo teórico proposto por Freud, exclusivamente com a noção de aparelho psíquico, se apresenta como uma metáfora, ou seja, um modelo teórico sem valor empírico correspondente, mas com sua funcionalidade heurística fundante. Freud sempre pensou o *Projeto*, por exemplo, como uma máquina natural, embora substitua posteriormente a linguagem utilizada na *Interpretação...*

No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, um novo modelo será proposto, agora construído em termos propriamente psicológicos. Freud reapresenta a necessidade de conceber um aparelho dividido em instâncias psíquicas, o que tornará possível conceber mecanismos de determinação recíproca (também psíquicas) entre elas. Desse novo modelo metapsicológico, que integra as concepções de forças e quanta de afeto (energia) como construções auxiliares usadas para formular as explicações sobre o movimento das representações e afetos que guiam os sentimentos e os comportamentos, será possível conceber ações próprias ao

¹⁴² Freud, S. (1996). *Os Instintos e suas Vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1915. p. 70-71

¹⁴³ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 268-269

¹⁴⁴ Mach, E. (1922). *La connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarion. Original publicado em 1905.

agir clínico (análise da transferência, da resistência, como tornar consciente o inconsciente, etc.). E necessário enfatizar que a adequação desse modelo deve ser reconhecida em termos heurísticos, ou seja, não se trata de uma representação espacial verdadeira (empírica), com sistemas psíquicos (Ics, Pcs-Cs) objetivamente existentes, mas tão-somente de uma ficção teórica útil, um instrumento para pesquisa ou resolução dos problemas clínicos.¹⁴⁵

Freud faz questão de marcar, nesse contexto de sua obra, que essa representação espacial não tem relação com uma anatomia do cérebro real ou com a realidade anatômica do aparelho psíquico, embora logo a frente podemos observar que Freud sempre deixou essa concepção como uma postulação provisória.

A subdivisão do inconsciente é correlativa à tentativa de imaginar um aparelho psíquico edificado a partir de um certo número de instâncias ou de sistemas, cuja relação mútua é expressa em termos espaciais, sem que seja procurada, no entanto, uma ligação com a anatomia do cérebro real (o ponto de vista tópico).¹⁴⁶

No entanto, no texto *O Inconsciente* (1915), Freud esclarece sua posição de que: “Nossa topografia psíquica, *no momento*, nada tem que ver com a anatomia; refere-se não a localidades anatômicas, mas a regiões do mecanismo mental, onde quer que estejam situadas no corpo.”¹⁴⁷

Em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* (1914), Freud coloca que as teorias são provisórias e assumem um lugar temporário até que sua correspondência objetiva possa ser comprovada. Desse modo, vemos que Freud, embora se distancie em um certo sentido do viés neurológico, não abandona sua hipótese de correspondência entre o orgânico e os conceitos de sexualidade e pulsão, por exemplo.

Em terceiro lugar, devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie. Estamos levando essa probabilidade em conta ao substituímos as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais.¹⁴⁸

Cabe agora, explicitar como Freud constrói essa passagem dos dados empíricos às especulações teóricas, considerando a necessidade de ir além do que a observação clínica podia oferecer diretamente à experiência, com o objetivo de formular categorias conceituais mais amplas, mesmo que não concebidas empiricamente. Podemos identificar essa passagem, em um primeiro momento, a clássica substituição de um modelo metodológico adotado em termos neurofisiológicos (*Projeto para uma Psicologia Científica*) ao modelo

¹⁴⁵ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 271-272

¹⁴⁶ Freud, S. (1996). *Um Estudo Autobiográfico*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925). p. 31

¹⁴⁷ Freud, S. (1996). *O Inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1915. p. 104

¹⁴⁸ Freud, S. (1996). *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1914. p. 49

metodológico adotado em termos psicológicos (*Interpretação dos Sonhos*). Veremos adiante o fundamento especulativo da noção de força, por exemplo, nas especulações freudianas, assim como a construção de um princípio causal e ordenador da metapsicologia (pulsão).

2.2 Representações-fantasia e ficções heurísticas: o método especulativo de Freud

O método especulativo na obra freudiana suscita uma discussão sob inúmeros ângulos de interpretação, devido a utilização de analogias, metáforas, convenções, as figurações linguísticas, a utilização dos mitos e da mitologia e o fantasiar na construção dos conceitos auxiliares, por exemplo. Destacamos aqui, que a utilização das analogias em Freud se apresenta como um procedimento metodológico necessário dentro da metapsicologia, uma vez que possibilita o avanço na descoberta científica, pois permite ao pesquisador a construção de identidades dinâmicas entre os sistemas. Freud nos diz em *Além do Princípio do Prazer*, sobre a especulação:

O que se segue é especulação [*spekulation*], uma especulação que leva freqüentemente a muito longe e que cada um levará em conta ou negligenciará segundo sua posição particular. É assim uma tentativa para explorar de maneira conseqüente uma idéia, com a curiosidade de ver onde ela levará.¹⁴⁹

A metapsicologia se caracteriza pela sua dimensão especulativa, necessária para conceber os processos que não são acessíveis diretamente à experiência sensível. Nesse sentido, torna-se justificável e até mesmo oportuno a atitude de Freud em recorrer às experiências hipotéticas e heurísticas na construção de suas teorizações, utilizando-se de analogias e metáforas. O sistema de teorização exige, naturalmente, uma dimensão em que se possa “brincar” com as abstrações, de forma a dar inteligibilidade aos dados da experiência sensível. De acordo com Fulgencio: “Poderá o uso de analogias evidentemente, em certas condições e dentro de limites - contribuir para a imaginação da qual a ciência tem necessidade e que a psicanálise reconhece como motor poderoso da descoberta?”¹⁵⁰

Trata-se de investigar, nesse tópico, que a atitude de Freud corresponde à apropriação de uma metodologia científica reconhecível e utilizada em seu tempo, na qual reflete a tradição de formação intelectual de Freud. Destacamos aqui, que a prática de investigação científica no início do século XX na atmosfera germânica corresponde ao que

¹⁴⁹ Freud, S. (1996). *Além do Princípio de Prazer*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 18). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920). p. 16

¹⁵⁰ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 173-174

se conhece como a filosofia do “*como se*”, em que se constrói uma filosofia de especulação baseada na elaboração de ficções teóricas, apoiadas no positivismo idealista.¹⁵¹

A filosofia do “*como se*” nasce com o neokantiano alemão Hans Vaihinger (1852-1933), em que postula a existência da ficção enquanto elemento da criação consciente, artifício útil e prático a serviço de uma determinada finalidade. Vaihinger demonstra em sua filosofia a influência de Schopenhauer, em que afirma que o pensamento, em sua origem, é um meio para um fim específico: o da vontade. Sua filosofia se torna, nesse sentido, um instrumento indispensável para se alcançar um objetivo dentro de uma verdade científica. Vaihinger (2011), sobre o problema da verdade e da ficção, nos coloca que:

[...] mesmo que reconheçamos, teoricamente, [as] ficções como tais, elas permanecem, de um ponto de vista prático, elementos necessários para o nosso pensamento. O pensamento as gera, com necessidade, a partir de sua própria natureza, e, concomitantemente, em face de seu método instintivo e engenhoso que lhe é peculiar, produz as contradições assim dadas. O próprio pensamento atua, por assim dizer, nós com os fios oferecidos pela experiência. Os nós auxiliam o pensamento, mas também o enlaçam quando são tomados por algo que a experiência contém em si como objetivo – quando na verdade são apenas constructos subjetivos auxiliares.¹⁵²

A linha é tênue entre o ato de fantasiar e o de teorizar, considerando que a teorização é uma expressão de um impulso que nasce da capacidade do pesquisador em fantasiar. Mezan¹⁵³, ao invés de conceber a ficção e a teoria como termos antitéticos, ele nos propõe pensarmos como dois elementos sobrepostos, sem que sejam confundidos. Para Mezan, torna-se necessário admitir uma interdependência entre a ficção e a teoria, ou seja, entre o fantasiar e a teorização. A presença de imagens, comparações e metáforas, para Mezan, representa um estilo de pensamento, e associando à Fulgencio, representa também uma atitude metodológica dentro da investigação científica, tendo a fantasia como o motor da teorização: “o fantasiar é o próprio motor do teorizar.”¹⁵⁴

É inegável o valor epistemológico que Freud atribui as suas especulações, de modo que caracteriza a fantasia¹⁵⁵ como um elemento fundante do psiquismo. A investigação científica carrega um elemento derivado da fantasia, em que possibilita as construções conceituais que orientam a organização do material empírico. Nos diz Mach: “[...] a

¹⁵¹ Vaihinger, H. (2011). *A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista*. Trad.: Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos.

¹⁵² Vaihinger, H. (2011). *A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista*. Trad.: Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos. p. 300

¹⁵³ Mezan, R. (1995). *Figuras da teoria psicanalítica*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, Escuta.

¹⁵⁴ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 39

¹⁵⁵ A fantasia se mostra, na leitura psicanalítica lacaniana como uma substância intrínseca à existência objetiva do sujeito, considerando que esta constrói uma cena imaginária e que protege o sujeito da invasão e da desordem do real. A fantasia permite que a realidade possa ser organizada a partir de elementos previamente estabelecidos no repertório simbólico de um sujeito. A incapacidade de construir uma fantasia conduz ao que conhecemos como um delírio ou alucinação, pertencente à estrutura psicótica.

compreensão conceitual da natureza deve ser precedida pela sua compreensão mediante a fantasia, a fim de [que se possa] produzir para os conceitos um conteúdo visual vivo”.¹⁵⁶

Freud já nos indica em *Análise Terminável e Interminável* (1975a, p. 257) a clássica passagem sobre a necessidade do fantasiar na teorização, tendo como referência a bruxa feiticeira, ou seja, a metapsicologia, quando nos diz que: “Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse “fantasiar” –, não daremos outro passo à frente. Infelizmente, aqui como alhures, o que a Feiticeira nos revela não é muito claro nem muito minucioso.”¹⁵⁷ Há, portanto: “uma ligação entre objetividade e especulação, racionalidade e atividade imaginativa [...] para avançar nos impasses surgidos em seu processo de investigação.”¹⁵⁸

O que decide pela escolha de uma ou outra idéia é, depois de feita a análise conceitual, tão somente seu valor heurístico, não sua validade objetiva (empírica). A escolha é feita em função da consistência interna e da utilidade dessas idéias na pesquisa empírica, e não em função de eventuais provas de um ou outro modelo, o que é impossível, dado que ambos são apenas ficções heurísticas.¹⁵⁹

Loparic nos propõe pensarmos uma análise das ficções heurísticas na prática científica, exclusivamente na construção da metapsicologia, tendo os conceitos especulativos contemplados enquanto úteis e funcionais do ponto de vista do desenvolvimento científico, considerando-os como guias para direcionar e orientar o investigador na pesquisa científica. Loparic¹⁶⁰ nos mostra, além disso, que a ficção heurística se encontra presente em filósofos e epistemólogos, como por exemplo: Descartes, Kant, Mach, e também em Freud. Sua interpretação é a de que Freud é filiado de forma implícita ao programa de pesquisa kantiano para as ciências da natureza.

Freud nos indica que “as pessoas raramente são imparciais no que concerne às coisas supremas, aos grandes problemas da ciência e da vida. Em tais casos, cada um de nós é dirigido por preconceitos internos profundamente enraizados, aos quais nossa especulação [*Spekulation*] inadvertidamente dá vantagem.”¹⁶¹

Para compreender como se dá o movimento interno à obra de Freud na construção de seus conceitos especulativos, torna-se fundamental explorar as referências do método especulativo utilizado na metapsicologia. E conforme nos aponta Fulgencio (2001), a fonte

¹⁵⁶ Mach, E. (1905). *La Connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarion, 1922. p. 106-107

¹⁵⁷ Freud, S. (1975). *Análise terminável e interminável*. In: Sigmund Freud. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jayme Salomão, trad. sob a direção, Vol. 11, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937). p. 257

¹⁵⁸ Mezan, R. (2012). O fantasiar metapsicológico do psicanalista e aquele do escritor criativo: semelhanças e distinções. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 458-469, dez. p. 461

¹⁵⁹ Loparic, Z. (2003). De Kant a Freud: um roteiro. *Revista Kant e-Prints*. Vol. 2, n. 8. p. 9

¹⁶⁰ Loparic, Z. (2003b). Kant e as especulações metapsicológicas em Freud. *Revista Kant e-prints*.

¹⁶¹ Freud, S. (1996). Além do Princípio de Prazer. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 18). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920). p. 38-39

de todo o sistema filosófico que oferece os instrumentos necessário na construção do método especulativo se localiza em Kant, considerando que:

O uso de especulações como um método de pesquisa não é algo novo na história da ciência moderna. O quadro da ciência alemã no século XIX a atesta claramente. Cientistas como (citando aqui apenas alguns, que são importantes para a formação de Freud) *Fechner*, *Helmholtz*, *Brücke*, *Brentano* e *Mach* defendem seu uso. A compreensão de como se desenvolve a pesquisa nas ciências naturais deve-se a *Kant*, não só em termos gerais, como marca inicial da própria constituição da ciência separada da metafísica tradicional, mas em termos específicos, enquanto um programa de pesquisa *a priori* para as ciências naturais. Todos os cientistas citados acima têm em Kant sua referência metodológica, a ponto de, por exemplo, *Helmholtz*, um dos maiores representantes do espírito científico do século XIX, ter enunciado claramente: "estamos ainda sob o solo de seu sistema".¹⁶²

Vemos que as concepções kantianas reverberam na identidade epistemológica freudiana, como quando constrói o ponto de vista dinâmico, por exemplo, quando considera as pulsões como uma convenção, e quando afirma que a psicanálise necessita da bruxa metapsicologia, conforme exploraremos nos próximos tópicos mais detalhadamente, vendo como se dá isso na obra freudiana.

Nesse ponto, detalharemos como se dá a influência de Ernst Mach na obra de Freud, para então acompanharmos às concepções kantianas nesse desenvolvimento. Cabe destacar, primeiramente, que Mach e Freud pertencem, ambos, a uma vertente que concebe as ficções heurísticas na pesquisa científica como uma necessidade metodológica. Desse modo, vemos o quanto Freud não admite um sistema filosófico enquanto uma visão de mundo dentro da psicanálise, mas admite as concepções filosóficas que contemplam o valor funcional, operacional e metodológico da especulação na ciência.

Vemos que tanto Mach, quanto Freud, admitem a necessidade da especulação quando os dados empíricos se mostram insuficiente para uma descrição, organização ou explicação completa dos elementos observáveis. Compreendemos, assim, que há uma intencionalidade na posição de Freud em utilizar a especulação enquanto um método e em afirmar a provisoriedade dos conceitos metapsicológicos.

Nesse ponto, é possível identificar alguns aspectos gerais sobre a concepção de ciência em Mach e Freud, em que observamos uma semelhança teórica em ambos no que se refere ao uso de fantasias e construções auxiliares na prática da pesquisa empírica. Tomando a leitura da obra de Mach, é possível observar que o modelo de ciência no qual Freud foi formado já concebia a utilização do método especulativo e o uso de fantasias na investigação científica.

¹⁶² Loparic, Z. (2003x). De Kant a Freud: um roteiro. *Revista Kant e-Prints*. Vol. 2, n. 8. p. 9

De acordo com Mach¹⁶³, o objetivo da ciência é oferecer ao pesquisador uma representação adequada da realidade, e que corresponda aos objetos diretos da experiência. No entanto, o filósofo reconhece que por vezes é imprescindível a utilização de representações auxiliares, por meio das quais o investigador conseguirá apreender as relações empíricas e organizar os dados da realidade de forma provisória, até a ciência atingir um maior estado evolutivo. Essas representações ou conceitos auxiliares, de acordo com Mach, são meras abstrações conceituais, sem nenhuma conexão direta com os dados da realidade, mas que surgem como um instrumento válido para atingir o objetivo procurado.

As utilizações das representações auxiliares, de acordo com Mach, devem ser abandonadas ou substituídas tão logo o desenvolvimento da ciência possibilite ao pesquisador uma apreensão direta dos fenômenos e suas relações com a experiência concreta. Nos diz Mach, sobre as representações-fantasia (*Phantasie-Vorstellungen*) como um tipo de bruxaria científica:

Pensem nas partículas da luz de Newton, nos átomos de Demócrito e de Dalton, nas teorias dos químicos modernos [...] e, finalmente, nos modernos íons e elétrons. As múltiplas hipóteses físicas sobre a matéria, os turbilhões cartesianos e eulerianos, que reaparecem nas novas teorias eletromagnéticas de correntes e turbilhões, os sumidouros e as fontes que levam à quarta dimensão do espaço, as partículas ultramundanas que geram a gravitação etc. etc., poderiam, ainda, ser mencionadas. **Ocorre-me que se trata de uma roda-viva de representações aventureiras modernas que, tal como uma festa das bruxas (*Hexensabbat*) impõem respeito.** Estas filhas da fantasia lutam pela existência, na medida em que procuram se sobrepujar mutuamente. Inúmeras dessas florações da fantasia devem ser aniquiladas, pela crítica implacável, tendo em vista os fatos, antes que uma delas possa desenvolver-se e ter uma permanência mais longa. Para que se possa avaliar esse processo, é necessário levar em conta o fato de que se trata de reduzir os processos naturais a elementos conceituais mais simples.¹⁶⁴

As concepções dinâmicas que permeavam as construções teóricas na época tinham como pressuposto elementar a utilização da noção de força como o ponto de partida. A noção de força se apresenta, assim, como um termo teórico especulativo e provisório, mas que nem por isso se torna inútil ou disfuncional. Muito pelo contrário, a noção de força, por exemplo, auxilia o cientista em estabelecer um elemento causal primordial (um princípio causal), ou seja, um ponto de partida para se alcançar as conexões abstratas com os dados empíricos da realidade.

A representação-fantasia (*Phantasie-Vorstellungen*) é um instrumento válido que facilita o investigador na busca, mas que, na visão de Mach¹⁶⁵, a ciência deve ser

¹⁶³ Mach, E. (1922). *La connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarionn. Original publicado em 1905.

¹⁶⁴ Mach, E. (1922). *La connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarionn. Original publicado em 1905. p. 106-107. Grifo nosso.

¹⁶⁵ Mach, E. (1922). *La connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarionn. Original publicado em 1905.

considerada como um “*vir a ser*”, tendo em vista que tão logo se encontre aquilo que se busca, as representações-fantasia devem abandonadas ou retificadas a partir dos novos dados encontrados.

Fulgencio nos diz que as teorias, na visão de Mach “são provisoriamente necessárias e podem ser substituídas até mesmo por outras teorias, num grau menor de imperfeição, num processo que levará a ciência na sua direção final, como uma teoria, por assim dizer, real.”¹⁶⁶ O ponto de vista heurístico proposto por Mach, relembra sua concepção do conceito de força na física, concebido como uma convenção necessária, mas que não possui, no entanto, um correspondente objetivo (empírico) na realidade sensível.

A noção de força se caracteriza, portanto, como uma representação-fantasia (*Phantasie-Vorstellungen*)¹⁶⁷, tal como a noção de átomo, massa, energia, eletricidade, etc. Esses conceitos se apresentam como meras abstrações, mas úteis, uma vez que possibilitam um estado de “*vir a ser*” da ciência, permitindo a organização dos dados da experiência sensível. Mach refere-se à noção de átomo: “A teoria atômica tem, na física, uma função análoga àquela de certas representações matemáticas auxiliares: ela é um modelo matemático para a descrição dos fatos”.¹⁶⁸

Ainda que Mach reconheça a utilidade e aplicabilidade dessas fantasias, ele acredita que elas possam ser substituídas com o desenvolvimento das pesquisas, para atingir, então, um momento no qual a ciência não dependerá nem se apoiará em metafísica alguma. No entanto, em Freud, as coisas não se passam exatamente dessa maneira. Ao mesmo tempo em que ele considera a metapsicologia como uma superestrutura especulativa sempre pronta a ser sacrificada ou trocada, ele também afirma que o conceito de pulsão é necessário e que, sem a metapsicologia, não se avança um passo sequer. Como entender essas duas posições, aparentemente contraditórias? De um lado, Freud parece reafirmar a mesma perspectiva de Mach, no que diz respeito ao uso de fantasias teóricas, mas, de outro, ele considera como parte integrante e necessária das ciências (psicanálise incluída) alguns conceitos e princípios fundamentais que servem como idéias abstratas que tornam possível organizar e relacionar o material da observação. Essa segunda perspectiva nos remete a Kant, na sua afirmação de que toda ciência está edificada sobre um metafísica, no caso, uma metafísica da natureza.¹⁶⁹

A problemática sobre a natureza da investigação científica foi um tema vigente na atmosfera intelectual no início do século XX, especialmente na Alemanha, em que se discutia na comunidade científica sobre as visões de mundo que deveriam fundamentar o método científico, pensando na sua aplicabilidade empírica e funcional. De um lado, se defendia a necessidade de uma correspondência entre a realidade objetiva e empírica com

¹⁶⁶ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 144

¹⁶⁷ Mach, E. (1987). *La Mécanique – Exposé Historique et critique de son développement*. Paris, Jacques Gabay. Publicado originalmente em 1883.

¹⁶⁸ Mach, E. (1987). *La Mécanique – Exposé Historique et critique de son développement*. Paris, Jacques Gabay. Publicado originalmente em 1883. p. 459

¹⁶⁹ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 192

os objetos da realidade às teorias, ou seja, defendia-se o uso de conceitos que estabelecessem uma correspondência direta com a realidade fenomênica. De outro lado, se defendia o ponto de vista heurístico no método de investigação científica, ou seja, a utilização de construções auxiliares ou modelos e ficções teóricas enquanto meras convenções, no entanto, úteis e funcionais.¹⁷⁰

Destacamos que do lado em que se defendia o ponto de vista “realista”, encontramos o físico alemão Max Planck, e do outro lado, o físico austríaco Ernst Mach, em que defendia o ponto de vista heurístico. Em 1912, foi publicado um documento em que os cientistas da época deveriam assinar a favor da concepção defendida, em que se observa a presença, por exemplo, seguindo a perspectiva de Mach, de cientistas como: Albert Einstein, George Helm, Jacques Loeb, David Hilbert, Sigmund Freud, entre outros. Essa informação se torna fundamental para compreender a posição que Freud ocupa no panorama científico, considerando, sobretudo, a sua influência metodológica e epistemológica. Nesse sentido, Mach é considerado um cientista clássico no ponto de vista heurístico.¹⁷¹

A concepção do ponto de vista heurístico, ou seja, a construção de ficções teóricas, nos permite considerar a ciência como um método de resolução de problemas empíricos, mas que se apoiam em especulações para preencher as lacunas dos dados que a experiência não dá conta. Nessa perspectiva, as teorias buscam oferecer ao investigador soluções aos problemas apresentados, não correspondendo à uma imagem verdadeira na realidade empírica. Embora a teoria carregue um elemento fantasioso, nem por isso ela se caracteriza como não funcional, considerando que seu valor imaginativo possui um critério heurístico, isto é, de resolução de problemas. Essa atitude não é nova na história da ciência, uma vez que se perpetua a partir do programa kantiano de pesquisa para as ciências naturais: “Mach aborda a atividade científica como atividade de resolução de problemas, exatamente como fez Kant”.¹⁷²

Para Freud, as representações conceituais devem corresponder à sua funcionalidade enquanto organizadora da experiência, em que busca aplicar aos dados da observação para oferecer inteligibilidade aos fenômenos, ainda que não possam, em essência, caracterizá-las como verdadeiras ou falsas, na medida em que a importância de um conceito está na sua funcionalidade heurística e não na sua correspondência direta com os dados da realidade sensível.

¹⁷⁰ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008.

¹⁷¹ Loparic, Z. (1984). Resolução de Problemas e Estrutura de Teorias em Mach. *Cadernos de História e Filosofia de Ciência*. n. 6. pp. 35-62.

¹⁷² Loparic, Z. (1984). Resolução de Problemas e Estrutura de Teorias em Mach. *Cadernos de História e Filosofia de Ciência*. n. 6. pp. 35-62. p. 39

Lembremos o caso da eletricidade, que se torna inteligível e pesquisável a partir da suposição de que seja análoga a um fluído: mesmo não sendo uma representação verdadeira, permite estabelecer leis sobre o funcionamento da corrente elétrica. Dizendo de outra maneira, as representações corretas correspondem a meios auxiliares, que contribuem para o processo de descobertas das relações entre os fenômenos ou para a resolução de problemas empíricos. Assim, podemos dizer que a posição de Freud está de acordo e reitera o ponto de vista de Mach sobre o uso de convenções e representações-fantasia como instrumentos válidos de pesquisa.¹⁷³

Freud nos aponta em sua obra sobre a necessidade da especulação na construção de sua metapsicologia, colocando que a especulação teórica é condição de investigação dos dados da experiência.

Aquele que procura uma simplificação e uma redução dos problemas em questão não se satisfará com esse trabalho. Mas aquele que privilegia o pensamento científico, sabendo reconhecer, como mérito, que **a especulação não abandona jamais o fio condutor da experiência** e que pode aproveitar da bela multiplicidade dos funcionamentos psíquicos, este apreciará esta obra e a estudará com ardor.¹⁷⁴

Vemos, nesse sentido, que Freud (assim como Mach e Kant), entende que a apreensão dos dados observáveis e empíricos não dão conta da explicação dos fenômenos observados, ou seja, os dados sensíveis se mostram insuficientes para apreender a totalidade da experiência objetiva, devendo, portanto, ser necessário apostar em uma dimensão que ultrapasse os limites da experiência objetiva.

Trata-se, a partir disso, de completar a experiência a partir de construções analógicas ou abstrativas, se apresentando como tentativas de preencher as lacunas constatadas pela experiência. “Ou seja, a própria metapsicologia deve ser considerada uma superestrutura especulativa, logo, ela não corresponde aos fundamentos empíricos da psicanálise e deve, em certo sentido, ser considerada como uma teoria provisória.”¹⁷⁵

Mostraremos agora como o programa científico kantiano se apresenta na obra freudiana, principalmente no que se refere a conexão entre o método especulativo na construção da metapsicologia, considerando a sua correspondência a filosofia transcendental de Kant. Veremos agora as principais características do programa kantiano *a priori* para as ciências da natureza; a metafísica kantiana da natureza como fundamento especulativo da psicanálise; o conceito de pulsão como uma convenção; a metapsicologia como uma superestrutura especulativa; o aparelho psíquico como uma ficção teórica; a analogia na obra de Freud e sua articulação com o programa científico kantiano.

¹⁷³ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 177-178

¹⁷⁴ Freud, S. (1996). *Doutrina Geral das Neuroses Fundadas sobre a Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 21). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931). Tradução da versão francesa por Fulgencio. p. 156. Grifo Nosso.

¹⁷⁵ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 188

2.3 A metafísica kantiana como fundamento especulativo da metapsicologia: a pulsão como uma ficção heurística

Consideramos nesse tópico a psicanálise como uma ciência natural e que sua construção foi edificada no solo do programa kantiano *a priori* para as ciências da natureza. Trata-se de investigar como o método especulativo de Freud encontra suas raízes epistemológicas na filosofia de Kant, considerando que a ciência, em seu sentido pleno, necessita de uma metafísica da natureza, uma vez que todo dado da experiência sensível busca um referente abstrato no intelecto, conforme veremos adiante no sistema kantiano.

A questão sobre os limites do conhecimento humano e como alcançamos a natureza do conhecimento em sua essência é um tema que atravessa a filosofia de Kant. Destacamos, primeiramente, que Kant divide sua metafísica da natureza em duas dimensões: filosofia transcendental e fisiologia transcendental. Nos diz Kant:

A chamada metafísica (da natureza), em sentido estrito, compõe-se da filosofia transcendental e da fisiologia da razão pura. A primeira considera apenas o entendimento e a própria razão como sistema de todos os conceitos e princípios *a priori* que se referem a objetos em geral, sem admitir objetos que sejam dados (ontologia); a segunda considera a natureza, isto é, o conjunto dos objetos dados (seja aos sentidos, seja, se quisermos, a outra espécie de intuição), e é, portanto, fisiologia (embora apenas *rationalis*).¹⁷⁶

A filosofia transcendental nos indica uma teoria do significado dos conceitos *a priori* no campo da experiência sensível, assim como a possibilidade de verificar ou falsear esses conceitos, tratando da relação entre as estruturas discursivas da experiência possível. Por outro lado, a fisiologia transcendental se apresenta como a parte da metafísica de Kant em que utiliza dos juízos sintéticos (analisados na filosofia transcendental), para operar *a priori* sobre a natureza efetivamente designada na experiência possível. Veremos com mais detalhes para elucidar essa diferenciação.

Kant nos indica que há duas categorias de objetos na realidade: os objetos pertencentes aos sentidos externos e os objetos pertencentes ao sentido interno. Kant nos diz que: “Há, pois, somente duas espécies de objetos dos sentidos: 1. Os dos sentidos externos, portanto o conjunto desses objetos, a natureza corpórea. 2. O objeto do sentido interno, a alma e, segundo os conceitos fundamentais da alma em geral, a natureza pensante”.¹⁷⁷ Desse modo, há dois tipos de objetos para as ciências da natureza, e por isso, apenas duas ciências: a física, que se ocuparia da natureza orgânica e corpórea

¹⁷⁶ Kant, I. (1990). *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*. Lisboa, Edições 70. Original publicado em 1786. p.873

¹⁷⁷ Kant, I. (1997). *Crítica da Razão Pura*. 1. Ed. 1781 (A) e 2. Ed. 1787 (B). Traduzido a partir da edição crítica de Raymund Schimidt (1956). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. p. 874

(sensações externas) e a psicologia, que se ocuparia da natureza abstrata e pensante (objetos internos).

Vemos que a psicanálise toma o inconsciente como um objeto da natureza, em que a metafísica da natureza é considerada um programa *a priori* para a pesquisa científica no campo da natureza, como é o caso da psicanálise. Nesse sentido, o efeito que se dá através da aplicação desses princípios *a priori* da filosofia transcendental no campo da natureza física são os princípios da física (mecânica e dinâmica, por exemplo). A função elementar desses princípios é notadamente heurística, ou seja, são utilizados como guias da investigação empírica no campo dos objetos materiais sensíveis. “O objetivo principal da metafísica da natureza não é o de simplesmente expor a estrutura *a priori* da natureza, mas o de permitir a elaboração de regras de resolução de problemas empíricos da ciência da natureza à luz de enunciados que caracterizam a estrutura desse objeto de estudo”.¹⁷⁸ Nos diz Kant:

Todos os conhecimentos, isto é, todas as representações conscientes referidas a um objeto são intuições ou conceitos. A intuição é uma representação singular; o conceito uma representação universal ou representação refletida”. Para ele, há mesmo uma oposição entre eles: “o conceito opõe-se à intuição, por ser uma representação universal ou representação do que é comum a vários objetos e, assim, uma representação na medida em que pode estar contida em várias.”¹⁷⁹

Ao definir o ato de pensar como o conhecimento que se faz propriamente por meio de conceitos, Kant nos diz que o conhecimento se submete à necessidade de conjugação entre intuições e conceitos. A diferença entre as intuições e os conceitos se dá na medida em que a intuição deriva da faculdade sensível, nos oferecendo um conhecimento da realidade objetiva, enquanto os conceitos são concebidos enquanto universais, mas que, contudo, não puderam encontrar na realidade fenomênica um objeto que a corresponda adequadamente.

Kant nos diz ainda que todos os conceitos que são objetivamente construídos devem ter um objeto correspondente na intuição: “Pensamentos sem conteúdo são vazios; intuições sem conceitos são cegas. Pelo que é tão necessário tornar sensíveis os conceitos (isto é, acrescentar-lhes o objeto na intuição) como tornar compreensíveis as intuições (isto é, submetê-las aos conceitos).”¹⁸⁰ Os conceitos que não se apresentarem nessas características, são tomados como metafísicos, tendo como referente abstrato algo que é incognoscível à experiência objetiva.

¹⁷⁸ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 67

¹⁷⁹ Kant, I. (1923). *Manual dos Cursos de Lógica Geral*. Uberlândia, Campinas. EDUFU/IFHC-Unicamp. 1998. p. 159

¹⁸⁰ Kant, I. (1997). *Crítica da Razão Pura*. 1. Ed. 1781 (A) e 2. Ed. 1787 (B). Traduzido a partir da edição crítica de Raymund Schmidt (1956). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. p. 75 (B)

Intuições e conceitos, portanto, embora sejam sobrepostos, são constituídos de forma diferente. As intuições possuem um dado direto por um objeto singular, enquanto o conceito é sempre sua abstração, algo construído por meio da razão ou pelo entendimento. Vemos, nesse sentido, que nenhum conceito possui um conteúdo sensível que o transforma em um fenômeno objetivo: o conceito é sempre a abstração de algo que não encontra sua correspondência direta com a realidade. O conceito é sempre uma aproximação abstrata, uma tentativa de tornar inteligível um dado da experiência.

A questão que se levanta nesse ponto é: como é possível oferecer um dado intuitivo a um conceito? E vemos, assim, que para que os conceitos tenham uma validade objetiva, devem ser articulados sob duas naturezas diferentes, conforma Kant coloca. É preciso, portanto, que os conceitos articulem a conexão entre o que é produzido pelo intelecto ou pela razão (entendimento) com o que nos é apresentado pelo nosso aparelho sensível da realidade objetiva. Essa conexão entre a natureza da realidade sensível com a construção de um conceito (intelecto) se dá por meio de uma representação mediadora, que opera o elo entre àquilo que é da ordem da intuição, e ao mesmo tempo intelectual e sensível.¹⁸¹ Proposto por Kant, se denomina esquematismo esse processo pelo qual os esquemas (categorias de conceitos) operam, realizando a conexão entre o pensamento e a sensibilidade.

“O esquema é, em si mesmo, um produto da imaginação”¹⁸², sendo um modo de representação de um determinado conjunto de conceitos, sem que seja necessário produzir uma imagem empírica desse conjunto nele mesmo. Kant nos exemplifica a noção de esquema quando nos propõe pensarmos a representação de um conjunto de cinco pontos (no qual claramente percebemos em:) e o conjunto de mil pontos (no qual claramente se mostra com uma dificuldade cognitiva de imaginar espacialmente esse conceito, embora saibamos o que significa mil pontos por meio de seu conceito).

[...] quando disponho cinco pontos um após outro tenho a imagem do número cinco. Em contrapartida, quando apenas penso um número em geral, que pode ser cinco ou cem, este pensamento é antes uma representação de um método para representar um conjunto, de acordo com um certo conceito, por exemplo mil, numa imagem, do que essa própria imagem, que eu, no último caso, dificilmente poderia abranger com a vista e comparar com o conceito.¹⁸³

Kant nos traz a noção de que esses conceitos puros da razão, que ele denomina de ideias, são conceitos que não encontram um referente efetivo e direto na realidade sensível,

¹⁸¹ Kant, I. (1997). *Crítica da Razão Pura*. 1. Ed. 1781 (A) e 2. Ed. 1787 (B). Traduzido a partir da edição crítica de Raymund Schmidt (1956). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. p. 75 (B)

¹⁸² Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 73

¹⁸³ Kant, I. (1997). *Crítica da Razão Pura*. 1. Ed. 1781 (A) e 2. Ed. 1787 (B). Traduzido a partir da edição crítica de Raymund Schmidt (1956). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. p. 179 (B)

mas que são necessários para a produção de conhecimento (pensamos aqui, por exemplo, no conceito de pulsão). Ao caracterizar cada faculdade de conhecimento (intuição, entendimento e razão), em relação aos conceitos e princípios *a priori* que fundamentam e orientam a construção do conhecimento, Kant nos coloca que esses conceitos são “princípios reguladores do uso sistemático da experiência no campo da experiência”.¹⁸⁴ Esses princípios da razão possuem a função de auxiliar na pesquisa empírica propriamente dita, ainda que, sejam indeterminados na sua experiência objetiva.

Os conceitos puros da razão, ou ideias, não terão, jamais, um referente empírico que lhes correspondam adequadamente; eles são princípios reguladores da pesquisa empírica e, enquanto tais, referem-se apenas a entes da razão, e nunca a realidades empíricas (nem mesmo em hipótese). A função e a validade dessas ideias, na produção do conhecimento, é apenas heurística.¹⁸⁵

Esses conceitos puros da razão, portanto, se apresentam como ficções heurísticas para o cientista, em que o auxilia na investigação dos fenômenos e suas relações recíprocas, considerando mais sua funcionalidade e operacionalidade do que sua correspondência empírica objetiva. O conceito de *trieb* (pulsão), por exemplo, não é observável empiricamente enquanto um objeto em si mesmo, pois o que conseguimos apreender é somente a manifestação de um sintoma e sua construção enquanto um elemento representativo. O sintoma, nessa linha de pensamento, é o referente sensível da abstração conceitual do conceito de pulsão. A pulsão pode não existir enquanto um fato objetivamente válido, mas sua construção auxilia o psicanalista na busca de sentidos e significados a partir dele. Conforme Kant nos indica sobre a construção dos conceitos:

Os conceitos da razão [...] são meras idéias e não têm, evidentemente, objeto algum em qualquer experiência, mas não designam por isso objetos imaginados e ao mesmo tempo admitidos como possíveis. São pensados de modo meramente problemático, para fundar em relação a eles (como ficções heurísticas) princípios reguladores do uso sistemático do entendimento no campo da experiência. Se sairmos deste campo, são meros seres da razão, cuja possibilidade não é demonstrável e que não podem também, por hipótese, ser postos como fundamento da explicação dos fenômenos reais.¹⁸⁶

Os conceitos de átomo e força, por exemplo, não podem ser confundidos com um dado empírico da realidade objetiva, pois não há apreensão empírica desses conceitos, uma vez que são conceitos elaborados pela razão.¹⁸⁷ O ponto de vista dinâmico, ou seja, o conceito de força, são conceitos puros da razão, ideias que não encontram um referente

¹⁸⁴ Kant, I. (1997). *Crítica da Razão Pura*. 1. Ed. 1781 (A) e 2. Ed. 1787 (B). Traduzido a partir da edição crítica de Raymund Schmidt (1956). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. p. 799 (B)

¹⁸⁵ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 73

¹⁸⁶ Kant, I. (1997). *Crítica da Razão Pura*. 1. Ed. 1781 (A) e 2. Ed. 1787 (B). Traduzido a partir da edição crítica de Raymund Schmidt (1956). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. p. 799 (B)

¹⁸⁷ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 79

direto no mundo sensível. A força é considerada um ente da razão que serve como uma referência e como um guia na pesquisa empírica, mas que sua validade não se dá de forma objetiva. Assim, “o uso de ficções heurísticas na prática de pesquisa empírica visa auxiliar o cientista na busca das leis e explicações dos fatos empíricos; elas mesmas não são explicação de coisa alguma, mas servem como guias na organização e sistematização de um determinado campo de fenômenos.”¹⁸⁸

Essa construção da noção de conceito por Kant nos mostra que várias ciências naturais representam seus conhecimentos por meio da intuição analógica na investigação científica, como por exemplo a física e a matemática, com os objetos ideais, tais como infinitesimais, espaço absoluto, tempo absoluto e forças fundamentais, etc. “Esses esquemas simbólicos ou analógicos funcionam como construções auxiliares para que seja possível desenvolver a pesquisa empírica, sem que esses símbolos ou analogias signifiquem a representação intuitiva adequada, objetivamente válida, do conceito aplicado ao domínio dos fenômenos.”¹⁸⁹

A metapsicologia se apresenta como um fenômeno permeado por controvérsias justamente por não apresentar um referente direto na experiência sensível, tornando-a um campo aparentemente distante dos objetos dados empiricamente. No entanto, nos apropriamos de Loparic (2003b, p. 236), para exemplificar que a própria dimensão da metapsicologia não possui uma propriedade espacial, tal como o conceito de alma, objeto de estudo da psicologia.

[...] tanto a alma quanto o corpo são objetos dados pelos sentidos; a primeira, apenas pelo interno e o segundo, apenas pelo externo. Sendo assim, parece que a pergunta “psicológico-metafísica” da relação espacial entre esses dois objetos deveria poder ser respondida a priori pela razão. Isso não é possível, sustenta Kant, visto que um objeto dado tão-somente no sentido interno (intuição interna) não tem propriedades espaciais. Em outras palavras, o conceito de sede da alma é autocontraditório, razão pela qual permanece vazio, sem nenhum referente que possa ser dado.¹⁹⁰

Kant coloca como psicologia empírica os objetos dados no sentido interno (a consciência empírica. A psicologia empírica, portanto, não é a alma, mas sim os estados mentais empíricos que podem ser submetidos às leis da natureza. “Ao dizer que a alma pode ser objeto de uma psicologia como uma ciência empírica, deve-se ter em mente que Kant está se referindo, não à alma no seu sentido transcendental, mas a esse sentido empírico.” Desse modo, a representação de conceitos para conceber a mente como um

¹⁸⁸ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 80

¹⁸⁹ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 84

¹⁹⁰ Loparic, Z. (2003) De Kant a Freud: Um Roteiro. *Natureza Humana*. v. 5. n.1. pp. 231-245. p. 236

objeto natural é extremamente válido e aceito, tendo em vista que a psicologia, nessa perspectiva, toma a consciência como um objeto natural, tal qual foi a pretensão freudiana na construção da psicanálise em sua metapsicologia, conforme vemos em *Projeto para uma Psicologia Científica (1885)*:

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as idéias principais envolvidas: I) A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento. II) Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais.¹⁹¹

Sobre a dificuldade da psicologia enquanto uma ciência empírica, Kant considera, nessa perspectiva, que há algumas representações na qual o homem tem consciência (denominada representações claras), e outras representação na qual não há acesso à consciência (denominadas representações obscuras). Ele afirma ainda, que “no homem, o campo das representações obscuras é o mais extenso”. Claramente, vemos um protótipo da noção de inconsciente em Kant.

Ter representações, mas não estar consciente delas, constitui, ao que parece, uma contradição. Com efeito, como poderíamos saber que nós a temos se não estamos conscientes delas? Esta objeção já foi feita por Locke, que por isso recusava também a existência de um tal tipo de representação. Todavia nós podemos ser imediatamente conscientes de ter uma representação ainda que nós não sejamos imediatamente conscientes dela. - Representações como essa são ditas obscuras, as outras são claras [...].¹⁹²

A questão que se coloca, nesse ponto, é se a psicologia empírica seria possível nessa concepção kantiana? Respondemos essa questão pensando que Kant propõe que o lugar da psicologia empírica deve se estabelecer em um cenário análogo ao da física empírica, considerada em termos transcendentais, tendo em vista que os objetos a serem concebidos pela psicologia devem ser considerados a partir da mesma categoria do entendimento que os objetos da física, o que implica pensar que “o psiquismo pode ser objetivável, tal como são todos os objetos da natureza, e, enquanto objeto empírico, deve ser possível atribuir-lhe relações de causalidade do mesmo tipo que as dadas pelos princípios da experiência em geral.”¹⁹³

Tomando essa posição de Kant, podemos afirmar que sua perspectiva se apresenta como um horizonte metodológico para a investigação científica e para a construção da metapsicologia freudiana, tomando seu programa de pesquisa para as ciências da natureza

¹⁹¹ Freud, S. (1996). *Projeto para uma Psicologia Científica*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume I – Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889). p. 223-224

¹⁹² Kant, I. (1798). *Antropologie du point de vue pragmatique*. Paris, Vrin. p. 22-23

¹⁹³ Fulgêncio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 100

como um orientador ao cientista enquanto um modelo heurístico de pesquisa, tanto no que refere à alma enquanto um objeto natural, quanto ao uso de ficções heurísticas na utilização do ponto de vista dinâmico enquanto um jogo de representações.

Reconhecemos esse horizonte epistemológico na proposta de Freud ao pensar o psiquismo como um aparelho constituído por uma dinâmica que pressupõe a noção de força (pulsões), por exemplo, que corresponde aos elementos físico-químicos, inerentes às concepções teóricas das ciências da natureza, tendo o psiquismo enquanto uma substância natural. Desse modo, vemos que a metapsicologia freudiana possui elementos que correspondem diretamente ao programa kantiano, na medida em que a construção da psicologia científica foi formulada com o auxílio da especulação em termos neurofisiológicos e biológicos, postulada por Freud em o *Projeto para uma Psicologia Científica*. Vemos também essa correspondência com a construção teórica posterior com a apropriação de um aparelho não mais pensado em termos neurofisiológicos, mas tomado enquanto um modelo psicológico, em que constatamos as explicações fundamentadas em modelos teórico especulativos e fictícios.

Freud, em seu *Estudo Autobiográfico*, de 1925, chega a caracterizar a sua construção teórica e o método adotado como “superestrutura especulativa” da psicanálise, correspondendo às suas especulações metapsicológicas, em que se apoia em uma atitude baseada nas noções de força e do ponto de vista dinâmico, tendo a pulsão como o princípio causal e metodológico de sua metapsicologia.

Estas representações [aparelho psíquico dividido em instâncias], e outras similares, pertencem a uma superestrutura especulativa [*spekulativer Überbau*] da psicanálise, em que cada parte pode ser sacrificada ou trocada sem dano nem remorso, a partir do momento em que uma insuficiência é constatada.¹⁹⁴

Conforme mencionado anteriormente, Bocca (2016, p. 14)¹⁹⁵ nos esclarece que “foi em harmonia com o projeto kantiano de ciência que Freud viabilizou sua psicologia profunda”, em que é possível, portanto, mostrar a partir disso, que há um kantismo em Freud, no que se refere ao método especulativo de pesquisa adotado na construção da metapsicologia. A psicanálise, portanto, é construída sob o solo kantiano, no que diz respeito aos princípios metodológicos e o uso de especulação teórica na pesquisa.

¹⁹⁴ Freud, S. (1996). *Um Estudo Autobiográfico*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925). p. 20

¹⁹⁵ Bocca, F. V. (2016). Freud e o programa científico kantiano. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 18, n. 2, pp. 7-28, jul./dez. p. 14

Destacamos aqui novamente o pensamento de Fulgencio, tendo em vista que não se trata de afirmar que Freud é um seguidor de Kant, mas que sua metapsicologia se fundamenta em uma metodologia já existente na época.

Não parto do pressuposto de que Freud teria feito um tipo de exegese do pensamento de Kant para depois aplicá-lo à sua prática científica, nem que ele esteve em posse do entendimento pleno da obra de Kant, tal qual se esperaria de um filósofo, mas entendo que se formou no interior da tradição kantiana, onde aprendeu como se fazia ciência, como se formulavam problemas válidos, como se procuravam soluções, etc., com seus mestres e na sua prática de pesquisa em laboratório [...] Sou da opinião de que a relação entre Freud e Kant não pode ser resumida à discussão de temas específicos, sobre os quais eles concordariam ou não, mas que a posição metodológica de Kant constitui um determinado solo para o pensamento de Freud, no qual são estabelecidas escolhas conceituais básicas que guiarão a construção da psicanálise como uma ciência empírica [...] o programa kantiano de pesquisa constitui um orientador dos procedimentos epistemológicos e metodológicos de Freud na construção da sua psicologia empírica.¹⁹⁶

Partimos do pressuposto de que os dados empíricos observáveis, que podemos reconhecer como a psicologia dos fatos clínicos, não são suficientes para explicar a totalidade dos fenômenos observados, deixando muitos pontos indeterminados. Essa indeterminação exige uma teoria que ultrapasse a psicologia dos fatos clínicos, ou seja, pressupõe a existência de uma meta-psicologia, para permitir a investigação e a inteligibilidade dos elementos derivados experiência clínica. Essa teoria especulativa, reconhecida pelo ponto de vista dinâmico surge como um elemento que ultrapassa a experiência sensível, completando as teorias que nascem da observação.

Analisemos agora, a partir disso, o conceito de pulsão, tomado como uma força equivalente ao ponto de vista dinâmico, e concebido como um direção-guia da pesquisa de Freud. A construção do conceito de pulsão corresponde ao que Kant nos propõe em sua teoria, a saber, a de que a diretriz metodológica recai no ponto de vista dinâmico, tornando-se necessário estabelecer uma força motriz originária, ou seja, um princípio causal, para permitir o encadeamento lógico e investigativo de uma problemática, conduzindo o cientista na sua pesquisa empírica.

O conceito de pulsão, nessa concepção, possui caráter de ficção, auxiliando o pesquisador na sua investigação empírica: “Freud abraçará justamente essa perspectiva dinâmica como fundamento da psicanálise, ao que parece, inclusive, parafraseando Mach, que considera o ponto de vista dinâmico e suas forças correspondentes, na física, como um tipo de mitologia científica.”¹⁹⁷

¹⁹⁶ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 107-108

¹⁹⁷ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 112

Freud apresenta seu trabalho especulativo quando propõe o aparelho de linguagem pensado a partir de uma perspectiva dinâmica, considerando que seus elementos figurativos não são dados empiricamente, mas são revelados através das representações e das relações internas estabelecida entre os conceitos. A utilização das noções neuropsicológicas, por exemplo, em o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1885), se apresenta como representações auxiliares para o entendimento do fenômeno psíquico, tendo em vista que se apresenta como um instrumento de pesquisa, tomada como uma ficção teórica. A utilização do conceito de energia e de força representam dois grandes elementos da pesquisa especulativa consensual da época, conforme Freud coloca como uma hipótese de trabalho no texto *As Neuropsicoses de Defesa* (1894):

Gostaria, por fim, de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo - uma carga de afeto ou soma de excitação - que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo.¹⁹⁸

Nesse sentido, afirmamos que o ponto de vista dinâmico, fundamentado em forças (pulsões) e em energia (libido), demonstra claramente a atitude freudiana na construção de sua metapsicologia em termos tópicos (instâncias psíquicas), dinâmicos (jogo de forças) e econômicos (investimento energético). O conceito de pulsão se torna um representante análogo ao conceito de força, utilizado nas ciências em geral, uma força análoga às forças físico-químicas. Tal como na física e na química, o conceito de força também é uma ficção heurística, assim como o conceito de pulsão em psicanálise. Podemos afirmar, portanto, que o conceito de pulsão é uma força análoga ao conceito de força na biologia. Conforme nos indica Fulgencio (2001):

Ainda que o trabalho psicanalítico tenda, habitualmente, a desenvolver suas doutrinas tão independentemente quanto possível das de outras disciplinas, ela se vê - apesar disso - obrigada, pela doutrina das pulsões, a procurar na biologia um apoio. Mas isso não significa, por exemplo, que as pulsões, na psicanálise, correspondam a um conceito da biologia.¹⁹⁹

A utilização do conceito de pulsão na metapsicologia indica a proximidade de Freud com as postulações kantianas, devido a tentativa de Freud em preencher o seu conteúdo utilizando-se de analogias com os fenômenos físico-biológicos. O instinto, por exemplo, encontra seus referentes na realidade empírica, enquanto a pulsão se torna apenas uma

¹⁹⁸ Freud, S. (1996). *As Neuropsicoses de Defesa*. Volume III. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1894). p. 6

¹⁹⁹ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 163

noção abstrata que recebe um conteúdo por relação de comparação, jamais sendo tomado enquanto conteúdo propriamente empírico. A metapsicologia freudiana utiliza um método de investigação que corresponde ao programa transcendental de pesquisa kantiano para as ciências da natureza. O modelo metodológico adotado por Freud na psicanálise traduz, em essência, o modelo kantiano de pesquisa.

A proximidade com a posição de Kant, no que refere à necessidade de fornecer aos conceitos um conteúdo intuitivo, em especial aos conceitos puros da razão, parece evidente. Kant diz que, no caso dos conceitos que não poderão jamais receber um conteúdo empírico (intuitivo) que lhes seja adequado, é necessário que lhes seja fornecido um conteúdo inadequado, ou seja que o conceito seja preenchido por meio de comparações analógicas, tomando-o como se fosse um conceito empírico tal qual esta ou aquela situação ou fato empírico.²⁰⁰

Podemos exemplificar essa diferenciação entre a realidade empírica e a construção de um referente abstrato para preencher esse conteúdo a partir da noção de afeto. Vemos, por exemplo, que o afeto é um fato empírico, ou seja, que pode ser constatado na realidade sensível, no entanto, a construção de que o afeto é um *quantum* energético que pode ser armazenado, transferido, descarregado, etc., se mostra como uma especulação. Outro exemplo, nessa perspectiva, é a noção de sexualidade, na medida em que a constatamos enquanto um fato empírico, diferentemente da hipótese de que ela se apresenta em seu caráter energético (libido). Sobre esses conceitos aparentemente distantes da realidade, Freud diz que essa construção:

[...] com conceitos básicos nebulosos mal imagináveis, que espera apreender mais claramente no decorrer de seu desenvolvimento, ou que está até mesmo preparada para substituir por outros, pois essas idéias não são o fundamento da ciência, no qual tudo repousa: esse fundamento é tão somente a observação. Não são a base, mas o topo de toda a estrutura, e podem ser substituídas e eliminadas sem prejudicá-la. Em nossos dias, a mesma coisa vem acontecendo na ciência da física, cujas noções básicas no tocante a matéria, centros de força, atração etc. são quase tão discutíveis quanto as noções correspondentes em psicanálise.²⁰¹

No trecho mencionado, vemos que Freud demarca a distinção entre o conteúdo derivado da experiência objetiva, e a construção teórica que deriva da especulação. As concepções de libido e de pulsão representam a noção de energia enquanto um princípio causal, tendo em vista sua validade heurística e não sua realidade dada na realidade sensível e objetiva.

A análise sobre essa concepção enquanto constructos auxiliares de natureza especulativa nos indica que Freud constrói a psicanálise se utilizando de um método de

²⁰⁰ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 121

²⁰¹ Freud, S. (1996). *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1914. p. 48

pesquisa especulativa, se apropriando da funcionalidade das ficções heurísticas para lançar luz à sua metapsicologia:

Eu proponho que se fale de uma apresentação metapsicológica quando conseguimos descrever um processo psíquico segundo suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica.²⁰²

Vemos a partir de Kant, nesse sentido, que toda ciência depende de uma metafísica, seja de uma metafísica da natureza ou de uma metafísica dos costumes, mesmo que sua designação pertença ao campo das ciências naturais. Desse modo, afirmamos que a psicanálise não é uma metafísica no sentido filosófico do termo, mas se fundamenta em uma metafísica em correspondência às atitudes metodológicas do campo das ciências da natureza, tendo em vista que o aparelho psíquico, para Freud, é tomado como um objeto natural, tal como qualquer outro objeto que se apresente de forma interna ou externa ao ser humano, passível de ser estabelecido por meio da representação de um sistema modulado a partir leis, regras e relações recíprocas de funcionamento.

A psicanálise não é tomada enquanto uma ciência natural, na medida em que sua construção é fundamentada na observação clínica e nos dados derivados da experiência empírica (psicologia dos fatos clínicos). No entanto, para que essa observação possa ser efetiva e ordenada, para que determinadas perguntas e respostas possam ser exploradas e para que seja possível completar as lacunas teóricas (que ficam reduzidas caso o entendimento se reduzisse apenas aos dados empíricos e suas relações), é fundamental a aplicação de conceitos especulativos que ultrapassam a dimensão da experiência objetiva, com o objetivo de organizar, apreender e relacionar os dados da experiência.

[...] para Kant, toda ciência depende de uma metafísica, que sua metafísica da natureza corresponde a um programa de pesquisa transcendental para as ciências naturais, no qual são estabelecidos conceitos e princípios a priori que tornam possível a observação e organização dos dados empíricos visando a maior extensão possível para o conhecimento; mais ainda, esse programa também oferece um método de pesquisa concebendo a ciência como uma prática de resolução de problemas, no qual conceitos especulativos (ficções heurísticas) são utilizados como construções auxiliares para a formulação e resolução de problemas empíricos.²⁰³

A teoria metapsicológica corresponde diretamente ao método de investigação postulado por Kant, no que se refere a utilização de conceitos especulativos como ficções heurísticas. A metapsicologia enquanto uma superestrutura especulativa (nas palavras de

²⁰² Freud, S. (1996). *O Inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1915. p. 108

²⁰³ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 133-134

Freud) demonstra que a psicanálise não é uma metafísica, mas que sua fundamentação metafísica enquanto uma atitude metodológica estabelece o lugar e a função do método metapsicológico na psicanálise. A sua função, portanto, é “ajudar na apreensão, organização e sistematização do material empírico, sendo substituível em seu conteúdo, mas necessária em sua função.”²⁰⁴

Freud nos indica que o que acontece com a psicanálise é o mesmo que ocorre com as outras ciências dentro do panorama científico, em que se pressupõe a existência de princípios elementares e princípios causais um tanto quanto obscurecidos, mas que auxiliam na teorização e na investigação dos fenômenos, ajudando o cientista a estabelecer relações, leis e regras. A física, por exemplo, considerada uma ciência em seu estado pleno, pressupõe a noção de força, energia e eletricidade. Esses conceitos, embora não sejam contemplados como uma representação plena na realidade empírica, se apresentam como conceitos hipotéticos, permitindo a construção de leis de funcionamento.

O conceito de pulsão se revela como uma convenção teórica, derivado da experiência enquanto observação clínica, mas que não corresponde ao seu fenômeno objetivo e sensível de forma empírica. Ou seja, o conceito de pulsão se dá como uma metáfora. Freud diz que “Um tal conceito fundamental convencional [necessário à edificação de uma ciência], provisoriamente ainda bem obscuro, mas do qual nós não podemos prescindir em psicologia, é o de pulsão.”²⁰⁵

Dentro dessa perspectiva, a pulsão se apresenta como um conceito convencional dentro da psicanálise, se revelando como uma especulação análoga ao conceito de força na física, sendo considerada o princípio causal da metapsicologia freudiana, no qual todo o raciocínio posterior se torna possível. Torna-se, portanto, um conceito necessário para guiar e orientar o investigador na construção teórica. O conceito de pulsão é um dos conceitos denominados por Freud como “obscuros”, justamente por não encontrar um referente direto na experiência, tendo em vista que seu conhecimento se dá apenas pelos seus representantes, por uma aproximação teórica e especulativa. Sobre a atividade científica, Freud nos diz que

O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias - que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência - são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente

²⁰⁴ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 134

²⁰⁵ Freud, S. (1996). *Os Instintos e suas Vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1915. p. 71

certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas.²⁰⁶

Ainda, podemos ver o quanto Freud é claro na concepção de ciência que adota, reconhecendo a importância de encarar alguns conceitos como uma aposta, ou seja, como uma possibilidade de clarear as hipóteses construídas em sua teoria. Nesse sentido, Freud utiliza até mesmo a analogia entre a pesquisa científica com a análise clínica, na medida em que ambos exigem paciência e investimento no que se refere ao preenchimento das lacunas identificadas durante o percurso.

A marcha da ciência é realmente lenta, hesitante, laboriosa. Esse fato não pode ser negado, nem modificado. Não admira, pois, que os cavaleiros do outro lado estejam insatisfeitos. Eles estão espoliados: a revelação facilitava-lhes as coisas. O progresso no trabalho científico é o mesmo que se dá numa análise. Trazemos para o trabalho as nossas esperanças, mas estas necessariamente devem ser contidas. Mediante a observação, ora num ponto, ora noutro, encontramos alguma coisa nova; mas, no início, as peças não se completam. Fazemos conjecturas, formulamos hipóteses, as quais retiramos quando não se confirmam, necessitamos de muita paciência e vivacidade em qualquer eventualidade, renunciamos às convicções precoces, de modo a não sermos levados a negligenciar fatores inesperados, e, no final, todo o nosso dispêndio de esforços é recompensado, os achados dispersos se encaixam mutuamente, obtemos uma compreensão interna (*insight*) de toda uma parte dos eventos mentais, temos completado o nosso trabalho e, então, estamos livres para o próximo trabalho.²⁰⁷

Assim, a teoria das pulsões é tomada como uma mitologia, correspondendo ao caráter convencional e indeterminável das forças pulsionais. A mitologia, por exemplo, se mostra como um elemento correspondente a atitude metodológica adotada por Freud e que também compõe o cenário da especulação científica, considerando as inúmeras tentativas de elucidar e dar inteligibilidade aos fenômenos vislumbrados na psicologia dos fatos clínicos, como é o fato do mito da horda primitiva e do assassinato do pai.²⁰⁸

Ao retomarmos a perspectiva de Mach, identificamos a sua concepção de que certos conceitos heurísticos (massa, átomos e forças, por exemplo), se apresentam como uma produção derivada da fantasia do cientista, uma categoria de especulação que se aproxima de uma certa “bruxaria” ou mitologia. Mach, no entanto, nos indica claramente a distinção entre aquilo que é da ordem da especulação (e que possui uma certa provisoriedade, até que a ciência consiga evoluir a ponto de abandonar essas especulações) e o que é da ordem da experiência objetiva (sendo a realidade e os fatos da experiência e da realidade).

²⁰⁶ Freud, S. (1996). *Os Instintos e suas Vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1915. p. 71

²⁰⁷ Freud, S. (1996). *Conferência XXXV*. Volume XXII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1933). p. 117-118

²⁰⁸ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008.

Essas especulações (mitos científicos), assim como as partículas de luz, os átomos, íons, elétrons, forças, etc., são meros elementos didáticos, que auxiliam o pesquisador na sua descoberta. Desse modo, se mostram como “representações aventureiras modernas que, tal como uma festa das bruxas [*Hexensabbat*], impõem respeito”.²⁰⁹

A importância do fantasiar na construção teórica é constatada por Freud, conforme já exposto no tópico anterior: “Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse “fantasiar” –, não daremos outro passo à frente. Infelizmente, aqui como alhures, o que a Feiticeira nos revela não é muito claro nem muito minucioso.”²¹⁰ Ainda sobre a referência à bruxa, é possível identificar uma passagem de Freud em relação a uma citação do Fausto de Goethe. De acordo com Assoun, invoca-se a bruxa quando os recursos naturais se esgotam. A bruxa, em Freud, se refere

[...] à passagem do Fausto (primeira parte) intitulada “Cozinha da bruxa” (*Hexenküche*), em que se trata do rejuvenescimento de Fausto. Tendo Mefistóteles proposto a Fausto que desejava rejuvenescer, viver no campo, recebe como resposta que “uma vida só não lhe é suficiente”. É necessário, então, que a bruxa se misture (*So muss denn doch die Hexe dran*), responde Mefistóteles (v. 2365): e ele o leva até a casa da “bruxa”, a fim de fabricar o elixir na sua marmita. Vê-se que a bruxa faz sua entrada quando os meios “naturais” não são mais suficientes e é conveniente requisitar os artifícios da arte).²¹¹

Nesse sentido, solicitar à bruxa para que nos conceda um elixir sagrado para avançar no desenvolvimento científico não parece uma má ideia. Invocando-a, nos é permitido preencher algumas lacunas deixadas pela insuficiência da experiência, considerando que a experiência objetiva não dá conta da totalidade dos fenômenos, sendo necessário, portanto, recorrer à uma dimensão que ultrapassa os limites da experiência. A cognoscibilidade da natureza humana, sob essa perspectiva, se dá apenas por aproximação, sendo que o inconsciente, por exemplo, se mostra também a partir de seus representantes, mas nunca por meio de sua natureza crua e desnuda.

Veremos, a partir disso, que a incognoscibilidade do inconsciente se mostra como um correspondente direto da teoria kantiana, tendo em vista que não se conhece a natureza da realidade e da experiência a não ser por aproximação, por meio dos recursos de linguagem, como por exemplo: analogias, metáforas, figurações, construções auxiliares, mitologias, etc. Veremos como isso se dá na metapsicologia freudiana, assumindo o método analógico como necessário para a construção científica. A insustentabilidade da experiência enquanto substância objetiva nos indica que tal como o inconsciente, somente

²⁰⁹ Mach, E. (1922). *La connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarionn. Original publicado em 1905. p. 106-107.

²¹⁰ Freud, S. (1975). *Análise terminável e interminável*. In: Sigmund Freud. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jayme Salomão, trad. sob a direção, Vol. 11, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937). p. 257

²¹¹ Assoun, P-L. (2000). *La métapsychologie*. Paris. PUF. p.

conhecemos suas manifestações por aproximação, mas nunca a sua natureza em essência.

2.4 A metapsicologia como uma metáfora: a incognoscibilidade do inconsciente e a pulsão como uma analogia

A natureza do inconsciente se revela como uma substância essencialmente incognoscível e Freud reconhece e destaca sua incognoscibilidade. O ser humano não sabe²¹² acerca da natureza do inconsciente, tendo em vista que tudo o que conseguimos alcançar sobre o inconsciente se dá a partir das representações conscientes, por meio da linguagem. Freud, tal como Kant, nos indica que atrás de cada fenômeno há algo que nos escapa, ou seja, que escapa à experiência consciente. O inconsciente “não pode jamais ser objeto de uma experiência direta.”²¹³

Apreender a natureza do inconsciente se mostra como uma impossibilidade, sendo que seu acesso se dá somente por uma tese de aproximação através da representação consciente. Freud nos diz que “o inconsciente não se dá jamais”²¹⁴, indicando a própria indeterminação em relação à sua apreensão cognoscitiva. O inconsciente é um objeto inapreensível e incognoscível por natureza, portanto, jamais conhecível diretamente por meio da experiência sensível e direta.

Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente, ao passo que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reclamar que lhe seja atribuído o valor pleno de um processo psíquico. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais.²¹⁵

De acordo com Fulgencio (2001), Freud estabelece dois percursos na construção da metapsicologia, contemplada a partir de sua eficiência e da forma como os conceitos se mostram resolutivos nas problemáticas evidenciadas. O primeiro caminho se dá a partir do que conhecemos em *O Projeto Para uma Psicologia Científica* (1895), em que Freud edifica uma metapsicologia a partir de um vocabulário derivado da biologia e da física. O segundo caminho, evidenciado por Freud, se dá a partir da sistematização do aparelho psíquico exposto no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), e sua posterior aprimoração

²¹² O inconsciente é concebido como um não-saber.

²¹³ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 241

²¹⁴ Freud, S. (1996). *O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na civilização e outros Trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 21). 1927-1931. J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. Tradução do trecho da versão francesa por Fulgencio. p. 222

²¹⁵ Freud, S. (1996). *A Interpretação dos Sonhos*. Parte II. Volume V. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1900). p. 181. Grifo de Freud.

em 1915 com seus escritos metapsicológicos. Ambos os caminhos se mostram como suposições metafóricas, ou seja, superestruturas especulativas para a compreensão dos dados oriundos da psicologia dos fatos clínicos (experiência empírica). “Se o Projeto pode ser considerado uma metapsicologia descrita em termos biológicos, o segundo caminho teórico realizado por Freud deve ser caracterizado como uma metapsicologia descrita em termos psicológicos.”²¹⁶

Veremos como a construção de um aparelho psíquico em Freud se revela como uma ficção teórica, ou seja, um instrumento heurístico de pesquisa, fundamental na aplicação de um princípio-guia que atravessa toda a metapsicologia. A construção metapsicológica freudiana, portanto, corresponde às concepções kantianas apresentadas em seu programa científico *a priori* para as ciências da natureza, assim como a noção de modelos ou esquemas analógicos, também como as concepções constatadas em Mach, no que se refere às representações-fantasia (*Phantasie-Vorstellungen*).

O Projeto para uma Psicologia Científica, postulado em 1895 por Freud, refere-se à tentativa de Freud em construir um aparelho psíquico que corresponda às leis previamente concebidas na física e na biologia, uma vez que a linguagem utilizada nessa investigação é atravessada pelas noções físico-químicas e biológicas. Esse trabalho pode ser considerado como uma metáfora, sem um valor empírico direto e aparente, mas que possui uma função heurística e útil na busca de explicações e no estabelecimento de relações causais entre os fenômenos.

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as idéias principais envolvidas: I) A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento. II) Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais.²¹⁷

Destaca-se que a passagem dos elementos empíricos para os elementos da dimensão mental se dá a partir das representações auxiliares de natureza especulativas, como a noção de *quantum* de afeto, neurônios, aparelho psíquico, energia, etc. Freud reconhece, conforme demonstrado anteriormente, o valor da fantasia nessa sua atitude metodológica enquanto uma especulação teórica, na carta a Fliess de 25/3/1895.²¹⁸

²¹⁶ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 246-247

²¹⁷ Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia Científica. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume I – Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889). p. 223-224

²¹⁸ “Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse “fantasiar” –, não daremos outro passo à frente. Infelizmente, aqui como alhures, o que a Feiticeira nos revela não é muito claro nem muito minucioso.” Freud, S. (1975x). *Análise terminável e interminável*. In: Sigmund Freud. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jayme Salomão, trad. sob a direção, Vol. 11, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937). p. 257

Quando traça o esboço dessa teoria psicológica geral, descrita em termos neurobiológicos, ele parte de dois princípios especulativos, considerando-os necessários para uma psicologia enquanto ciência natural. Em primeiro lugar, o pressuposto de que o psiquismo humano deve ser tomado como um objeto natural, um aparelho, e, em segundo, de que os movimentos próprios a esse aparelho podem ser compreendidos em termos de quantum de excitação móveis, ou seja, as representações hiperintensas e os sintomas associados a elas nas neuroses podem ser compreendidos em termos de quantidades de excitação (energias) que se deslocam. A utilização da noção de um quantum de excitação, não mensurável, já tinha sido proposta, por Freud, como uma construção auxiliar útil para ajudar a explicar as neuroses de defesa, cujo valor é apenas heurístico e não porque tem referente objetivo na realidade empírica.²¹⁹

Freud nunca reivindicou uma posição de fisiólogo, anatomista ou neurólogo, e mesmo que sua formação se dê nesse campo, a construção psicanalítica se apoia em um outro cenário. Vemos que Freud, além disso, demarca a psicanálise enquanto um terreno distinto da filosofia ou da fisiologia, seja indicando o distanciamento entre a primeira, seja marcando a não correspondência entre os modelos metapsicológicos e a anatomia neurocerebral.

A metapsicologia por sua natureza demarca o limite entre a experiência objetiva e a construção teórica abstrativa. Freud nos diz, por exemplo: “O que me parece mais sujeito à reflexão é que a [Sabina] Spielrein quer subordinar o material psicológico a pontos de vista biológicos; esta dependência deve ser rejeitada tanto quanto a dependência filosófica, fisiológica ou da anatomia do cérebro.”²²⁰

Quando consideramos, portanto, a tradição de formação intelectual de Freud, juntamente com sua história, vemos, naturalmente, rastros derivados da herança kantiana, na medida em que a ciência é pensada dentro desse sistema heurístico, assim como dentro de modelos e construções auxiliares, que não visam a realidade empírica propriamente (embora as especulações se originem na dimensão objetiva), mas que leva em conta a funcionalidade e utilidade desses modelos analógicos e metafóricos na resolução dos problemas formulados. “Considera-se que Freud, quando usa de construções auxiliares ou ficções teóricas, está utilizando esses conceitos tal como Kant defende o uso de ficções heurísticas no seu programa de pesquisa para as ciências empíricas de cunho naturalista.”²²¹

Loparic (2003), enfatiza a importância desse sistema heurístico no programa de pesquisa kantiano para as ciências da natureza, avaliando a íntima proximidade entre Freud e Kant. Loparic, em relação ao *Projeto para uma Psicologia Científica (1895)*, nos diz que:

²¹⁹ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 251

²²⁰ Freud, S. & Jung, G. (1992). *Correspondance 1906-1914*. Paris. Gallimard. p. Carta de 30/11/1911. p. 589

²²¹ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 257-528

Freud continua essa linha de pesquisa (kantiana). Na tentativa de modelar o psiquismo, em particular a dinâmica das representações, pelos acontecimentos fisiológicos da matéria cerebral, ele recorreu a conceitos especulativos, tais como "energia nervosa", "soma de excitação" "neurônios" e "vias facilitadas". Dessa forma, Freud produziu um modelo para o órgão da alma, misturando o ponto de vista mecânico com o energético - um ponto de vista pós-kantiano, inspirado em W. Ostwald, mas próximo do ponto de vista dinâmico de Kant.²²²

Nesse horizonte de análise, não é coerente conceber Freud como um realista, isto é, como um pesquisador que toma suas representações auxiliares (correspondentes à metapsicologia) enquanto um conjunto de conceitos que encontram um referente empírico na realidade objetiva e sensível, uma vez que sua posição epistemológica e metodológica demonstra claramente uma aproximação com Kant, tendo em vista o sistema heurístico como um instrumento na sua investigação científica. "Isso faz com que Freud possa ser considerado como um adepto desse ponto de vista e do uso de especulações teóricas (no caso a metapsicologia do Projeto) como instrumentos para a descoberta, sem terem, elas mesmas, valor empírico objetivamente dado."²²³

[...] para Freud o modelo metapsicológico do Projeto, organizado com base nos dados empíricos de sua clínica, não é um conjunto de hipóteses biológicas que busca um referente empírico objetivo (anatômico) - o que seria uma tarefa muito mais apropriada à neurobiologia do que à psicologia -, mas uma **metáfora**. Suas representações auxiliares especulativas apresentam-se como conjunto de conceitos que visam ajudar a elucidar os problemas clínicos da psicologia e não os da neurobiologia.²²⁴

Não cabe aqui detalhar o movimento do abandono da metapsicologia em termos neurológicos à construção do aparelho psíquico em termos psicológicos. Cabe, no entanto, destacar que ambas as construções possuem uma validade científica, enquanto contempladas pelo critério heurístico que as fundam. Desse modo, não se trata de decidir qual construção epistemológica corresponde de forma mais efetiva aos dados da realidade, mas sim compreender que a noção de inconsciente deve ser explorada como uma metáfora. "Para Freud, a metapsicologia psicológica é mais eficiente, e não mais ou menos verdadeira do que a metapsicologia biológica; ambas, no entanto, são ficções heurísticas."²²⁵

O conceito de pulsão (*trieb*) traduz esse movimento tendo em vista que esse conceito se apresenta como uma convenção necessária para a pesquisa em psicanálise, uma vez

²²² Loparic, Z. (2003). De Kant a Freud: um roteiro. *Natureza Humana*, 5(1), 231-245. p. 243

²²³ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 259-260

²²⁴ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 260. Grifo nosso.

²²⁵ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 265

que Freud reconhece que “Na psicanálise, não menos do que em outras ciências, a teoria dos instintos [*pulsões*] é um assunto obscuro.”²²⁶

Freud propõe uma psicologia científica com base análoga à de outras ciências da natureza, levando-o a construir modelos teóricos que se enquadram nas diretrizes gerais dessas ciências. Ao destacar a física como exemplo de ciência natural análoga à psicanálise, somos levados novamente a retomar a importância metodológica do ponto de vista dinâmico, que supõe, por trás dos fenômenos, as forças que os animam, e com isso reconhecer que a psicanálise também se guia pela suposição dessas entidades não sensíveis, não observáveis nelas mesmas, que fornecem uma explicação causal, heurística, como motor originário dos movimentos no psiquismo.²²⁷

Vemos, a partir disso, que Freud sempre admitiu a obscuridade de algumas construções teóricas em sua metapsicologia. No entanto, a utilização desses conceitos não a invalida enquanto uma ciência dentro do rol das ciências da natureza, uma vez que Freud afirma que na psicologia, encarar os fatos como a única fonte da construção dos sistemas lógicos se mostra inadequada, indicando que é necessário ultrapassar esses limites dos fatos observáveis para avançar e construir em sua teoria.

Conceitos básicos claros e definições vivamente traçadas somente são possíveis nas ciências mentais até o ponto em que as segundas procuram ajustar uma região de fatos no arcabouço de um sistema lógico. Nas ciências naturais, das quais a psicologia é uma delas, tais conceitos gerais nítidos são supérfluos e realidade impossíveis. A zoologia e a botânica não partiram de definições corretas e suficientes de um animal e de uma planta; até hoje a biologia foi incapaz de dar qualquer significado certo ao conceito da vida. A própria física, realmente, jamais teria feito qualquer progresso se tivesse tido de esperar até que os seus conceitos de matéria, força, gravitação, e assim por diante, houvessem alcançado o grau conveniente de clareza e precisão.²²⁸

Sobre a especulação teórica e a necessidade de construções teóricas auxiliares, como por exemplo o conceito de pulsão, Freud nos traz a concepção de que é injusto tomar a psicanálise como uma área que não corresponde aos critérios científicos, tendo em vista que sua atitude metodológica se articula diretamente com as propostas epistemológicas do contexto de construção da psicanálise.

As idéias básicas ou os conceitos mais gerais em qualquer das disciplinas da ciência sempre ficam determinados no início e somente são explicados, para começar, mediante referência ao domínio dos fenômenos de que se originaram; é somente por meio de uma análise progressiva do material de observação que podem ser tornados claros e podem encontrar um significado significativo e consistente. Sempre julguei grave injustiça que as pessoas se tenham recusado a tratar a psicanálise como qualquer outra ciência. Essa recusa encontrou expressão no levantamento das mais obstinadas objeções. A psicanálise era constantemente censurada pela sua falta de completamento e insuficiência; embora seja claro que

²²⁶ Freud, S. (1996). *Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926). p. 168

²²⁷ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 287

²²⁸ Freud, S. (1996). *Um Estudo Autobiográfico*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925). p. 37

uma ciência baseada na observação não tem nenhuma outra alternativa senão elaborar seus achados de forma fragmentária e solucionar seus problemas passo a passo.²²⁹

É nesse horizonte que podemos conceber a pulsão em psicanálise como um equivalente à ideia de força na física, tratando-se, ambas, de princípios metafóricos e analógicos, correspondentes ao modelo metodológico adotado para a pesquisa científica. Mesmo consideradas como conceitos elementares, não devem ser tomados como empíricos, tal como na física, por exemplo, em que não há um conteúdo empírico correspondente direto para esse conceito. Freud propõe justamente um método que privilegia a analogia como ponto de partida, supondo a pulsão como o elemento que faz relação com a dinâmica psíquica. Trata-se de assumir a analogia como um princípio metodológico de grande importância, tendo em vista que a realidade em sua natureza (a dimensão do real) é incognoscível, sendo que a analogia nos aproxima desse conhecimento: “o psíquico é inconsciente em si mesmo”.²³⁰

Os processos em que [a psicanálise] está interessada são, em si próprios, tão incognoscíveis quanto aqueles de que tratam as outras ciências, a Química ou a Física, por exemplo; mas é possível estabelecer as leis a que obedecem e seguir suas relações mútuas e interdependentes ininterruptas através de longos trechos - em resumo, chegar ao que é descrito como uma “compreensão” do campo dos fenômenos de novas hipóteses e criação dos novos conceitos, e estes não devem ser pormenorizados com indício de embaraço de nossa parte, mas, pelo contrário, merecem ser apreciados como um enriquecimento da Ciência. Podem pretender, como aproximações, o mesmo valor dos andaimes intelectuais correspondentes encontrados em outras ciências naturais e esperamos que sejam modificados, corrigidos e mais precisamente determinados à medida que uma maior experiência for acumulada e filtrada. Assim, também estará inteiramente de acordo com nossas expectativas que os conceitos e princípios básicos da nova ciência (instinto, energia nervosa, etc.) permaneçam por tempo considerável não menos indeterminados que os das ciências mais antigas (força, massa, atração, etc.).²³¹

O que determina a construção do conceito de pulsão enquanto um elemento fundamental da metapsicologia freudiana, é justamente a necessidade de se admitir um ponto de partida, ou seja, uma causa originária elementar, que seja pano de fundo das construções sintomáticas e clínicas. O determinismo intrínseco à psicanálise pressupõe a necessidade dessa causa originária, um princípio causal que determina uma cadeia lógica posterior para a investigação nesse campo. Para Freud, a pulsão é

[...] um conceito-limite [*Grenzbegriff*] entre o anímico e o somático, como a representante psíquica [*psychischer Repräsentant*] dos estímulos que provêm do

²²⁹ Freud, S. (1996). *Um Estudo Autobiográfico*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925). p. 37

²³⁰ Freud, S. (1996). *Esboço de Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 23). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938). p. 100

²³¹ Freud, S. (1996). *Esboço de Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 23). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938). p. 100

interior do corpo e alcançam a alma [Seele], como uma medida da exigência de trabalho imposto ao anímico em consequência de sua relação com o corporal.²³²

O conceito de pulsão é uma analogia necessária para a pesquisa metapsicológica, se apresentando como uma mera especulação heurística, ou seja, uma ideia abstrata e convencional, admitindo, portanto, que não é possível conhecer a observação direta da pulsão, somente as manifestações dessa suposta força através dos seus representantes psíquicos pela consciência. “Uma convenção não tem, na realidade empírica objetiva, um referente que lhe corresponda, logo, essa hipótese só pode ser tomada na estrutura do como se: tudo se passa como se as pulsões fossem ‘engendradas nos órgãos do corpo’, ou seja, como se elas fossem reais.”²³³

[...] mesmo afirmando que a pulsão é apenas uma idéia abstrata elaborada por convenção, ele [Freud] procurará fornecer um conteúdo empírico a essas pulsões, um referente que as valide como conceito utilizável numa ciência empírica. Ele, então, seguindo sua concepção heurística de ciência e a linha de pesquisa que já analisei, ligada a Mach e a Kant, conceberá as pulsões como se elas tivessem, de fato, origem no corpo, mesmo que não possam ser consideradas idênticas às excitações corporais.²³⁴

Compreendendo o caráter heurístico da pulsão enquanto uma convenção, Freud não precisa, a cada vez que traz o conceito em jogo, ressaltar a filosofia do “como se”. A atitude de Freud, tal como a de qualquer cientista, como um físico, por exemplo, é de tomar as forças “como se” fossem reais e atua a partir delas como substâncias empíricas. “A hipótese sobre uma energia sexual, não redutível à realidade biológica, mas referida a uma dimensão psíquica, portanto, uma energia sexual psíquica, tem, para Freud, um valor apenas heurístico, jamais um valor objetivo (empírico).”²³⁵

Tudo se passa como se as excitações sexuais, tomadas como quanta de energia (libido), fossem originadas no corpo. Digo “tudo se passa como se”, pois Freud está considerando a transformação de estímulos físico-químicos corporais em energias psíquicas, o que não é evidente, dado que uma coisa não tem a mesma natureza da outra. Mas, apoiado nessa analogia entre as excitações corporais e um correspondente montante de energia psíquica, Freud procurará agrupar diversos tipos de excitação sob um único tipo de energia: as excitações sexuais não derivariam apenas dos órgãos sexuais principais e/ou secundários, mas poderiam advir de qualquer outro órgão ou parte do corpo.²³⁶

Tratemos agora da analogia em Freud. Destacamos, de antemão, que não cabe aqui explorar exaustivamente as extensas utilizações analógicas e metafóricas em Freud, uma vez que este trabalho já foi realizado por Etcheverry, ao elaborar um índice de analogias

²³² Freud, S. (1967). *Das Ich und das Es*. In Sigmund Freud *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S Fischer, 1967f. Bd. 13., S. 237-289. Original Publicado em 1915. Traduzido por Helio Honda. p. 214

²³³ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 298

²³⁴ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 298

²³⁵ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 312

²³⁶ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 313-314

utilizadas por Freud de forma extensa e detalhada.²³⁷ Cabe aqui ressaltar o valor epistemológico e metodológico das analogias e metáforas em Freud, tendo em vista a correspondência com o método especulativo, pertencente à tradição de formação do programa kantiano para as ciências da natureza.

O método analógico, longe de ser um método pertencente à modernidade, pode ser identificado em um conjunto de conhecimento que remonta à antiguidade: as ciências ocultas. As analogias se apresentam como um recurso cognitivo de grande importância, ganhando destaque dentro das ciências denominadas ocultas, referindo-se às ciências praticadas pelos alquimistas da antiguidade, ou seja, a analogia é um recurso que atravessa séculos da prática científica, remontando às ciências antigas e alcançando as ciências modernas: “O uso da analogia, método característico do ocultismo, e a aplicação dela às ciências contemporâneas ou às modernas concepções da arte e da sociologia permitem que lancemos uma luz totalmente nova sobre os problemas aparentemente mais insolúveis.”²³⁸

A obscuridade pertencente à construção teórica da pulsão, por exemplo, quando vislumbrada a partir da perspectiva analógica, nos indicam uma certa clareza, apontando um horizonte de pesquisa que satisfaz logicamente o pesquisador: “Antes de ir além, podemos constatar a utilidade do método analógico para esclarecer certos pontos obscuros. Assim: Se duas coisas são análogas, todas as partes de uma são análogas às partes correspondentes da outra”.²³⁹ O método analógico é a tradução do método indutivo e dedutivo, conhecido nas ciências. No entanto, ambos os métodos devem ser integrados em uma expressão única, por meio da analogia, para se atingir o esclarecimento necessário. Papus (2021) nos indica:

O problema com esses dois métodos é óbvio e não demanda muitos comentários. A um falta o que o outro tem. Junte-os e a verdade brilhará. Estude os detalhes e depois suba a um lugar alto, repita esse processo quantas vezes for necessário e conhecerá o monumento perfeitamente. Associe o método do médico ao do metafísico e dará origem ao método analógico, a legítima expressão da síntese antiga. Empregar só a metafísica como um teólogo é tão errado quanto empregar só a física como um físico; aplique o noumenon ao fenômeno e a verdade surgirá!²⁴⁰

²³⁷ Etcheverry, J. L. (1988). *Índice de analogias*. In: Sigmund Freud. Obras Completas. V. 24. Buenos Aires. Amorrortu.

²³⁸ Papus. *Tratado Elemental de Ciências Ocultas: A Sabedoria develada sobre as teorias e os símbolos usados pelos antigos alquimistas, astrólogos, maçons e cabalistas*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Pensamento. 2021. p. 21-22

²³⁹ Papus. *Tratado Elemental de Ciências Ocultas: A Sabedoria develada sobre as teorias e os símbolos usados pelos antigos alquimistas, astrólogos, maçons e cabalistas*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Pensamento. 2021. p. 41

²⁴⁰ Papus. *Tratado Elemental de Ciências Ocultas: A Sabedoria develada sobre as teorias e os símbolos usados pelos antigos alquimistas, astrólogos, maçons e cabalistas*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Pensamento. 2021. p. 39

Nesse sentido, recorrer às analogias, mais do que um simples estilo literário, indica uma necessidade metodológica e epistemológica dentro de uma área de pesquisa, atitude presente na forma que Freud teoriza e constrói sua metapsicologia, por exemplo. Trata-se de reconhecer que os recursos da experiência são limitados para nos fornecer a chave para o entendimento.

Que se deve concluir de tudo isso? Que a seção crítica do livro de Kant demonstra, de uma vez por todas, a inutilidade dos métodos filosóficos para a explicação dos fenômenos da física superior e aponta a necessidade de utilizar, conjuntamente, a abstração e a observação para o entendimento desses fenômenos, condenando inapelavelmente todos aqueles que permanecem presos à fenomenologia pura ou ao racionalismo puro.²⁴¹

Quando falamos sobre a superposição do mundo que corresponde à experiência direta e sensível (empírica) e o mundo que corresponde às ideias e as abstrações, estamos falando sobre uma construção de realidade que é inerentemente simbólica e pertencente ao conjunto do sistema de linguagem do ser humano. Conceber a realidade como sendo unicamente objetiva e empírica é deixar que um grande conhecimento se perca no conjunto dos fenômenos que compõem a realidade.

As afirmações infundadas de que a psicanálise não é ciência só retomam uma problemática ultrapassada do século XX, e reforçam cada vez mais um discurso hegemônico de ciência, e que basta ao pesquisador um rápido passeio por alguns filósofos da ciência para constatar que determinar um discurso hegemônico de ciência é perigoso, pois não existe apenas uma única verdade dentro da realidade, mas inúmeros métodos de se aproximar de fenômenos que a realidade nos apresenta. Sobre a relação entre o mundo visível e invisível aos olhos do pesquisador:

Isso é possível porque existe uma relação constante entre o signo e a ideia que ele representa, ou seja, entre o visível e o invisível. Do mesmo modo que podemos, olhando um signo, deduzir imediatamente a ideia a ele associada, podemos também deduzir imediatamente o invisível olhando o visível. Entretanto, para descobrir a ideia oculta nos caracteres impressos, precisamos saber ler, isto é, usar um método especial. A fim de descobrir o invisível, o lado oculto do fenômeno, precisamos igualmente saber ler segundo um método especial.²⁴²

Tal como o físico, Freud também recorre aos recursos analógicos, utilizando-se noções que correspondam à fenômenos como “força”, “atrações”, “pulsões”, “resistência”, “inércia”, etc. Todos esses conceitos, sabemos, são reconhecidos pela consciência, como representantes abstratos de um referente empírico. Freud constrói o aparelho mental

²⁴¹ Lucas, L. (1854). *La chimie nouvelle* [A Nova Química]. p. 21.

²⁴² Papus. *Tratado Elementar de Ciências Ocultas: A Sabedoria develada sobre as teorias e os símbolos usados pelos antigos alquimistas, astrólogos, maçons e cabalistas*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Pensamento. 2021. p. 37

através de uma explicação analógica fundada na ideia de analogias recíprocas que indicam a funcionalidade e a operacionalidade de um determinado fenômeno, como é o caso da pulsão, por exemplo.

A analogia é, pois, um tipo de regra para a pesquisa, um esquema que torna possível procurar relações ou termos de uma relação. Na matemática, a analogia tem o poder de constituir o termo que falta, mas, na filosofia e na ciência [...] ela tem apenas um papel regulativo, jamais um papel constitutivo daquilo que se procura.²⁴³

Fica claro ao leitor, nesse ponto, que a função da analogia na obra de Freud possui uma natureza heurística, ou seja, um guia especulativo de pesquisa dentro de um modelo ou programa de investigação científico, oferecendo ao pesquisador uma maneira de conectar os dados intuitivos (sensíveis) a determinadas hipóteses que não são observáveis diretamente por meio da experiência empírica. Essa atitude corresponde diretamente à filosofia de Kant, principalmente no que se refere ao modelo de pesquisa utilizado. Além disso, vemos a influência da filosofia do “*como se*” de Hans Vaihinger (1852-1933), neokantiano influente nesse contexto, além de Mach, no que se refere a utilização das analogias na prática científica com princípios a priori.

[...] eles são usados como guias da pesquisa empírica no domínio de objetos materiais sensíveis, ou seja, como princípios a priori de resolução de problemas, desenvolvida pela ciência empírica. O objetivo principal da metafísica da natureza não é o de simplesmente expor a estrutura a priori da natureza, mas o de permitir a elaboração de regras de resolução de problemas empíricos da ciência da natureza à luz de enunciados que caracterizam a estrutura desse objeto de estudo.²⁴⁴

Conforme explorado no tópico anterior, Kant divide três tipos de conceitos, sendo que o primeiro corresponde à faculdade sensível (ou intuição), o segundo tipo de conceito se refere à faculdade de julgamento (ou entendimento) e o terceiro tipo de conceito corresponde à substância própria da razão propriamente dita. Os conceitos que se referem à intuição e ao entendimento são conceitos que têm a possibilidade de encontrar no mundo objetivo e sensível um conteúdo empírico que o corresponda de forma efetiva, enquanto que os conceitos da razão não conseguem encontrar esse referente empírico, sendo, em natureza, conceitos especulativos. “Ao analisar a natureza e a função desses últimos, Kant dirá que, apesar de serem meras entidades especulativas, são utilizados como construções auxiliares para regular o uso sistemático do entendimento no campo da experiência.”²⁴⁵

Os conceitos da razão [...] são meras idéias e não têm, decerto, objeto algum em qualquer experiência, mas nem por isso designam objetos fantasiados, pensados de modo meramente problemático, para fundar, em relação a eles (como ficções

²⁴³ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 364

²⁴⁴ Loparic, Z. (2003x). As duas metafísicas de Kant. *Kant e-prints*. v.2. n.5. 2003. Edição Eletrônica. p. 5-6

²⁴⁵ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 360-361

heurísticas), princípios reguladores do uso sistemático do entendimento no campo da experiência. Se sairmos deste campo, são meros seres da razão, cuja possibilidade não é demonstrável e que não podem também, por hipótese, ser postos como fundamento da explicação dos fenômenos reais.²⁴⁶

Há uma diferença entre as intuições (realidade empírica) e os conceitos (construídos através do entendimento e da razão). O conhecimento derivado dos conceitos se origina a partir de um sistema discursivo, ou seja, por meio da linguagem, diferentemente do conhecimento que é dado pela conexão direta com os dados objetivos e empíricos que constituem o conhecimento intuitivo.

A questão fundamental em Kant é saber quais conhecimentos discursivos podem ter uma validade empírica, uma vez que podemos afirmar que há conceitos que não possuem uma validade para o conhecimento científico, vazios de conteúdo e que não encontram uma conexão apropriada em termos de investigação e produção de conhecimento, como por exemplo: o conceito de Deus, de imortalidade, de alma, etc.

Em contraste, podemos ver que alguns conceitos que são construídos pela razão e que possuem uma validade para a produção de conhecimento científico, como é o caso dos conceitos de árvore, causalidade, quadrado, etc. O ponto central é que os conceitos são analogias teóricas correspondentes à experiência empírica: “É assim, por exemplo, que o conceito de força, que é apenas uma idéia sem correspondente (referente) empírico, é tomado como se tivesse uma realidade análoga à da pressão que sentimos quando algo toca nosso corpo ou quando colocamos nosso próprio corpo em movimento.”²⁴⁷

Os conceitos especulativos da razão pura (as idéias) são análogos aos conceitos empíricos e, tal como estes últimos, precisam ser preenchidos (em seus conteúdos) com referências intuitivas (empíricas). A diferença entre um e outro é que, no caso dos conceitos empíricos, é possível fornecer um conteúdo (um objeto) adequado (que corresponde) ao conceito, enquanto que, no caso dos conceitos especulativos só é possível fornecer conteúdos inadequados (que não correspondem) a eles. O objeto, de fato, de uma idéia é, necessariamente, uma outra idéia; apenas um ente da razão e não um ente empírico.²⁴⁸

Para Mach²⁴⁹ a utilização da analogia como um recurso auxiliar não é uma atitude da ciência moderna, tendo em vista que esse método é registrado desde a antiguidade, remontando à Grécia antiga, como a necessidade de projeção ou comparação para tornar o desconhecido em um conteúdo conhecido, utilizado por Platão, Aristóteles, na matemática antiga e moderna, na astronomia (Copérnico, Galileu, Kepler) e nos textos renascentistas, por exemplo. As analogias se apresentam como modelos cognitivos para a

²⁴⁶ Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura*. 2.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original publicada em 1781). p. 771

²⁴⁷ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 368

²⁴⁸ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 365

²⁴⁹ Mach, E. (1905). *La Connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarion, 1922.

apreensão dos fenômenos que escapam à experiência direta, com o objetivo de oferecer ferramentas teóricas e conceituais para o cientista estabelecer relações, formular problemas e especular acerca de um determinado objeto de estudo, através das ficções teóricas formuladas. “O seu propósito é, ao comparar algo conhecido com algo desconhecido, o de levar o cientista a descobrir relações não visíveis.”²⁵⁰ Nos diz Mach:

Esta mesma análise nos mostra também que completar em pensamento os complexos de sensações, procedendo por analogia a partir de elementos inobserváveis, ou a partir de elementos tais que eles não podem, de maneira alguma, ser observados, é um exercício praticado quotidianamente pelo cientista.²⁵¹

A analogia se apresenta como uma capacidade derivada da imaginação e do ato de fantasiar do ser humano por meio da linguagem. Essa operação cognitiva, ou seja, a construção das analogias se apresenta através de um mecanismo projetivo interno que é o da construção imagética. Desse modo, constrói-se um conteúdo interno (experiência do entendimento) através da projeção (do campo sensível/empírico) em uma imagem. Essa imagem se apresenta como a condensação de uma experiência que busca conectar a experiência sensível com a experiência abstrata. Nos diz Mach: “[...] a compreensão conceitual da natureza deve ser precedida pela sua compreensão mediante a fantasia, a fim de [que se possa] produzir para os conceitos um conteúdo visual vivo”.²⁵²

[...] o emprego consciente de imagens é muito proveitoso. Há fatos que nós percebemos imediatamente pelos sentidos; há outros, entretanto, dos quais só tomamos conhecimento através de uma observação complicada e com a ajuda de um sistema de reações abstratas [...] Nós estamos muito mais familiarizado com representações sensíveis intuitivas do que com conceitos abstratos, mas que têm por base representações intuitivas (sensíveis).²⁵³

Há, portanto, uma proximidade entre Freud, Kant e Mach, no que diz respeito à atitude metodológica em relação à construção de analogias. Ambos os autores se aproximam quando pensamos acerca da natureza e da função da analogia enquanto um instrumento de investigação. Tanto para Kant, quanto para Mach e Freud, a analogia se torna um índice organizador da experiência, útil na formulação e resolução dos problemas que ultrapassam os limites da experiência.

²⁵⁰ Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008. p. 374

²⁵¹ Mach, E. (1905). *La Connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarion, 1922. p. 235-236

²⁵² Mach, E. (1905). *La Connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarion, 1922. p. 106-107

²⁵³ Mach, E. (1905). *La Connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarion, 1922. p. 251-252

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método especulativo em Freud, conforme observamos, não se apresenta como um mero delírio alucinatório ou um erro metodológico, ainda, não diz de uma atitude inédita na história da ciência ou um estilo de expressão literária da escrita de Freud. O método especulativo se mostra, portanto, coerente dentro da atitude epistemológica adotada por Freud, correspondendo a um modelo de investigação científica, que tem como o objetivo a formulação e resolução de problemas próprios, tendo como a natureza única o domínio dos dados empíricos.

A metapsicologia freudiana, na perspectiva aqui defendida, traduz o solo no qual a psicanálise se apoia enquanto método epistemológico, ou seja, a metapsicologia demonstra a correspondência entre Freud e o programa científico kantiano de pesquisa *a priori* para as ciências da natureza, na medida em que o modelo tomado por Freud em suas construções corresponde à perspectiva heurística de ciência, tendo em vista que as especulações teóricas se mostram efetivas dentro do cenário científico, enquanto sua funcionalidade lógica para a pesquisa.

A psicanálise concebida a partir desse horizonte exploratório, é concebida como uma ciência, tal como qualquer outra, como sempre foi defendido por Freud, tendo em vista sua correspondência com um modelo já preexistente no panorama científico. Isso a coloca em um lugar passível de criticidade, assim como qualquer outro campo do conhecimento, sem, contudo, deixar de considerar sua natureza epistemológica em relação aos seus objetivos e métodos.

Analizamos o programa de pesquisa kantiano para as ciências, esclarecendo o papel e a importância de uma metafísica da natureza, necessária a qualquer ciência da natureza, indicando, além disso, os princípios filosóficos de Kant que pressupõe a noção de conceito derivado de três faculdades: faculdade do entendimento, faculdade da intuição e faculdade da razão. Vimos que os princípios da razão nos indicam a necessidade de construções conceituais de ordem especulativa, orientando a pesquisa empírica, tendo o pressuposto de força como o elemento causal e originário desse horizonte de pensamento. Foi esclarecido, além disso, que a ideia de força corresponde a um princípio metafísico, concebido por uma concepção dinâmica, se apresentando como um modelo especulativo para guiar as pesquisas e as relações causais nas ciências naturais.

Percorremos as concepções de Mach sobre a utilização das analogias como recursos metodológicos na prática científica, assim como a necessidade de construir representações derivadas da fantasia e da imaginação, se apresentando como recursos

provisórios e necessários até a determinada ciência atingir um grau de evolução mais elevado, a fim de abandonar essas concepções analógicas.

Vimos, por outro lado, que para Freud, a metapsicologia constitui condição epistemológica para a construção da psicanálise enquanto uma plataforma científica, considerando que a metapsicologia, mesmo que passível de substituição, se mostra como imprescindível na pesquisa especulativa, auxiliando o psicanalista na observação, classificação e sistematização dos fatos constatados na experiência empírica. De acordo com Freud, o recorte especulativo da metapsicologia se apresenta a partir dos três pontos de vista que auxiliam o psicanalista na observação, organização e sistematização dos fatos: o dinâmico, o econômico e o tópico.

As pulsões se apresentam, como vimos, como um representante análogo ao conceito de força na física, sendo considerada uma substância energética passível de deslocamento e transferência no aparelho psíquico, na medida em que se apresenta a partir do ponto de vista dinâmico. A noção de quantidades energéticas, correspondente ao ponto de vista econômico, pressupõe o investimento libidinal e afetivo dentro dos representantes psíquicos. Temos, enfim, a concepção tópica que pressupõe o conflito de forças entre as instâncias psíquicas, compreendidas em termos de funcionalidade.

A pesquisa em psicanálise se guia a partir desses fundamentos epistemológicos, se apresentando como elementos passíveis de reformulações e de substituições, uma vez que são recursos especulativos, tendo a utilização da analogia como um atalho metodológico que possibilita o conhecimento de alguns processos dentro da experiência clínica. Afirmamos, a partir disso, que a metapsicologia não indica o edifício da psicanálise, mas os andaimes construídos para dar consistência às observações clínicas, uma vez que ela se mostra como uma plataforma epistemológica construída pra dar formato às problemáticas observadas na clínica, portanto, o que caracteriza a psicanálise é a observação da experiência clínica, tendo a metapsicologia como uma superestrutura especulativa que facilita a compreensão e a cognoscibilidade daquilo que escapa à experiência empírica.

Embora não tenha sido objeto de estudo da presente dissertação, trazemos a concepção de Monzani para finalizar essa investigação, pois observamos através de Monzani que as teorias postuladas por Freud nunca foram inteiramente abandonadas em detrimento de novas teorias, pois consideramos que o pensamento freudiano sofreu uma espécie de reconfiguração ao longo da história, mas preservando, no entanto, a sua essência epistemológica e investigativa sempre presente de alguma forma no substrato teórico psicanalítico.

A metapsicologia, portanto, a partir de Monzani, possui resíduos conceituais que tão logo se distanciam, se reaproximam com uma nova face; tão logo desaparecem, reaparecem com uma nova substância interpretativa; conceitos que são repensados e reconfigurados a partir de um novo contexto, sempre à espreita das necessidades epistemológicas da ciência psicanalítica. Nesse horizonte, os conceitos metapsicológicos dançam em sintonia ao ritmo da obra freudiana, nos dizendo de um movimento fluido e à mercê do movimento intelectual da psicanálise. A metapsicologia nos conta de um movimento que se desdobra em uma trajetória epistemológica ao longo de toda a história do pensamento psicanalítico.

Trazemos a contribuição de Monzani aqui para finalizar a presente dissertação com o objetivo de apontar ao leitor qual é o próximo horizonte investigativo dessa pesquisa, a qual não se limita em si mesma, tendo em vista que parcialmente a presente investigação revela substratos epistemológicos oriundos da perspectiva de Monzani, o qual será explorado em um momento futuro, pois a tarefa executada por Monzani consiste justamente em vislumbrar um panorama conceitual de alguns elementos da teoria freudiana que são resgatados e analisados sob a luz de um movimento de leitura, em oposição a leitura de que houve uma ruptura epistemológica. A teoria da sedução, embora rejeitada por Freud no final do século XIX, teria dado abertura para a construção teórica de alguns conceitos nucleares, como a sexualidade infantil, a fantasia e o complexo de Édipo, por exemplo.

Esse cuidado epistemológico traduz um questionamento nuclear, o qual se revela na medida em que o pesquisador observa que a escolha entre uma das concepções do suposto dualismo epistemológico é uma forma de mutilação da teoria psicanalítica, uma vez que esse dualismo revela não só um aspecto frágil da teoria, mas se torna uma característica inerente ao próprio discurso freudiano e precisamente uma de suas maiores especificidades. Nosso posicionamento, assim, articula-se com o pensamento epistemológico de Lebrun:

[...] cada ciência deve ser considerada antes de tudo naquilo que ela tem de diferente e único, que deve ser encarada como um objeto dotado de um funcionamento singular. [...] nenhuma ciência deve apresentar-se como uma constelação de "verdades", mas se oferecer como tema possível de um exame histórico ou filológico: a) histórico: as ciências são aventuras contingentes (da razão... se não podemos dispensar um personagem e suas proposições podem ser tratadas enquanto acontecimentos [...]); filológico: é possível conferir-lhe o estatuto de um texto e considerar cada uma delas como um corpus de fórmulas (enunciados, protocolos, indicações de pesquisa...) no qual se deposita um trabalho coletivo, cujas articulações exprimem escolhas ou decisões. (LEBRUN, 2006, pp. 137-138, grifos do autor)

Finalizamos essa dissertação, portanto, com as orientações de Lebrun, tendo em vista que a compreensão do discurso freudiano deve evitar esse suposto dualismo epistemológico, pois, conforme vimos, essa escolha entre um Freud hermeneuta ou um Freud energetista realiza uma fratura epistemológica na ciência psicanalítica, tendo em vista a rejeição da metapsicologia freudiana, seja por considerá-la inadequada em função das hipóteses naturalistas, fisicalistas, energetistas ou biológicas, seja por considerá-la como uma estrutura exclusivamente especulativa e provisória, o qual pode ser substituída. Nesse sentido, nossos esforços se dirigem em mostrar que a articulação entre o naturalismo energético, ou seja, os elementos biológicos, e o campo da linguagem se apresentam como dois lados de uma mesma moeda, considerando que esse é o caráter fidedigno da obra freudiana, uma vez que conforme Freud não se incomodava com essa suposta dualidade epistemológica e metodológica em seu discurso. Seu discurso é, portanto, por excelência, um discurso que entrelaça as duas naturezas que foram, gradativamente, sendo colocadas como opostas. Talvez essa seja a maior virada do discurso freudiano, ou seja, a possibilidade de articular duas naturezas em um único modo de expressão: o inconsciente.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

- Assoun, P-L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago.
- Assoun, P-L. (2000). *La métapsychologie*. Paris. PUF.
- Bianco, G. (2013). Jean Hyppolite, intellectuel-constellation. In: BIANCO, G. (Ed.). *Jean Hyppolite, entre structure et existence*. Paris: Éditions Rue d'Ulm/Presses de l'École Normale Supérieure.
- Binswanger, L. (1970a). *Discours, parcours, et Freud*. Paris: Gallimard. (Obra original publicada em 1936).
- Binswanger, L. (1970b). *La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie. Discours, parcours et Freud*.
- Bocca, F. V. (2016). Freud e o programa científico kantiano. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 18, n. 2, pp. 7-28, jul./dez.
- Carvalho, V. O. & Monzani, L. R. (2015). Sobre as origens da concepção freudiana de ciências da natureza. *Scientiae Studia*, Vol. 13. Nº4. p. 781–809.
- Collingwood, R. G. (1960). *The idea of nature*. Oxford: Oxford University Press.
- Coutinho-Jorge, M. A. (2008). *Fundamentos da Psicanálise – de Freud a Lacan – Volume 1. Bases Conceituais*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dalbiez, R. *O método psicanalítico e a doutrina de Freud*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- Etcheverry, J. L. (1988). *Índice de analogias*. In: Sigmund Freud. *Obras Completas*. V. 24. Buenos Aires. Amorrortu.
- Fechine, Y. (1998). Ambivalência: Subsídios para uma discussão conceitual. *Humanidades, Ciências e Letras*. Nº2. (Julho-Dezembro).
- Franco, S. G. (2012). "Dilthey: compreensão e explicação" e possíveis implicações para o método clínico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. V.15. N. 1. pp. 14-26. Mar.
- Freud, S. & Andreas-Salomé, L. (1966). *Correspondance avec Sigmund Freud*. Paris. Gallimard. Publicado originalmente nos anos de 1912-1936.
- Freud, S. & Jung, G. (1992). *Correspondance 1906-1914*. Paris. Gallimard. p. Carta de 30/11/1911.
- Freud, S. (1893). Bosquejos de la "Comunicación preliminar" in *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)*
- Freud, S. (1960). *Correspondance*. 1873-1939. Paris: Gallimard, 1991. p. 197. Carta de 24/11/1885.
- Freud, S. (1966). Group psychology and the analysis of the ego. In: Strachey, J. (Ed.). *Beyond the pleasure principle, group psychology and others works*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. [1921]. p. 67-143. (The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, 18).

Freud, S. (1967). *Das Ich und das Es*. In Sigmund Freud *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S Fischer, 1967f. Bd. 13., S. 237-289. Original Publicado em 1915. Traduzido por Helio Honda.

Freud, S. (1969). Algumas lições elementares de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938).

Freud, S. (1969c). *O estranho*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., vol 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (1975). *Análise terminável e interminável*. In: Sigmund Freud. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jayme Salomão, trad. sob a direção, Vol. 11, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1976). *Psicologia de grupo e análise do ego* (J. Salomão, Trad.). Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (1977). *A interpretação de sonhos*. vol.5. Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro, Imago, Trabalho publicado em 1900.

Freud, S. (1987). *Além do princípio do prazer* [1921]. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1990). Moisés e o monoteísmo. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 23, p. 11-161. Edição Standard Brasileira. Versão original publicada em 1939.

Freud, S. (1991). *Psychanalyse et théorie de la libido*. In: *Oeuvres complètes* (Vol. 16). Paris, PUF. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (1996). *A Interpretação dos Sonhos*. Parte II. Volume V. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1900).

Freud, S. (1996). *Além do Princípio do Prazer*. Volume XVIII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1900).

Freud, S. (1996). *As Neuropsicoses de Defesa*. Volume III. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1894).

Freud, S. (1996). Carta 69. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume I – Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889).

Freud, S. (1996). *Conferência XXXV*. Volume XXII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1933).

Freud, S. (1996). *Esboço de Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1938.

Freud, S. (1996). *Fragmento Da Análise De Um Caso De Histeria*. Volume VII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago. (Obra original publicada em 1900).

Freud, S. (1996). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXXII*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1932-1933.

Freud, S. (1996). *O Inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1915.

Freud, S. (1996). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard brasileira. Volume VIII - 1886-1899.

Freud, S. (1996). *Os Instintos e suas Vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1915.

Freud, S. (1996). *Projeto para uma Psicologia Científica*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume I – Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889).

Freud, S. (1996). *Sobre a Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1913.

Freud, S. (1996). *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1914.

Freud, S. (1996). *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol.3, pp.143-155). Imago. (Trabalho original publicado em 1896).

Freud, S. (1996). *O Problema Econômico do Masoquismo*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol.19). Imago. Trabalho original publicado em 1924.

Freud, S. (1996). *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol.3, pp. 163-183). Imago. (Trabalho original publicado em 1896).

Freud, S. (1996). *A etiologia da histeria*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol.3, pp.189-215). Imago. (Trabalho original publicado em 1896).

Freud, S. (1996). *Além do Princípio de Prazer*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 18). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). As neuropsicoses de defesa. In Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894).

Freud, S. (1996). *Doutrina Geral das Neuroses Fundadas sobre a Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 21). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931). Tradução da versão francesa por Fulgencio.

Freud, S. (1996). *Esboço de Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 23). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938).

Freud, S. (1996). *O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na civilização e outros Trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 21). 1927-1931. J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. Tradução do trecho da versão francesa por Fulgencio.

Freud, S. (1996). *Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, S. (1996). *Um Estudo Autobiográfico*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (2006). *O ego e o Id*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIX, pp. 13-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (2010). *Estudos sobre a Histeria*. In: Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, Trabalho original publicado em 1893-1895. Vol. 2.

Freud, S. (2011). Autobiografia. Obras completas (Vol. 16, p. 75-167). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925). p. 96. Grifo nosso.

Freud, S. (2011). *Autobiografia*. Obras completas (Vol. 16, p. 75-167). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu*. In. S. Freud, Obras completas (P.C.L. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. Obras completas, volume 13. (Sergio Tellaroli, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-1917). Tradução de Leopoldo Fulgencio.

Freud, S. (2015). A repressão. In S. Freud, Obras completas (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 82-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2016). O Papel Da Sexualidade Na Etiologia Das Neuroses. Obras Completas. Volume 6. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Análise Fragmentária de uma

histeria (o caso “Dora”) e outros textos. (1901-1905). Texto original publicado em 1894. Editora: Companhia das Letras. São Paulo.

Freud, S. (2016). Obras completas (1986-1939). *Volume 6: os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Freud, S. (2016). *Psicoterapia*. Texto original publicado em 1905. Obras completas. Volume 6. Companhia das Letras.

Freud, S. *A dissecação da personalidade psíquica* (1932). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas: O mal-estar na civilização; Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos, 18).

Freud, S. *A Interpretação dos sonhos*. (2017). Tradução do Alemão de Renato Zwick. Porto Alegre. RS. L&M Pocket. Texto original publicado em 1900.

Freud, S. *Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Obras completas. Vol. 13. Editora: Companhia das Letras.

Freud, S. *Estudos sobre a Histeria*. (2010). In: Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, Trabalho original publicado em 1893-1895. Vol. 2.

Fulgencio, L. & Simanke (org). (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta.

Fulgencio, L. (org). (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. Editora Blucher: São Paulo. 2018.

Fulgencio, L. (2001). *O Método Especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008.

Fulgencio, L. O método analógico em Freud. *Estilos da clínica*. Vol. XI. N° 21.

Fulgencio, L.; Simanke, R. T. (orgs.). (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta.

García-Roza, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

Glick, T. (2003). O Positivismo Brasileiro na sombra do Darwinismo: o grupo ideia nova em desterro. *História e Saúde Collection*, A recepção do Darwinismo no Brasil.

Groddeck, G. (2008). *O Livro dIsso*. São Paulo, SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1921).

Heidegger, M. (2001). Seminários de Zollikon. Petrópolis. Vozes/Educ/ABD. Original publicado em 1994.

Holanda, L. (2017). Os Manuscritos Literários: Memória em Processo. *Revista de Crítica Genérica*. Manuscrita.

n° 32. Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

Hume, D. (2009). *Tratado da natureza humana*. 2ª ed. São Paulo. UNESP.

Hyppolite, J. (1971). *Ensaio de psicanálise e filosofia*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Taurus. (Texto original publicado em 1955).

- Hyppolite, J. (1971). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955.
- Hyppolite, J. (1971a). *Histoire et existence*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955.
- Hyppolite, J. (1971b). *Psychanalyse et philosophie*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1955. p. 409-410 (Tradução de Joel Birman, presente no prefácio do livro de Hyppolite, *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro: Taurus. (Texto original publicado em 1955).
- Hyppolite, J. (1971c). *Philosophie et psychanalyse*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1959.
- Hyppolite, J. (1971d). *L'existence humaine et la psychanalyse*. In: HYPPOLITE, J. *Figures de la pensée philosophique*. Paris: PUF. Artigo original publicado em 1959.
- Jones, E. (1989). *Vida e obra de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1953).
- Kant, I. (1798). *Antropologie du point de vue pragmatique*. Paris, Vrin.
- Kant, I. (1923). *Manual dos Cursos de Lógica Geral*. Uberlândia, Campinas. EDUFU/IFHC-Unicamp. 1998.
- Kant, I. (1990). *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*. Lisboa, Edições 70. Original publicado em 1786.
- Kant, I. (1997). *Crítica da Razão Pura*. 1. Ed. 1781 (A) e 2. Ed. 1787 (B). Traduzido a partir da edição crítica de Raymund Schimidt (1956). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura*. 2.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original publicada em 1781).
- Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Lagoas, J. M., & Chatelard, D. S. (2018). O cientificismo de Freud na encruzilhada do sistema da consciência. *Psicologia Em Revista*, 24(1).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1988). *Fantasia originária, fantasias das origens e origens da fantasia*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- Lebrun, G. *A ideia da epistemologia*. In: LEBRUN, G. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- Loparic, Z. (1984). Resolução de Problemas e Estrutura de Teorias em Mach. *Cadernos de História e Filosofia de Ciência*. n. 6.
- Loparic, Z. (2003). De Kant a Freud: Um Roteiro. Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica - PUC-SP. *Revista Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência*. Vol. 02(8).
- Loparic, Z. (2003a). As duas metafísicas de Kant. *Kant e-prints*. v.2. n.5. 2003. Edição Eletrônica.
- Loparic, Z. (2003b). De Kant a Freud: um roteiro. *Revista Kant e-Prints*. Vol. 2, n. 8.

- Loparic, Z. (2003c). Kant e as especulações metapsicológicas em Freud. *Revista Kant e-prints*.
- Lucas, L. (1854). *La chimie nouvelle* [A Nova Química].
- Mach, E. (1922). *La connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarion. Original publicado em 1905.
- Mach, E. (1987). *La Mécanique – Exposé Historique et critique de son développement*. Paris, Jacques Gabay. Publicado originalmente em 1883.
- Mannoni, O. (1994). *Freud: uma biografia ilustrada* (M. L. X. A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1968).
- Mannoni, O. *Freud*. Paris: Seuil, 2002.
- Manzi, R. (2017). Um caso de reducionismo na leitura da metapsicologia freudiana – o caso francês. p. *Revista de Psicanálise Die Hexe*. V. 1. N. 1. Set. 2017.
- Masson, J. M. (1986). *A Correspondência de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Masson, J. M. (1986). *A Correspondência e Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago. p
- Merleau-Ponty, M. (1955). *La nature. Notes. Cours du Collège de France*. Paris: Seuil.
- Merleau-Ponty, M. (1967). *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard.
- Mezan, R. (1995). *Figuras da teoria psicanalítica*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, Escuta.
- Mezan, R. (2012). O fantasiar metapsicológico do psicanalista e aquele do escritor criativo: semelhanças e distinções. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 458-469, dez.
- Mezan, R. (2019). *Freud: pensador da cultura*. São Paulo: Editora Blucher. 8ª edição. (Original publicado em 1986).
- Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. Original publicado em 1989.
- Noto, C. S. (2017). O deficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. *Revista dois pontos*: Curitiba, São Carlos, volume 14, número 1, p. 145-157. Abril.
- Padovan, C. (2017). As origens médico-psiquiátricas do conceito psicanalítico de narcisismo. *Revista Ágora - Estudos Em Teoria Psicanalítica*. Vol. XX,
- Paes de Barros, C. (1975). Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico. Em: *Psicanálise: problemas metodológicos*. Petrópolis, Vozes.
- Papus. *Tratado Elementar de Ciências Ocultas: A Sabedoria develada sobre as teorias e os símbolos usados pelos antigos alquimistas, astrólogos, maçons e cabalistas*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Pensamento. 2021.

- Pereira, M. E. D. (2008). Pierre Janet e os atos psíquicos inconscientes revelados pelo automatismo psíquico das histéricas. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 301-309, junho.
- Politzer, G. (2004) *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a Psicologia e a Psicanálise*. 2ª Edição. Piracicaba: UNIMEP.
- Popper, K. R. (2001). *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix. Original publicado em 1959.
- Pribram, K. & Gill, M. (1976). *O Projeto de Freud: Um Exame Crítico*. São Paulo, Cultrix.
- Rapaport, D. (1982). *A Estrutura da Teoria Psicanalítica*. São Paulo, Perspectiva.
- Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Ricoeur, P. *De l'interprétation, essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965. Em português: *Da interpretação, ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Sartre, J-P. (2006). *L'Être et le Néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris:Gallimard.
- Simanke, R. T. & Caropreso, F. A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 51-78, 2011.
- Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Revista scientiæ studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.
- Simanke, R. T. (2010). O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é. Dossiê Temática: Psicanálise e Filosofia: um diálogo possível?. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.11, n.esp., p.189-214, mar.
- Simanke, R. T. (2014). Reflexões sobre a área de pesquisa Filosofia da Psicanálise: um depoimento sobre sua constituição em São Paulo. *Revista Analytica*. São João del-Rei. v. 3. n. 4. p. 201-228. janeiro/junho.
- Siméon, M. & Ariel, R. (1977). *Freud: A Aventura Psicanalítica*. Editora: Nova Fronteira. Rio de Janeiro.
- Solomon, R. C. (1976). *A teoria neurológica da mente em Freud*. Em R. Wolhlein (Org.). *Freud: uma coletânea de ensaios críticos* (K. Scheel, Trad.). (pp. 39-66). Rio de Janeiro: Artenova.
- Vaihinger, H. (2011). *A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista*. Trad.: Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos.
- Whitehead, A. N. (1994). *O conceito de Natureza*. Tradução de Júlio B. Fischer. São Paulo: Martins Fontes. Obra original publicada em 1920.